

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Angelo Cardoso Sá

ESCREVER A MEMÓRIA: o narrador em *O Mulo*, de Darcy Ribeiro

Belo Horizonte
2024

Angelo Cardoso Sá

ESCREVER A MEMÓRIA: o narrador em *O Mulo*, de Darcy Ribeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Raquel Beatriz Junqueira Guimarães

Linha de pesquisa: Trânsitos literários – produção, tradução, recepção

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S111e	Sá, Angelo Cardoso Escrever a memória: o narrador em <i>O Mulo</i>, de Darcy Ribeiro / Angelo Cardoso Sá. Belo Horizonte, 2024. 145 f. : il. Orientadora: Raquel Beatriz Junqueira Guimarães Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras 1. Ribeiro, Darcy, 1922-1997 - O mulo - Crítica e interpretação. 2. Literatura brasileira. 3. Personagens literários. 4. Autobiografia. 5. Memória. 6. Biografia como forma literária. 7. Escritores - Biografia - História e crítica. I. Guimarães, Raquel Beatriz Junqueira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. SIB PUC MINAS CDU: 82.09
-------	---

Angelo Cardoso Sá

ESCREVER A MEMÓRIA: o narrador em *O Mulo*, de Darcy Ribeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Prof.^a Dra. Raquel Beatriz Junqueira Guimarães - PUC Minas (Orientadora)

Prof.^a Dra. Claudia Campos Soares - UFMG (Banca Examinadora)

Prof.^a Dra. Márcia Marques de Moraes - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 17 de maio de 2024

Figura 1 - Homenagem



Fonte: Ilustração produzida por Bruno Barbi (2023).

Márcia Marques, Priscila Campello, Raquel Guimarães e Vera Lopes, potentes mulheres que escutaram, falaram e acolheram-me durante a trajetória pelo território literário, dedico este estudo a vocês.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, preciso dizer que agradecer é também um ato de atenção, porque requer encontrar formas assertivas na tentativa de demonstrar aos outros o quanto se é grato. E, portanto, demanda selecionar algumas pessoas e reafirmar para elas que realmente o tempo investido no projeto do outro faz toda a diferença. Sem dúvida, a memória, às vezes, dá voltas em quem se propõe a lembrar, e privilegia certos momentos. No entanto, alguns nomes arrolados aqui jamais poderiam deixar de aparecer — negligenciá-los significaria mostrar que parte de mim esmaeceu com o tempo.

Aos profissionais da Escola Estadual Maurício Murgel, representados pela diretora Sônia Marinho, muito obrigado. Lembro-me com carinho dos inúmeros momentos de apoio e das ofertas de materiais que vocês entregaram-me para ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essa força, certamente, ajudou-me a conquistar mais um sonho. Afinal, fazer parte da UFMG não é difícil; desvendar o enigma de permanecer por lá é que demanda esforço, sobretudo coletivo — o que seria de mim sem vivenciar as políticas públicas?

Muito possivelmente, a UFMG metamorfoseia os filhos, a Universidade de São Paulo (USP) apadrinha e a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) cria — ao menos, no meu caso, foi assim. A graduação proporcionou-me uma mudança de vida e de cultura. Da especialização em Gestão Escolar ao mestrado em Letras, uma pedra no meio do trecho. 300 motivos para desistir, 350 ocasiões para continuar, e até aqui ajudaram-me Deus, os anjos e as belas amizades que o Espírito Santo se encarregou de trazer.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), minha sincera admiração, porque não deixou faltar recursos para que eu ingressasse e permanecesse no mestrado, compondo o meu percurso formativo.

À PUC e o *campus* Coração Eucarístico, representados pelos profissionais que administram, zelam pela limpeza e conservação dos espaços, garantem a segurança e fazem parte do processo de mediação de saberes, instituição a qual tenho orgulho de externar o sentimento de pertencimento, meu eterno respeito. Sem os ensinamentos proporcionados nesta casa, decisivamente, faltaria um capítulo da minha história que está em constante escrita.

Aos professores, que me ensinaram a comparar, interpretar e receber os textos não-literários e literários, agradeço de todo o coração. Aos colaboradores da Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi, da PUC, em especial à Paola Gabriela Arantes e à Fabiana Silva. E aos servidores do Acervo de Escritores Mineiros, órgão auxiliar da Faculdade de Letras, que me receberam na Biblioteca Central da UFMG, muito obrigado! Saibam que o apoio, o empenho e

a empatia de vocês fizeram com que eu me sentisse mais feliz durante todo o processo de pesquisa.

Raquel, muito obrigado por ter aceitado assumir a orientação deste estudo. Transparência e empatia são dois termos que resumem a nossa parceria! Caminhar com você trouxe paz ao meu espírito e fez com que eu ampliasse meu olhar interpretativo. Me sinto honrado ao dizer: “sou orientando da professora Raquel Guimarães”, pois sempre recebo um sorriso acompanhado de um comentário positivo a seu respeito.

Nathalie Resende de Carvalho, colega de profissão e amiga de vida, não tem preço esse nosso entrosamento. Sempre que falo de você, expresso toda a minha admiração, pois suas palavras adubam as mudas de esperança no solo fértil do meu coração.

Nilvania Gonçalves de Azevedo, minha madrinha da Produção Textual, às vezes quase não encontro palavras para descrever a alegria que sinto nos dias em que recebo suas mensagens de ânimo. Você, o Geraldo e o Gustavo são parte da minha família, afinal sempre pareceu que já nos conhecíamos. Bastaram a carreira e o serviço para traçarem uma rota precisa em que nos encontramos, comungamos, passamos sufoco e vencemos juntos — amo vocês.

Aproveito esse momento para expressar minha alegria pela vida de todas as pessoas que fazem parte do Colégio Noeme Campos, local onde tive a honra de participar de muitos eventos relacionados à arte e à escrita de textos literários. Nilvania, sou grato a você por ter mediado o acesso ao colégio e aberto espaço ao contato com os jovens do Ensino Médio para falarmos sobre literaturas de Língua Portuguesa.

Lorraine Maciel, parceira de escrita, compradora de ideias e amiga, um forte abraço e que sigamos fazendo acontecer os nossos sonhos. Reitero o que foi dito por você em sua dissertação: “nossa amizade é boa, bela e verdadeira”. Acrescento — não tóxica.

Bruna Oliveira, Flávia Fontes, Leandro Sousa, Mikaella Silva, Nathália Santos, Nathaly Silva, Sara Silva, Selma Assis, Thaís Batista e Tiago Dieguez, colegas de curso e amigos de jornada, gratidão! “Gente, como se percebe isso neste texto?” Lembram? Sinto muita saudade das tardes e das noites, de vez em quando chuvosas, não é, Flávia? (Daqui a pouco começa a chover — risos —). Sinto falta das nossas trocas de saberes, vocês são inspirações para mim.

Sou filho único e tenho os meus pais para honrar. Alfredo Marcelo Sá e Jânia Maria Cardoso Sá, razão da minha passagem por este mundo, caso vocês não carregassem o peso da vida adulta comigo, de fato, eu desistiria de tudo. Encontrei, nos senhores, colo, ouvido e provisão, conseqüentemente, esperança, graça e luz. Quando a vida fez silêncio, vocês cantaram formidáveis canções para que eu não deixasse de sonhar. Contem com a minha gratidão, o meu amor e carinho sempre!

As famílias Cardoso & Sá, amigos e colegas, irei resumir o que vocês representam para mim na seguinte expressão: “o dom da graça de Deus”. Ele achou graça em mim e fez com que eu tenha a honra de tê-los em minha vida. Agradeço pelas advertências e demonstrações de amor, tudo isso fez parte do meu processo de crescimento. Fico muito feliz ao perceber o homem que me tornei.

Ester Alcântara, muito obrigado por dedicar o seu tempo a escutar as minhas ideias, ler e reler o que escrevo, deslocar mais de 50 quilômetros e encontrar comigo nas suas folgas. Nosso vínculo é tão forte que a maioria das pessoas questiona se somos familiares ou amigos antigos. Penso que somos tudo isso: amigos, irmãos e compradores de ideias um do outro. Amo a sua vida e sou seu fã.

Brayan Afonso, Carlos Cavalin, Carol Salomão, Gabriel Ferreira, Gabrielle Sangy, Jussara Santos, Marlon Santana, Stephanie Maris e Thatiana da Silva, parceiros neste longo percurso de busca pela dignidade, agradeço a vocês por escutarem as minhas hipóteses, suportarem os meus momentos de apreensão, de euforia, e viverem comigo os diversos instantes de júbilos.

Bruno Barbi, amigo catarinense, gratidão por ter aceitado compor com a sua arte este trabalho de luta e resistência para melhor entendermos a literatura produzida no Brasil.

Alexsandra Souza, foi ela quem comentou sobre *O Mulo*, de Darcy Ribeiro. Era 2018 e estávamos conversando, em pé, nas escadas do prédio do Ensino Médio, no Colégio ICJ (Instituto Coração de Jesus). Falávamos acerca de romances brasileiros, citei *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e ela instigou-me a ler o romance do Darcy, valeu demais por ter falado sobre essa obra.

Daniel Zanella, amigo paranaense, fundador e editor do RelevO¹, obrigado pela leitura e revisão deste trabalho.

Às professoras Claudia Campos Soares e Márcia Marques de Moraes, que aceitaram o convite para comporem a banca de arguição, antecipadamente, expressei meu respeito e minha admiração por vocês. Sei que seus apontamentos, suas contribuições e seus diálogos serão significativos para garantir a qualidade desta dissertação, uma vez que todo trabalho acadêmico é realizado por um senso de coletividade. São os esforços de cada pessoa que, diretamente ou indiretamente, contribuíram e contribuem para que, no tempo presente, pudéssemos nos envolver com o ensino e a pesquisa em prol de estendermos nossas mãos para também entregarmos algo à sociedade. A todos reitero meu muito obrigado!

¹ Impresso de literatura mensal feito em Curitiba desde agosto de 2010.

A consciência existe por si, inclusive no ser humano, e não só enquanto está em contato com ela. Pode ter vários nomes: realidade, verdade, liberdade, Deus; é algo dinâmico, atuante, sempre exigindo contato, nunca estando só. Constitui-se num mistério: sua base é dupla, chegando sempre a um terceiro resultado — independentemente da vontade de seu possuidor. Ela é quase uma outra entidade. Porém, que seja capaz de transformar o indivíduo quando a aceita, é um fato (Keppe, 2004, p. 23).

RESUMO

Nesta dissertação, analisa-se o narrador em primeira pessoa a partir de uma obra ainda pouco estudada no âmbito das pesquisas em Literatura Brasileira: *O Mulo*, de Darcy Ribeiro. Objetiva-se investigar a constituição do narrador em primeira pessoa e suas marcas fundamentais, com o intuito de compreender, no livro escolhido, como aparecem as especificidades da escrita dos gêneros confessionais, memorialísticos e testamentários. Para tanto, foram realizados estudos sobre os gêneros confissão e testamento, os tipos de narrador, do romance de memória, a relação entre os personagens da obra e o narrador, assim como a função da escrita na narrativa em análise. A metodologia de trabalho foi antecedida por uma pesquisa bibliográfica acerca do livro *O Mulo*, por meio da chamada revisão sistemática adaptada aos estudos literários, resultando na identificação de 12 trabalhos que serviram de referência para esta pesquisa. Tais referências foram acrescidas de outras no que concerne à escrita da memória, às teorias do narrador e à natureza das autobiografias confessionais, que, reunidas, possibilitaram o desenvolvimento das análises aqui organizadas em três capítulos. Com base nas referências selecionadas e na leitura minuciosa do romance *O Mulo*, pôde-se discutir a escrita memorialística, a noção de confissão e testamento, a escolha de herdeiros, entre outros elementos elucidadores da obra de Darcy Ribeiro. Junto com a análise do livro, optou-se, também, por conhecer mais seu autor e estabelecer a relação entre sua condição de antropólogo e sua prática artístico-literária. A partir dessa percepção foram estabelecidas aproximações elucidativas de metáforas presentes na obra *O Mulo*, em especial a ideia da troca de peles.

Palavras-chave: autobiografia ficcional; Darcy Ribeiro; memória; narrador; *O Mulo*.

RESUMEN

Esta disertación analiza el narrador en primera persona en una obra aún poco estudiada en el ámbito de la literatura brasileña: *O Mulo*, de Darcy Ribeiro. El objetivo es investigar la constitución del narrador en primera persona y sus características fundamentales, con el fin de comprender, en el libro elegido, cómo aparecen las especificidades de la escritura de los géneros confesionales, memorialísticos y testamentarios. Para ello, se realizaron estudios sobre los géneros confesión y testamento, los tipos de narrador, del romance de memoria, la relación entre los personajes de la obra y el narrador, así como la función de la escritura en la narrativa en análisis. La metodología de trabajo fue precedida por una investigación bibliográfica sobre el libro *O Mulo*, a través de la llamada revisión sistemática adaptada a los estudios literarios, lo que resultó en la identificación de 12 trabajos que sirvieron de referencia para esta investigación. A estas referencias se sumaron a otras en lo que respecta a la escritura de la memoria, a las teorías del narrador y a la naturaleza de las autobiografías confesionales, que, reunidas, posibilitaron el desarrollo de los análisis aquí organizados en tres capítulos. Con base en las referencias seleccionadas y en la lectura minuciosa del romance *O Mulo*, se pudo discutir la escritura memorialística, la noción de confesión y testamento, la elección de herederos, entre otros elementos esclarecedores de la obra de Darcy Ribeiro. Junto con el análisis del libro, también se optó por conocer más a su autor y establecer la relación entre su condición de antropólogo y su práctica artístico-literaria. A partir de esta percepción se establecieron aproximaciones esclarecedoras de las metáforas presentes en la obra *O Mulo*, en especial la idea del intercambio de pieles.

Palabras clave: autobiografía ficticia; Darcy Ribeiro; memoria; narrador; *O Mulo*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Homenagem.....	4
Figura 2 - Em <i>O Mulo</i> : um narrador que rememora e registra	15
Figura 3 - Organização sistemática dos estudos a partir de bases de dados e registros	23
Figura 4 - Representação do movimento traçado pelo narrador.....	101
Figura 5 - Elementos que compõem o enredo de <i>O Mulo</i>	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratégias de busca a partir de palavras-chave	22
Quadro 2 - Textos selecionados.....	24
Quadro 3 - Divisão da obra <i>O Mulo</i> , de Darcy Ribeiro.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEM	Acervo de Escritores Mineiros
APA	<i>Association pour l' Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DER-MG	Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
FUNDAR	Fundação Darcy Ribeiro
ICJ	Instituto Coração de Jesus
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
UNIMONTES	Universidade Estadual de Montes Claros
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
2	A OBRA <i>O MULO</i> EM OUTROS ESTUDOS.....	26
2.1	Exposições acerca dos trabalhos encontrados	26
2.2	Paulo Honório, Riobaldo e Philogônio: aproximações entre os narradores.....	49
3	A AUTORIA E O ATO DE CONFESSAR.....	58
3.1	Escrita memorialística - a sensação do eterno	58
3.2	Autor, escrita, narrador e leitor.....	62
3.3	Philogônio - um “eu elucubrando” sobre a vida e a morte	75
3.4	Um “eu” confessando para se defender.....	82
4	O NARRADOR DA CONFISSÃO	92
4.1	Vários “eus” - uma só brutalidade.....	96
4.2	O narrador em diversas peles	107
4.3	Memórias sexuais do narrador	123
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS	139

Figura 2 - Em *O Mulo*: um narrador que rememora e registra



Fonte: Ilustração produzida por Bruno Barbi (2023).

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem, como sistema estruturado utilizado pelos seres humanos para estabelecer comunicação, faz conhecer a intensificação dos empenhos físicos, intelectuais ou morais empregados para a sobrevivência dos povos. Grande parte deste saber, produzido e transmitido às diferentes gerações, manifesta-se em várias sociedades — não somente pela inclinação para construir coisas concretas, mas também para materializar conceitos abstratos. Isso é evidente nos registros de descobertas em diferentes campos e nos memoriais erguidos para preservar a lembrança de acontecimentos históricos. A linguagem marca tanto a postura coletiva de compartilhar ideias quanto a sobreposição de grupos em suas relações de poder. Todorov (2006, p. 53) afirmou que a literatura

[...] tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela portanto não só como primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem.

O autor búlgaro explicou acerca do enunciado, enquanto parte do discurso, explicitando que o enunciado e a enunciação produzem duas realidades, uma das personagens e a outra do par narrador e leitor. Ainda, Todorov (2006), ao citar os formalistas russos, expôs que em todas as narrativas os acontecimentos representados aparecem tal qual poderiam ter literalmente ocorrido, de um modo individual escolhido pelos escritores no momento de representar. Ou seja:

[...] Em toda narrativa, eles [os formalistas russos] distinguem a *fábula*, isto é, a série de acontecimentos representados, tais quais eles se teriam desenrolado na vida, da *trama*, arranjo particular dado a esses acontecimentos pelo autor. As inversões temporais eram seu exemplo favorito: está evidente que a relação de um acontecimento posterior com um anterior trai a intervenção do autor, isto é, do sujeito da enunciação. [...] essa oposição não corresponde a uma dicotomia entre o livro e a vida representada, mas a dois aspectos, sempre presentes, de um enunciado, a sua dupla natureza de enunciado e enunciação. Esses dois aspectos dão vida a duas realidades, tão lingüística (*sic.*) uma quanto outra: a das personagens e a da dupla narrador-leitor (Todorov, 2006, p. 60).

Diante disso, ressalta-se a importância de compreender que as linhas entre realidade e ficção podem se misturar, mas, mesmo assim, a linguagem posta em cena faz com que o discurso e a história funcionem imitando o real dentro de um composto abstrato e irreal.

O ato de se propor a contar ou a escutar uma história envolve memória, criatividade e encadeamento de ideias. Algumas narrativas marcam tanto a vida das pessoas que certos personagens ou livros, por exemplo, se tornam inesquecíveis. Geralmente, na infância, os pais estimulam seus filhos a terem contato com as coisas que estão dispostas no mundo, como a arte e todas as formas de expressão da linguagem. Lembro-me que meu pai elaborava rimas e contava histórias do seu local de pertença. A região de Diamantina aparecia no discurso dele com o barulho das cachoeiras, a descrição de como os muros construídos pelos escravos ocorreu, o destaque, com um tom mais embargado, no momento de falar das igrejas para brancos e pretos, e toda a superstição dos sertões compunham os cenários que meu pai narrava. Eram outros tempos, a matriarca de nossa família cozinhava para todos e dividia os pratos para que os muitos filhos fossem alimentados.

Naquele contexto extremamente patriarcal, minha avó, segundo o meu pai, acordava cedo para colocar no fogão simples a lenha que meus tios arranjavam. Ela fazia cruzeiros nas paredes quando ficava chateada com alguém e esconjurava o filho ou a filha. À noite, depois de o meu avô ter passado o dia todo cuidando das estradas, prestando serviço para o DER-MG (Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais), ele solicitava à minha avó uma bacia com água para lavar os pés e as mãos, e iniciava a sua reza diária (meu pai relatou que meu avô não perdia uma missa, porque era um devoto de Nossa Senhora da Conceição). Ainda, algumas pessoas dessa época diziam que, de madrugada, era preciso pedir licença às almas, principalmente se um enxame de abelhas passasse por perto. Era preciso, também, segundo ele, levar a pinga e o amendoim para as andanças noturnas, pois eles eram o consolo do viajante para suportar o frio e a solidão da noite. Essas histórias, guardadas em minha memória, passaram a fazer mais sentido ainda quando cursei o Ensino Médio e li Erico Veríssimo, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Era como se, já naquele tempo, o sertão fizesse parte de mim, pois carregou um sentimento de pertença em relação “ao sertão-mundo”.

Já na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) discutíamos sobre o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, *Vidas Secas* e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, entre outras obras brasileiras, a rusticidade de um povo pobre, bravo e, muitas vezes, retirante, fazia com que eu dialogasse ainda mais com os meus pais sobre literatura e arte. No meio dessas lembranças que a literatura costurava, lembro-me bem que, quando estava realizando o estágio obrigatório, a professora Alexandra recomendou-me a leitura de *O Mulo*, de Darcy Ribeiro. Confesso que não conhecia as produções de Ribeiro, tampouco sabia acerca da importância do cidadão brasileiro, de Montes Claros, autor de *Maíra*, mas também autor do narrador Philogônio de Castro Maya. Quando li o referido romance pela primeira vez, lembrei-me de Paulo Honório,

mas, prontamente, identifiquei que havia importantes diferenças entre eles. Desde logo percebi que a figura de Philogônio era intrigante e a escrita de sua confissão e testamento, tendo como pano de fundo o ambiente rural, com um enredo contado em primeira pessoa, certamente, impulsionou-me a querer estudar este segundo romance de Darcy Ribeiro.

Atentando-me para o modo como o enredo do romance se desenrolava, me propus a questionar o seguinte: como e com qual intenção o narrador de *O Mulo* se apropria do ato de escrever a sua confissão e o seu testamento? Para tanto, embasei-me na hipótese de que esse narrador, sabendo que poderia morrer a qualquer momento face à sua condição de saúde, se apropria do ato da escrita da confissão e do testamento para resgatar a memória de toda a sua vida e se “salvar” da morte, eternizando-se por meio da escrita. A partir desta hipótese, passei ao estudo da obra, tendo como objetivo geral investigar a constituição do narrador em primeira pessoa e suas marcas fundamentais na obra *O Mulo*, de Darcy Ribeiro, com o intuito de compreender as especificidades da escrita dos gêneros memorialísticos, confessionais e testamentários ali presentes. Quanto aos objetivos específicos, elenquei os seguintes: estudar os gêneros confissão e testamento, e suas interlocuções; pesquisar acerca dos tipos de narrador; investigar sobre o romance de memória; investigar acerca da construção do narrador em *O Mulo*; investigar a relação dos personagens da obra, com o intuito de compreender a constituição da identidade de Philogônio e avaliar a função da escrita no interior do romance em análise.

Destaca-se que, na literatura brasileira, inúmeros foram os contributos de autores que se dedicaram a propor um projeto literário nacional, como José de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis e tantos outros, com o intuito de demarcarem um posicionamento, por meio de uma literatura própria, frente ao mundo. O processo de colonização, instaurado no território brasileiro a partir de 1500, foi marcado por contato entre europeus, indígenas e negros africanos em situação de escravidão, o que contribuiu decisivamente para a formação de um povo com marcas pluriétnicas. A maioria da gente brasileira foi se tornando menos favorecida, escondida na sombra dos mais abastados, e serviu de motivação para a produção de autores, como José Américo de Almeida (*A bagaceira*, 1928), Graciliano Ramos (*Vidas Secas*, 1938), Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo*, 1960) e demais artistas, que, por meio do texto literário, externaram, esteticamente, as circunstâncias da condição humana na vida de suas personagens. Exemplo disso é Fabiano, personagem de *Vidas Secas*, um sujeito que se viu obrigado a se colocar em “Mudança” para fugir das intempéries da natureza, e dar condições de sobrevivência para si e sua família.

Entre os escritores brasileiros preocupados com os sentidos nacionais tanto na literatura quanto na formação do povo encontram-se as produções de Darcy Ribeiro. Dentre elas pode-se destacar aquelas voltadas para um viés mais antropológico em que estão em cena a terra e o povo, em especial a população originária, como é o caso da obra *Maíra* (1976). Neste romance, Ribeiro (1996)² afirmou ter incorporado contos de muitos povos, lendas e mitos, assegurando conhecer bem os indígenas, estes que, de acordo com o antropólogo, são desprendidos de fanatismos de uma verdade, pois são capazes de aderir a mais de uma versão de um mesmo evento. A questão social, discutida a partir de produções literárias no Brasil, de fato, fez com que escritores se empenhassem para expor suas formas de pensar o nacional, apontando para a organização de reflexões que orientavam o entendimento acerca da sociedade, sobretudo evidenciando os estratos sociais. Candido (2006), sobre a relação entre obra e seu condicionamento social, advertiu que o estudo estético é antecedido por fundamentos nos quais se seguem outras premissas, pois:

[...] antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* (Candido, 2006, p. 12-13).

Portanto, essa foi a perspectiva que norteou a abordagem, aqui apresentada, ao segundo romance de Darcy Ribeiro, *O Mulo*, no qual o autor elabora uma narrativa contada em primeira pessoa, por um sujeito em constante transição. Fadado ao fracasso, o narrador da obra subverte e molda o seu destino; dá-se a impressão de que a ação de matar o faz avançar, e que a cada morte esse sujeito ascende. Com a passagem do tempo, o processo de modernização o assusta, mas, com uma personalidade formada e uma lógica do vencedor predestinado, ele abate os mais fracos e abaixa a cabeça para os mais fortes. Enquanto Philogônio ascende socialmente, transformando sua vida e a vida do e no sertão dos goiases, o país também se moderniza. Essa

² Considerações feitas por Darcy Ribeiro na Introdução de *Maíra*, em tiragem comemorativa aos 20 anos da primeira edição do livro.

evolução transforma a cidade e dá novos contornos ao meio rural. A palavra do homem passa a valer bem menos do que o papel.

De posse de um documento, o narrador passa a ter um nome fixo, Philogônio de Castro Maya; também pela via do documento perde terras e, mais uma vez, por esse meio tenta se salvar. Desse modo, Ribeiro põe em cena, na verdade, alguém que era explorado e conseguiu se transformar em explorador. Um sujeito violento que, sabendo da chegada de sua morte, renuncia os cuidados de seus bens materiais para empenhar-se na tarefa da escrita, como forma de cuidar de sua imagem. Nesse novo ofício, a intenção de Philogônio fica nítida, relembrar a sua vida para (re)viver momentos que tanto reafirmam a sua identidade quanto legitimam a sua existência.

A fim de realizar um estudo, como mencionado anteriormente, acerca do narrador que escreve sua confissão e o seu testamento, por meio da rememoração de sua vida e da narrativa do tempo presente da contação, optou-se por um percurso metodológico de cunho bibliográfico e da realização do processo de revisão sistemática da literatura.

Destaca-se que a narrativa de *O Mulo* põe à mostra um sujeito complexo que, parafraseando Darcy Ribeiro, gera mais comoção do que revolta. O narrador-personagem, na faixa etária de seus 50 anos, doente e sem parentela, se propõe a fazer o registro escrito de sua própria vida, rememorando fases de sua infância, adolescência e idade adulta. Essa rememoração se constitui de uma confissão escrita, a um padre imaginado, dos crimes-pecados cometidos. Com base no enredo, identifica-se que muitas são as formas de se estudar esse romance. Para a realização do presente estudo, destaca-se o narrador e seu trabalho com a escrita de memórias. Ressalta-se que, mesmo Darcy Ribeiro tendo sua capacidade de ficcionista reconhecida por críticos, como Antonio Candido (1996) no texto *O mágico de Montes Claros*, ainda existem poucos trabalhos publicados acerca de seus romances.

Diante disso, foi preciso fazer um detalhado levantamento bibliográfico para compreender o que seria possível encontrar de estudos sobre o romancista. O levantamento bibliográfico teve início no final de 2022 e foi consolidado no segundo semestre de 2023. Nesse percurso, recorreu-se tanto ao Acervo de Escritores Mineiros (AEM), da Faculdade de Letras da UFMG, quanto à busca de informações na biblioteca Padre Alberto Antoniazzi, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, no Coração Eucarístico. No Acervo foram encontrados alguns materiais importantes, especialmente edições da revista *Carta*, restritamente distribuída pelo gabinete de Darcy Ribeiro durante o tempo em que exerceu o cargo de senador.

Na biblioteca da PUC, teve-se contato com uma modalidade de pesquisa chamada de revisão sistemática da literatura. No contexto da escrita de um artigo de revisão sistemática, por

exemplo, Costa e Zoltowski (2014) explicaram que nesse tipo de revisão há uma ampliação de busca, proporcionando um grande quantitativo de resultados, de forma organizada. Os autores destacaram oito etapas básicas que envolvem esse processo, a saber: (1) delimitação da questão a ser pesquisada; (2) escolha das fontes de dados; (3) eleição das palavras-chave para a busca; (4) busca e armazenamento dos resultados; (5) seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; (6) extração dos dados dos artigos selecionados; (7) avaliação dos artigos e (8) síntese e interpretação dos dados.

Neste trabalho, adaptando a revisão sistemática aos estudos literários, considerou-se o pressuposto de que são poucos os trabalhos realizados sobre os romances de Darcy Ribeiro, principalmente acerca da obra *O Mulo*. Por essa razão, decidiu-se não estabelecer um recorte temporal para as buscas. Na “delimitação da questão a ser pesquisada”, pôs-se em evidência o que suscitou o interesse para ser estudado no referido romance de Darcy Ribeiro, sendo possível problematizar o seguinte: de que maneira e com qual intenção o narrador de *O Mulo* se propõe a escrever a sua confissão e o seu testamento? Para a “escolha das fontes de dados”, foram selecionadas quatro bases eletrônicas — Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Portal de Periódicos CAPES; *Scopus*; *Web of Science* —, considerando dissertações, teses e artigos científicos como materiais a serem analisados.

Quanto à “eleição das palavras-chave para a busca”, para cada base de dados elaborou-se três estratégias de busca, utilizando os operadores booleanos, OR (ou), AND (e), com o propósito de definir relações entre os termos a serem pesquisados, conforme organizado no Quadro 1.

Quadro 1 - Estratégias de busca a partir de palavras-chave

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	
Filtros selecionados: Dissertações; Teses / Idioma: Português.	
1. ^a Estratégia de pesquisa = (“Darcy Ribeiro” OR “narrador” OR “narrator”) AND (“Mulo” OR “Mule”) = 24 resultados	
2. ^a Estratégia de pesquisa = (“Darcy Ribeiro”) AND (“romanc*” OR “obra” OR “Livro*” OR “Novel” OR “work” OR “Book”) = 226 resultados	
3. ^a Estratégia de pesquisa = (“Mulo” OR “Mule”) AND (“romanc*” OR “obra” OR “Livro*”) AND (“narrador”) = 4 resultados	
Portal de Periódicos CAPES	
Filtros selecionados: Artigos; Dissertações; Teses / Idiomas: Português; Inglês; Espanhol.	
1. ^a Estratégia de pesquisa = (“Darcy Ribeiro” OR “narrador” OR “narrator”) AND (“Mulo” OR “Mule”) = 15 resultados	
2. ^a Estratégia de pesquisa = (“Darcy Ribeiro”) AND (“romanc*” OR “obra” OR “Livro*” OR “Novel” OR “work” OR “Book”) = 356 resultados	
3. ^a Estratégia de pesquisa = (“Mulo” OR “Mule”) AND (“romanc*” OR “obra” OR “Livro*”) AND (“narrador” OR “narrator”) = 2 resultados	
Scopus	
Filtros selecionados: Busca por Título; Resumo; Palavras-chave / Artigos / Idiomas: Português; Inglês; Espanhol.	
1. ^a Estratégia de pesquisa = [“Darcy Ribeiro” OR “narrator”] AND [“Mule”] = 2 resultados	
2. ^a Estratégia de pesquisa = [“Darcy Ribeiro”] AND [“Novel” OR “work” OR “Book”] = 19 resultados	
3. ^a Estratégia de pesquisa = [“Mule”] AND [“Novel” OR “work” OR “Book”] AND [“narrator”] = 0 resultado	
Web of Science	
Filtros selecionados: Busca por tópico / Artigos / Idioma: Português; Inglês; Espanhol.	
1. ^a Estratégia de pesquisa = (“Darcy Ribeiro” OR “narrator”) AND (“Mule”) = 2 resultados	
2. ^a Estratégia de pesquisa = (“Darcy Ribeiro”) AND (“Novel” OR “work” OR “Book”) = 11 resultados	
3. ^a Estratégia de pesquisa = (“Mule”) AND (“Novel” OR “work” OR “Book”) AND (“narrator”) = 0 resultado	

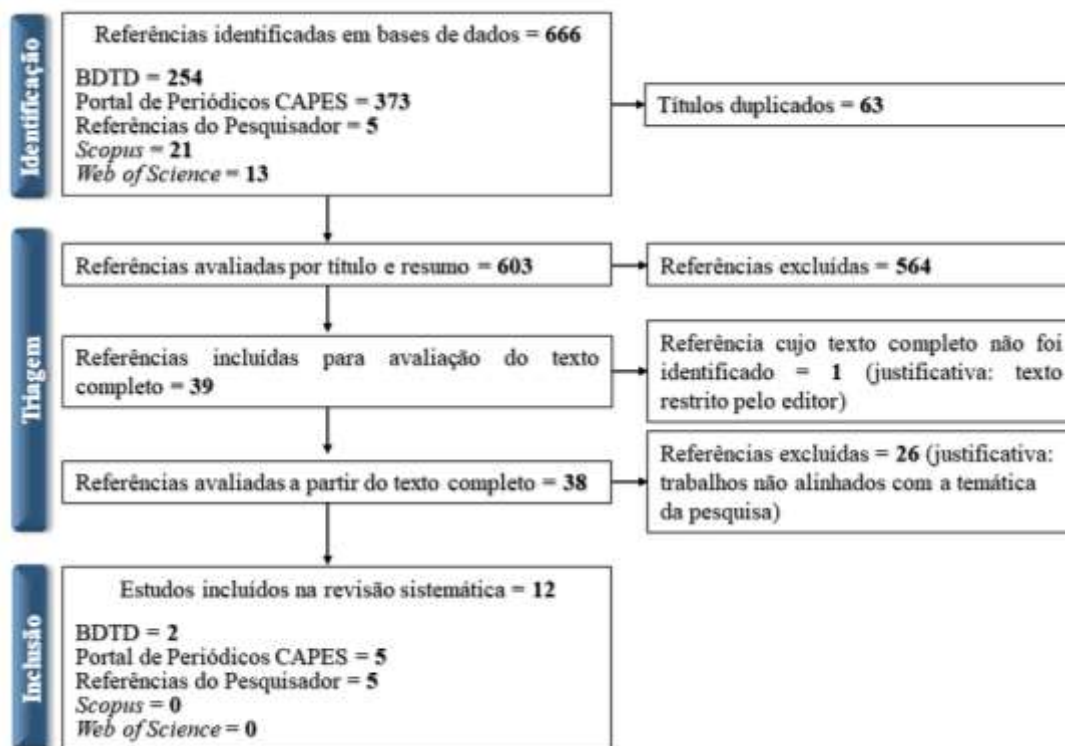
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nesta etapa, procedeu-se definindo como critério de inclusão textos em espanhol, inglês e português, e como critério de exclusão textos com títulos duplicados e não relacionados a este estudo. É importante ressaltar que, apesar de as buscas terem sido feitas a partir de fontes de pesquisa científica amplas e multidisciplinares, durante esse processo de busca por trabalhos relacionados à obra em análise foram encontrados cinco textos. Estes são denominados aqui como *Referências do Pesquisador*, e foram selecionados por contribuírem com este trabalho. Desse material, três são dissertações produzidas na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), a qual não está indexada no Portal de Periódicos CAPES e nem na BDTD. Os outros dois, são artigos de revistas científicas que também não estão indexadas no Portal de Periódicos CAPES, tampouco nas bases *Scopus* e *Web of Science*. Observou-se que os autores desses trabalhos são vinculados à referida universidade, da cidade de nascimento de Darcy Ribeiro.

No que diz respeito à fase de “busca e armazenamento dos resultados”, de acordo com Costa e Zoltowski (2014), mesmo não sendo obrigatória a utilização de programas que otimizam a sistematização de resultados das buscas para análise de resumos, pode-se usar, por exemplo, o *software EndNote*. Na “seleção de textos pelo resumo, de acordo com critérios de

inclusão e exclusão”, os trabalhos foram escolhidos por meio do título, do resumo e, posteriormente, do texto completo. Em seguida, excluiu-se os textos duplicados, com restrição de acesso e não relacionados a esta pesquisa. Após o armazenamento dos dados, referência, título e resumo, no *EndNote*, somou-se os resultados obtidos nas quatro bases de pesquisa às Referências do Pesquisador, totalizando 666 referências identificadas, conforme a Figura 3.

Figura 3 - Organização sistemática dos estudos a partir de bases de dados e registros



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como explicitado na Figura 3, na identificação, procurou-se por títulos duplicados, constatando-se 63 duplicações (trabalhos idênticos e publicados em bases de dados diferentes), restando 603 referências para serem avaliadas por título e resumo. Para a seleção dos textos, na triagem, pautou-se nos seguintes critérios: menção ao romance *O Mulo* ou às obras ficcionais de Darcy Ribeiro, busca pelas palavras narrador, romancista ou por expressões que relacionassem o autor ao contexto literário. Caso não aparecesse um dos itens mencionados, a referência seria excluída. Posteriormente, ocorreu a exclusão de 564 referências. Com o intuito de compor o banco de dados final, procurou-se pelos 39 textos completos; apenas um deles não pôde ser localizado por estar restrito pelo editor.

Em seguida, analisou-se cada texto completo no que concerne à contribuição para este estudo, identificando que, dos 38 textos, 26 não estavam alinhados com a temática da pesquisa. Por conseguinte, foram incluídos na revisão sistemática da literatura 12 estudos, sendo três

dissertações, duas teses e sete artigos. No que se refere à “extração dos dados dos textos selecionados”, após o processo de leitura, os estudos foram organizados por autoria, título, tipo de trabalho e ano de publicação, Quadro 2.

Quadro 2 - Textos selecionados

Autor(a)	Título do estudo	Tipo de trabalho	Ano de publicação
Siméia de Brito Oliva Andrade	A identidade e o sujeito pós-moderno em <i>O Mulo</i> , de Darcy Ribeiro	Dissertação	2017
Viviane Rodrigues Ribeiro do Vale	A sexualidade periférica em <i>O Mulo</i> , de Darcy Ribeiro	Dissertação	2020
Vera Lúcia Nobre da Silva	Associação entre prazer gastronômico e prazer sexual em <i>Migo</i> , de Darcy Ribeiro: comida, transgressão e erotismo	Dissertação	2021
Elise Aparecida de Oliveira	Darcy Ribeiro ficcionista: leitura dos três romances pós- <i>Maíra</i>	Tese	2019
Bianka de Andrade Silva	“Mitolinguagem” como forma do saber em Darcy Ribeiro	Tese	2022
Jean Pierre Chauvin	Herança de Philogônio: a poética do mando em <i>O Mulo</i> , de Darcy Ribeiro	Artigo	2007
Diego Omar Silveira	O povo brasileiro nos romances de Darcy Ribeiro	Artigo	2012
Geraldo da Aparecida Ferreira	Não estamos em casa: abordagens a <i>O Mulo</i> , de Darcy Ribeiro	Artigo	2021
Geraldo da Aparecida Ferreira	Darcy Ribeiro: a literatura como reflexão sobre o exílio	Artigo	2022
Elise Aparecida de Oliveira	A literatura como interpretação do Brasil e da América Latina	Artigo	2022
Lincoln de Araújo Santos	Ciência, Literatura e Educação: a utopia morena no pensamento social de Darcy Ribeiro	Artigo	2023
Geraldo da Aparecida Ferreira	Deus perdoe o mal que habita em mim: uma leitura de <i>O Mulo</i> , de Darcy Ribeiro	Artigo	2023

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da revisão sistemática (2023).

Com base no Quadro 2, observa-se que, dos 12 textos selecionados, três foram escritos por Geraldo da Aparecida Ferreira e dois por Elise Aparecida de Oliveira. Identificou-se que houve recorrência de publicações nos três últimos anos (2021, 2022 e 2023). Mesmo encontrando outros materiais bibliográficos, como livros impressos e digitais, consultados e utilizados durante a pesquisa realizada, constatou-se que há um número reduzido de trabalhos acerca dos romances de Darcy Ribeiro, principalmente direcionados à análise da obra *O Mulo*. Esse é um motivo que justifica a necessidade de realização de mais pesquisas em que o foco esteja sobre a ficção produzida pelo referido autor. Sem dúvida, a atuação intelectual de Darcy Ribeiro, que esteve sempre em busca de compreender o Brasil, e por extensão outros países e povos que foram oprimidos, por meio do processo de posse e colonização de territórios, marcou sua trajetória de contribuições em diferentes áreas, por exemplo, na educação, na política, na

literatura, na antropologia. Espera-se, com esta dissertação, colaborar com a divulgação da obra de Ribeiro e das pesquisas sobre ela.

Para dar conta do estudo aqui proposto, organizou-se esta dissertação em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro, intitulado “A obra *O Mulo* em outros estudos”, são apresentados diferentes trabalhos relacionados ao romance *O Mulo*, assim como os possíveis diálogos entre as pesquisas realizadas, as aproximações entre os personagens Paulo Honório, Riobaldo e Philogônio, respectivamente, narradores das obras *São Bernardo* (Graciliano Ramos), *Grande Sertão: Veredas* (João Guimarães Rosa) e *O Mulo* (Darcy Ribeiro). No segundo capítulo, nomeado “A autoria e o ato de confessar”, discorre-se acerca da autoria, do ato de confessar e de seus desmembramentos, voltando-se a atenção para autor, narrador, leitor, escrita memorialística e autobiografia ficcional, e aos bens de Philogônio.

No terceiro e último capítulo, ao qual se deu o nome “O narrador da confissão”, foram destacadas questões tais como: a memória (enquanto base para a recorrência dos registros do narrador), as experiências sexuais (presentes, precocemente, na vida do coronel dos Laranjos, que teve diferentes parceiros sexuais) e a metáfora das trocas de peles do narrador (como modo de compreender a formação identitária do sujeito ficcional de *O Mulo* a partir das reflexões teórico-sociais do intelectual e político Darcy Ribeiro).

Interessa dizer, ainda, que na relação orientador/orientando, orientando/revisor, enunciador/banca e demais sujeitos da comunidade acadêmica, a noção de coletividade fica explícita e em maior proporção. Em razão disto, a formalidade exige referenciar o autor de um texto, contudo torna-se imprescindível compreender que este trabalho é nosso, demandando ser pensado por nós, pois produzi-lo e lê-lo expõe um objetivo maior, isto é, fomentar diálogos que possam contribuir tanto para o percurso formativo deste pesquisador quanto para suscitar o desejo de outras pessoas à pesquisa em literatura brasileira, e, se possível, acerca dos romances de Darcy Ribeiro.

2 A OBRA *O MULO* EM OUTROS ESTUDOS

2.1 Exposições acerca dos trabalhos encontrados

A partir da revisão sistemática da literatura, conforme mencionado anteriormente, tornou-se possível, especificamente na etapa de “avaliação dos textos”, realizar inferências e identificar relações entre os 12 trabalhos selecionados como referenciais para o presente estudo. Pôde-se notar que Siméia de Brito Oliva Andrade (2017) estabeleceu o objetivo de analisar a identidade e o sujeito pós-moderno em *O Mulo*, de Darcy Ribeiro, e observou que as obras do escritor contemplam aspectos voltados à brasilianidade, à latino-americanidade e à indianidade. Para a autora, Darcy Ribeiro, “[...] Enquanto intelectual engajado, preocupou-se, num primeiro instante, com os problemas latino-americanos, depois de nos situar e mostrar semelhanças e diferenças sobre nós enquanto brasileiros e o restante dos povos do continente [...]” (Andrade, 2017, p. 37).

A estudiosa, em sua pesquisa *A identidade e o sujeito pós-moderno em O Mulo, de Darcy Ribeiro*, afirmou que a identidade, por ser relevante nas produções de Ribeiro, une perspectivas antropológicas e literárias. Citando os livros *O povo brasileiro* e *América Latina: a pátria grande*, ela destacou que o brasileiro advém dos aniquilamentos populacionais, compostos por genocídio e escravidão iniciados no contexto colonial. Segundo ela, como consequência do processo de expansão europeia no continente americano, há a miscigenação, que conferiu traços de toda a humanidade aos latino-americanos. Andrade observou, ainda, que a identidade é abordada nos romances indianistas *Maíra* e *Utopia Selvagem*, ressaltando no primeiro a questão da desindianização (imposição da língua portuguesa e da visão de mundo lusitanizada). No segundo, a autora destacou o contexto em que os indígenas viviam sem as interferências da escravização e das mudanças ideológicas por parte dos estrangeiros. A pesquisadora evidenciou que,

Na tese identitária do autor [Darcy Ribeiro], o brasileiro nasce a partir de uma empresa racional de desindianização do índio e desafricanização do africano, formando uma massa de mulatos e caboclos lusitanizados que, pela língua portuguesa e pela visão de mundo que possuíam, foram plasmando uma nova etnicidade e construindo um Estado-nação que eles foram integrando com o tempo. Essa massa humana havia perdido sua face e tiveram de inventar uma face nova que os englobasse a todos [...] (Andrade, 2017, p. 41).

A autora expôs o fato de *O Mulo* ter sido apenas considerado pela recepção crítica como uma obra relevante que segue uma tradição do romance brasileiro com caráter regionalista, o

qual aproxima seu autor de Guimarães Rosa e de Jorge Amado. Isso porque, o enredo do romance referido também apresenta: “[...] os coronéis, os conflitos de terra, os jagunços, a oficialidade corrupta, os posseiros e trabalhadores das fazendas [...]” (Andrade, 2017, p. 58). Questionando essa leitura regionalista da obra de Ribeiro, a pesquisadora advertiu que, “[...] Na verdade, Darcy Ribeiro, em *O Mulo*, é um desses autores que antecipam o sujeito pós-moderno e sua crise de identidade. A própria estratégia narrativa do romance privilegia essa constatação [...]” (Andrade, 2017, p. 104). Isso porque, conforme seu estudo, no romance, o presente, o passado e o futuro constituem um movimento da narração de idas e vindas de acontecimentos importantes.

Nessa direção, a estudiosa, ao contextualizar o sujeito pós-moderno e a figura da coronelidade no livro, elaborou um esquema evidenciando o desenvolvimento da narrativa em três tempos (presente, passado e futuro). No primeiro, estão confissão e metafísica, percebidas nos momentos de interlocução do narrador-personagem com o padre ausente, e da exposição de sua percepção sobre a existência e o destino humano. No segundo tempo, está a autobiografia ficcional, composta pela narração de acontecimentos iniciados do nascimento à velhice do sujeito que está contando. No terceiro estão o aspecto conjectural e os avanços episódicos, constatados no discurso do narrador que antecipa, em uma parte, o que será contado em outra parte. Nas palavras dela:

[...] O tempo presente mostra a confissão/[e o] testamento do narrador-personagem, marcado por reflexões sobre a existência. O futuro por sua vez se divide em dois, o conjectural, sobre fatos que podem ou não acontecer, que de fato não se concretizam, e os avanços no interior da própria narrativa, em forma de antecipações. O passado, narrativa secundária não no sentido do valor, mas da proximidade com o grau zero da narrativa, dá conta da autobiografia do narrador-personagem, eventos que culminaram na construção identitária fragmentada. Assim, a confissão/testamento se passa num grau zero ou narrativa primeira, enquanto o passado oferece as analepses e o futuro as prolepses [...] (Andrade, 2017, p. 104).

Assim, em cada ponto da narrativa é possível, segundo a autora, perceber a mudança de identidade do narrador acompanhada de um destino incerto. Desses tempos, passado e futuro, respectivamente, analepse e prolepse, estão presentes em *O Mulo*. Entretanto, a pesquisadora optou por apresentar as analepses marcadas pelos momentos em que Philogônio enuncia o passado. Nessa mesma perspectiva, sobre o coronelismo, ela explicou que

[...] em *O Mulo* [o coronelismo] não é do tipo tradicional, mas sustenta várias características deste, tais quais o loteamento de votos de cabresto, os assassinatos, a justiça com as próprias mãos, a grilagem de terras e uma série de outros elementos como, por exemplo, o mandonismo. Em outros, contraria o coronelismo clássico, como a união com os governos estadual e federal para sustentação dos interesses

destes. Mas, sobretudo, do ponto de vista ideológico, *O Mulo* apresenta uma coronelidade própria baseada na depreciação de sua função, desde sua gênese à sua própria destruição precoce. [...] (Andrade, 2017, p. 96).

Desse modo, a pesquisadora reiterou que, em *O Mulo*, Darcy Ribeiro antecipa o sujeito pós-moderno e sua crise de identidade, e constatou que é no registro das memórias de seu percurso que o narrador compõe os seus vários eus. Segundo ela, Philogônio se fragmenta, busca reunir suas partes e alcançar outra identidade que é coletiva e representa as origens, a formação e o destino da coronelidade.

De maneira diferente da abordagem de Andrade, Viviane Rodrigues Ribeiro do Vale (2020) estabeleceu como objetivo analisar a sexualidade periférica na construção da narrativa de *O Mulo*, assunto que também é de interesse na presente dissertação. Como outros estudiosos da obra de Darcy Ribeiro, Vale (2020) também reconheceu a complementaridade da atuação do autor como antropólogo e como romancista. A autora discorreu sobre a sexualidade periférica enquanto ação que, em contextos específicos, poderá não ser aceita diretamente. Porém: “[...] a aceitação ou não de determinadas posturas no campo da sexualidade apenas resultará em ações feitas com cautela, de maneira sigilosa, e não na exclusão destas, visto que o problema, muitas vezes, pode ser apenas o julgamento do outro” (Vale, 2020, p. 17). Por meio de seu trabalho, *A sexualidade periférica em O Mulo, de Darcy Ribeiro*, a pesquisadora explicitou que o termo “sexualidade periférica” faz referência ao conceito de Foucault (1988).

[...] O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo (Foucault, 1988, p. 38).

Entende-se, então, que as relações sexuais que não ocorrem com base regular e legítima, por intermédio do casamento heterossexual monogâmico, inclusive com foco em procriar, estão fadadas à condição de vinculações periféricas. Vale (2020) argumentou que, no contexto da vida rural, sob o mando dos coronéis, a sexualidade é evocada de maneira natural, podendo ser compreendida como o modo de um grupo social lidar com ela. Para a autora, o enredo traçado no romance abrange as sexualidades não convencionais como forma de construção de uma narrativa que naturaliza, por intermédio do ponto de vista do narrador, a opressão sobre os corpos de subalternos em um espaço ultraconservador. Em consequência disso,

[...] Philogônio [...] apresenta orgulhosamente as suas vítimas sexuais, mulheres, crianças e animais, como objetos de seu uso. Em meio a descrições da vida no meio rural, da política de mando dos coronéis e da situação em que os negros viviam, a sexualidade é a todo instante mencionada, como se estivesse entremeadada naquela realidade de maneira extremamente natural, desde a infância [...] (Vale, 2020, p. 7).

Nessa direção, a estudiosa identificou a sexualidade infantil em alguns momentos nos quais o narrador, quando criança, presenciava a relação sexual de Lopinho com uma das duas mulheres e se excitava. Isso também ocorre no momento em que ele brincava colocando pedrinhas no órgão genital de outra criança, e quando levava as filhas do responsável pelo segundo lugar em que viveu junto a ele. Há também a pedofilia, por exemplo, quando Philogônio narra sobre um tempo em que ele, já adulto, abusa de uma menina que vivia em sua fazenda, tocando o corpo dela. E relembra que, na infância, o protagonista também era abusado por uma das mulheres do Lopinho. A zoofilia, prática sexual com animais, é constatada nas relações do protagonista tanto com a jumenta quanto com o pato, animais do criatório do Lopinho. Vale (2020) destacou que essa prática, geralmente, é comum em zonas rurais e já foi descrita em muitas cenas de outras obras literárias.

Nesse paralelo, entre infância e vida adulta, a pesquisadora abordou dois períodos nos quais o narrador manteve relações homossexuais — nos tempos de menino, ele se relacionou com Joca e Zabelê. Já adulto, no exército, se entregou ao major Maia. A masturbação, praticada durante todos os períodos da vida de Philogônio, e o relato de prazer do narrador de quando ainda era jovem e viu a esposa de seu Lé, dona Silviana, fazendo suas necessidades fisiológicas, também se enquadram como exemplos de sexualidades periféricas. Rememorando o dia em que viu Silviana nua, o narrador descreve:

Acho que gostava tanto daquelas viagens trabalhosas na esperança de acontecer outra vez o milagre que um dia se deu de ver dona Silviana cagando. Na vez que vi, única, fiquei tão afrontado que não aproveitei. Eu estava no mato, acabando de cagar, quando veio ela; parou ali de costas para mim, levantou a saia se agachando, mas me deixou ver as coxas, o pentelhame castanho e a bunda. Tudo isto ali junto, encostado, não de tocar com a mão, mas quase; só separada de mim por uma touceira folhuda de lixeira. Eu respirava baixo, querendo até que o coração parasse de bater para ela não me descobrir. Olhava com toda a força dos olhos. Assim vi o cu peludo dela estufar, crescer como uma mamazinha e depois encolher quando o troço começou a sair. Igualzinho a uma égua cagando. Ouvi claramente, lembro bem, o esguicho da mijada no chão e senti os dois cheiros contrastados. Vi bem ela, bunduda, se limpar com um chumaço de folhas, tirado ali do lado. Levantou e se foi. Eu lá fiquei, agachado, tremendo. Tinha visto as partes daquela beleza de pessoa. Pecado? (Ribeiro, 2007, p. 72).

Reitera-se que o aspecto da sexualidade, também, foi foco de interesse neste trabalho e está presente no tópico “Memórias sexuais do narrador”, do terceiro capítulo, em que se retoma

a esse tema. No que diz respeito ao momento expressado na citação acima, torna-se significativo, ainda, recorrer às considerações de Orlando Senna (2008) que, no final dos anos de 1980, junto com Geraldo Sarno, se envolveu com a tarefa de criar um filme a partir da obra *O Mulo*. Nesse contexto, descobre-se que Darcy Ribeiro, Senna e Sarno empreenderam esforços para montar um roteiro, o qual constantemente era alimentado pela criatividade e a irreverência do autor do livro:

[...] tínhamos de compor um roteiro com 120 páginas, a base para um filme de hora e meia de duração. Esse aprisionamento foi demais para Darcy, a elaboração do roteiro perdera a graça para ele, *não posso me sujeitar a esse sofrimento, vocês terminam*. Terminamos, ele aprovou, mas o filme não foi feito [...].
 [...] Um dia Darcy defendeu a inclusão da imagem de um ânus chorando, como está no livro, e Geraldo reagiu: *isso é muito bonito escrito ou descrito por você, mas na tela periga virar pornografia*. E Darcy, exaltado: *não existe pornografia, tudo no corpo humano é belo e sagrado, o que existe é porno-olho, é porno-cabeça*. E não é que é mesmo? (Senna, 2008, p. 336).

Especificamente, verifica-se a concepção de Darcy Ribeiro para quem o corpo é, todo ele, e sempre, ‘belo e sagrado’. Talvez, essa forma de enxergar a pessoa nua adveio dos aprendizados do antropólogo-romancista adquiridos com os povos indígenas. Esses aprendizados, no contexto da cena literária presente em *O Mulo*, marcada pelos padrões convencionais e/ou religiosos, aparecem com um tom sexual periférico, conforme já exposto por Andrade (2017). Retomando ao estudo de Vale (2020), nota-se que a autora inferiu, em razão de o texto do romance se referir a uma confissão, que os relatos, por serem considerados pecados, carregam um tom de naturalidade na contação dos casos, uma vez que se trata de algo recorrente na confissão religiosa. Nesse cenário:

Em contrapartida, o próprio Philogônio em muitos momentos deixa claro que não se encontra arrependido de seus atos, o que pode configurar todos os casos contados apenas como uma autoafirmação. Trata-se de um grande coronel comandando a narrativa, sua superioridade é mostrada em muitos momentos, até mesmo ao se reconhecer como escolhido de Deus para justificar muitas de suas ações, assim sendo, torna-se compreensível que queira registrar todos os “desvios” (Vale, 2020, p. 36-37).

Assim como Andrade (2017), Vale (2020) constatou que a identidade de coronel do senhor dos Laranjos, aliada ao mando, confere poder a ele. Desse modo, no enredo de *O Mulo* há demonstração de violência em relação aos animais, às crianças e às mulheres, reforçando a autoafirmação de Philogônio como homem: “[...] A impossibilidade de que haja alguma manifestação dessas vítimas, de maneira bem mais específica, é o que torna o crime bastante repulsivo” (Vale, 2020, p. 41). Ainda, Vale discorreu acerca da sexualidade periférica nas

personagens femininas. Lenora, mulher de Lopinho que abusava do narrador na infância, pode ser caracterizada como uma mulher transgressora. Quanto às mulheres ativas, no sentido de satisfazerem suas vontades, destacam-se Zeca, Inhá, Mariá, Ruana e Beu, as quais comandam o ato sexual. Já Emilinha enquadrava-se em um caso mais transgressor ainda, pois a prática sexual com ela efetiva-se de forma oral, anal e sadomasoquista. Com Maria Rosa, as preliminares têm início, mas o narrador não consegue alcançar a ereção.

A autora diferenciou Calu (empregada e vítima de estupro) e siá Mia (esposa e mulher de família) das outras mulheres citadas porque, de acordo com ela, essas personagens têm perfis de mulheres submissas e são totalmente passivas: “[...] podemos levar em conta a maneira como ficam nuas para o sexo: sendo despidas. É ele [Philogônio] que arranca a saia de Calu e tira a camisola de siá Mia, tornando-as apenas objeto naquele momento, evidenciando que tudo estava sob o controle dele [...]” (Vale, 2020, p. 65). Entretanto, essas mulheres ocupavam posições sociais diferentes, Calu desempenhava a função de empregada e, na condição de mulher negra, era considerada objeto sexual. Já siá Mia, filha e herdeira de Zé Alves, era caracterizada pelo narrador como uma mulher delicada, santa e “boa para se casar”. Ademais, Vale identificou a questão da sexualidade periférica nos outros romances de Darcy Ribeiro e em *Eros e Tanatos*, antologia de poemas que foi publicada postumamente. Por conseguinte, a estudiosa afirmou que as práticas sexuais não convencionais constituem uma marca da escrita literária do autor:

[...] o que vemos em todas as produções literárias de Darcy Ribeiro é uma insistência na abordagem da sexualidade periférica. É constante narrar sobre o adultério, a homossexualidade, a sexualidade das crianças, a pedofilia, dentre outras tantas práticas sexuais que fogem à convenção. Assim, o que percebemos é que essa discussão se tornou um traço comum entre todos os romances e também na poesia, mostrando que as regras socialmente estabelecidas possuem divergências entre um lugar e outro além de que sempre haverá alguém para transgredi-las (Vale, 2020, p. 89).

Vera Lúcia Nobre da Silva (2021), por sua vez, em *Associação entre prazer gastronômico e prazer sexual em Migo, de Darcy Ribeiro: comida, transgressão e erotismo*, ao se dedicar ao estudo da obra *Migo*, buscou identificar as relações estabelecidas entre a comida, o erotismo e o sexo. A pesquisadora também expôs a sua percepção em relação às obras antropológicas de Darcy cooperando com as ficcionais. Assim como Vale (2020), Silva, V. L. N. (2021) colocou em pauta o verbo comer e argumentou sobre o modo como ele está na obra, isto é, em duplicidade de sentido para se referir tanto à alimentação quanto às relações sexuais.

Para a estudiosa, *Migo* é uma narrativa da mineiridade no que concerne à identidade cultural, às expressões mineiras e à comida:

[...] observamos a mineiridade no romance *Migo* de Darcy Ribeiro, o qual apresenta aspectos que estão intrinsecamente ligados a Minas Gerais, tais como: fatos históricos; a vida íntima da família mineira; o espaço geográfico, que faz alusão a diversas partes de Minas Gerais; a religiosidade (embora esse aspecto seja elemento de sátira e/ou crítica do autor, é um traço cultural mineiro manifestado por meio de rezas e procissões); os intelectuais e artistas oriundos de Minas; os símbolos mineiros e mitos, entre outros aspectos (Silva, V. L. N., 2021, p. 20).

Em algumas partes de seu estudo, a autora discorreu acerca de *O Mulo*, enfatizando aspectos como a miscigenação entre brancos, indígenas e pretos, a questão da identidade, da modernização e do poder. Identificando um: “[...] retorno à crítica social, às classes dominantes, às desigualdades sociais, que o Darcy Ribeiro teceu em seus livros científicos [...] acompanhado de um discurso marcante de identidade, de afirmação da raça, e da criação de um novo povo” (Silva, V. L. N., 2021, p. 40-41). Apesar de essa autora não utilizar o termo sexualidade periférica, ela também descreveu as proibições e interdições, por exemplo, em *Migo*, no que diz respeito aos relacionamentos proibidos como práticas incestuosas ou às relações entre sogro e nora.

[...] o uso da linguagem erótica e obscena na narrativa *Migo* é um elemento de transgressão literária, uma vez que ela apresenta uma nova imagem da personagem feminina literária, distinta daquela cristalizada, intocável e silenciada quanto aos seus desejos e relatos sexuais [...] (Silva, V. L. N., 2021, p. 92).

A pesquisadora argumentou que, mesmo nesse contexto, não ocorre a fidelidade às personagens femininas e nas descrições feitas pelos personagens masculinos o tom machista predomina, como a associação do corpo das mulheres às melhores carnes. Outro aspecto relevante que pode ser observado no trabalho de Silva, V. L. N. (2021) é a associação entre o café, no momento de mesa, e o desejo sexual como forma de gerar prazer. Verifica-se que a autora discorreu sobre essa relação somente na obra *Migo*. Ainda assim, em *O Mulo* é possível observar, em certa medida, um processo semelhante. Calu era a mulher que preparava o café, cuidava da casa e de Philogônio que, depois de um tempo, passou a abusar sexualmente dela. Em outro momento, Inhá se torna a responsável por esses cuidados:

Inhá tinha tudo para ser a melhor mulher esposa desse mundo. Só não tinha é vergonha, seu padre. Sua primeira providência, lá em casa, foi mandar Uraca embora. Não queria ninguém mais, nenhuma mulher dormindo lá. Depois arranhou uma moleca

que é essa mesma Calu que está aí na cozinha, para ajudar. Comida do marido dela quem fazia e dava era ela, dizia.

Sendo assim majestosa, achava jeito de parecer humilde. Qualquer lugar onde estivesse, se eu entrasse, se levantava, atenta. Nunca ficou sentada, estando eu de pé. Hábitos da casa do padre Meganha. De lá trouxe também outras prendas: sabedoria de fazer doces e bolos, chás e chocolates, gemadas e comidas de tempero e coisas muitas que eu nunca tinha tido na vida e nunca tive depois, tão boas e tão finas (Ribeiro, 2007, p. 201).

O narrador-personagem, em outra parte do enredo, quando já não estava mais com Inhá, cita novamente Calu, dizendo que: “[...] chamei de volta foi essa Calu para cuidar de mim e da casa, com o marido Bilé. Ela leva os ensinamentos de Inhá, na lavagem da roupa, no passar as camisas engomadas e, sobretudo, no preparo das quitandas que me habituei a comer” (Ribeiro, 2007, p. 310). Outro exemplo é Zeca, mulher que o narrador conheceu quando viveu nas Cagaitas, ela trabalhava na cozinha, lavava e cuidava de sua roupa, e escondia para ele um pedaço de carne debaixo do arroz e do feijão. E eles mantinham relações sexuais, à noite, em um espaço descrito como um local reservado para guardar selas, sal e charque. Nesse contexto, no enredo, o verbo comer também é enunciado: “[...] Foi Zeca que me comeu muitas vezes. Assim, na verdade, foi sempre. Zeca é que me metia dentro, não contra minha vontade, mas por empenho dela [...]” (Ribeiro, 2007, p. 67-68).

Outra estudiosa que destacou a relação entre as produções antropológicas e as obras literárias em Darcy Ribeiro foi Elise Aparecida de Oliveira (2019). Ela se propôs a analisar Darcy Ribeiro enquanto romancista após a publicação da obra *Maíra*. Em seu trabalho, *Darcy Ribeiro ficcionista: leitura dos três romances pós-Maíra*, a autora salientou que a urdidura ficcional do escritor é constituída por fases do processo civilizatório brasileiro. E acrescentou que o autor desejou, também, pôr em cena a revisitação ao passado, estimulando a reflexão: “[...] das causas dos problemas no tempo presente que frustram a possibilidade de um futuro otimista do nosso país, justamente por causa do tradicionalismo político *versus* modernização, que ocorre de forma cíclica na sociedade brasileira [...]” (Oliveira, 2019, p. 64).

Por essa razão, estão nas cenas literárias o indígena, o sertanejo, o negro e o intelectual. A pesquisadora associou a eles os romances *Maíra*, *O Mulo*, *Utopia Selvagem* e *Migo*. Com o intuito de inferir acerca da atuação de Darcy Ribeiro enquanto escritor-ficcionista, Oliveira (2019) recorreu à teoria: “[...] da transculturação narrativa, exposta em *Transculturación narrativa en America Latina* (1982), do crítico uruguaio Ángel Rama, [que] constituiu suporte indispensável para compreender Darcy Ribeiro: romancista [...]” (Oliveira, 2019, p. 25). Também, a autora trabalhou com os fundamentos de “[...] Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, [...] em relação ao valor e ao significado de uma obra [...]” (Oliveira, 2019, p. 24).

Posteriormente, ao discorrer sobre a necessidade de Darcy Ribeiro em ir além dos textos científicos, a pesquisadora relatou que, por meio do romance, o escritor pôde realizar uma reflexão sobre o Brasil, olhando sob óticas diferentes para a nação:

Desse modo, o romance *Maíra* traz à tona a problemática do ameríndio que se sente excluído de sua tribo e de seu país, na sociedade moderna. *O mulo* apresenta a reificação do homem sertanejo mediante as forças opressoras da estrutura histórica, política, social e cultural, que, contraditoriamente, intensifica a violência, a arbitrariedade, a desordem mediante o processo civilizatório. *Migo*, através da imagem caricata do intelectual, insinua a impossibilidade da transformação social por causa do enfraquecimento desse grupo, tendo em vista a persistência do pensamento retrógrado e da arbitrariedade que migram do espaço privado – a família – e se instalam no espaço público, o que interfere na união dos intelectuais visando a qualquer mudança na vida social. Por sua vez, *Utopia Selvagem*, dedicado, conforme o próprio autor, a seu mestre Sérgio Buarque de Holanda e a seu amigo Leopoldo Zea, envereda-se na ficção pela construção de uma sociedade que, talvez, só fosse possível na literatura, sobressaindo na fábula o lado utópico do autor, que nem por isso deixa de revelar seu desencanto com a sociedade brasileira (Oliveira, 2019, p. 32).

A estudiosa identificou que há uma elevação do traço psicológico dos protagonistas nos romances de Darcy Ribeiro, bem como um equilíbrio entre grupos contrários, inclusive pondo à mostra vozes que foram ocultadas durante muito tempo, destoando, em certa medida, da ideia de Rama em relação à harmonia e ao ganho advindos do contato com outras culturas. Nessa perspectiva, segundo a autora, os romances escritos por Darcy maximizam a percepção histórica do Brasil e se completam, formando um todo textual com nuances históricas e culturais dos atravessamentos dos povos pela modernidade. No que se refere às análises das outras obras, destaca-se que, para o presente estudo, voltou-se a atenção às considerações feitas sobre o romance *O Mulo*. Assim, observa-se que Oliveira (2019) iniciou sua análise sobre a obra mencionada discorrendo acerca do sertão e do sertanejo, relembrando o contexto histórico das oligarquias nos tempos da República. E destacou a semelhança entre o estilo de *O Mulo* e de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, o que também foi mencionado no estudo de Andrade (2017).

Oliveira (2019) afirmou que Darcy Ribeiro coloca em cena a imagem do jagunço, mas não ao modo de Guimarães Rosa, pois “[...] o antropólogo-romancista esvazia a ideia de travessia na perspectiva que promove a humanização do homem, e a constrói sob uma ótica inversa, já que o protagonista encontra-se em estágio progressivo de desumanização [...]” (Oliveira, 2019, p. 69). Após mencionar a caracterização da vida do narrador, do início ao meio do romance, a autora destacou não só a modernização como forma de desumanizar o sertanejo, mas também, nos últimos capítulos do livro, a maior evidência de instabilidade política e econômica permeada por rusticidade latifundiária, ganância e crueldade em relação às classes

oprimidas. Outro aspecto importante explicitado por ela é a memória, considerada um recurso utilizado por Darcy para unir passado e presente — compondo, sobrepondo, alinhando significados e histórias, por meio do fluxo de consciência. A questão da violência contra mulheres, negros, vaqueiros e tropeiros também é apontada na referida pesquisa, tal e qual a estrutura patriarcal, a menção ao sobrenatural e à lenda, como explicitado em um dos momentos em que Philogônio associa Inhá, a filha do padre, à mula sem cabeça.

É hora de falar da mula-sem-cabeça (*sic.*). Ela apareceu lá em casa, nas Águas Claras, quando eu lá vivia há anos. Chegou no Roxo Verde, e parou, pensando que era o lugar. O moço dela é que veio me saudar. Começou nesse desencontro, sem rebuliço, o feio enredo da vida dela comigo e o reconto interminável, sempre incompleto, da vida dela de antes de mim. Vidas ruins todas duas. A nossa, como o senhor saberá. A outra, igual, de filha do padre Meganha, amo e santo dos bandidos da Serra do Raio. Roubada como as irmãs, porque a mãe, doida, e o irmão, cismático, não achavam homem nenhum bastante bom pra marido delas. O ladrão dela, Zé Goela, moço comprido, cabeludo, era filho de um vendeiro de baixo da Serra. Apearam e ele veio falar comigo. Queria abrigo e ajuda de proteção e serviço. Abrigo dei. Proteção vi logo que não precisava; estava longe demais do cunhado ciumento. Ele mesmo não parecia ter medo. Serviço também não. Queria é lucrar, mercando meus remédios e ferros. Isso qualquer um queria (Ribeiro, 2007, p. 198).

Nessa direção, tornou-se possível também observar que, de início, parece que Philogônio estava se referindo a um ser do folclore brasileiro, mas, rapidamente, se percebe que ele estava descrevendo o exato momento em que Emilinha chegou em sua propriedade e, depois, como ela fez parte de sua vida. Acerca da lenda, em algumas versões, se diz que, quando uma mulher passa a enxergar um padre sem um sentimento de santidade, tentando fazer com que o sacerdote não cumpra o voto celibatário e se relaciona com ele, a punição é se transformar em mula sem cabeça. Isto é, um animal que, no lugar da cara há fogo; fala-se também que seu relincho é muito alto, o que contribui para se pensar no modo como o narrador discorre sobre os excessos da mulher. Destaca-se o fato de Emilinha não ter se relacionado sexualmente com um padre, mas ter sido fruto do relacionamento de um sacerdote da Igreja Católica com sua mãe.

Em *O Mulo*, a figura do padre aparece de maneiras diferentes, ora representando a seriedade dos ministros em relação à religião, ora mencionando os desvios de conduta praticados por eles. Outra interpretação possível é a ideia de fazer par entre Philogônio, chamado por seus servos de Mulo e a mulher que ele chama de Mulinha, em tom diminutivo, evidentemente para tentar se mostrar superior a ela, em razão de que a liberdade sexual dessa personagem é colocada em cena, no discurso do homem, como algo incomum, requerendo dele

a capacidade de dar conta de suprir a mulher sexualmente e de muitas maneiras. Identifica-se, aqui, a sexualidade periférica, conforme já explicitado por Vale (2020). Ainda, destaca-se a questão de a mulher ter aceitado ir morar com Philogônio em troca de abrigo, de proteção e por, de acordo com a convenção da época, não ter conseguido encontrar um homem para se casar. Observa-se que sua história como filha de padre imprimiu uma marca pejorativa nela.

Além disso, pode-se inferir que o desejo de Emilinha, insaciável por sexo, certamente, faz parte da ideia da vontade retida, reprimida e proibida, mas que acabou sendo deixada de lado por meio do descumprimento do voto celibatário de seu pai. Outro aspecto relevante é a informação de que a mulher tinha irmãs e irmão, este é definido como alguém cismado; já a mãe deles foi apresentada como doida. Parece que o fato de a mulher ter se relacionado com o padre fez com que ela fosse tida como insana, conseqüentemente, nessa cena há espaço também para a questão do trauma advindo tanto de seu envolvimento com o sacerdote quanto com o discurso católico e religioso burlado por ela.

Os estudos de Oliveira (2019) contribuem para que se possa retomar uma das datas de nascimento, a que aparece no papel que o narrador-personagem entrega no dia de seu alistamento no exército, onde se lê 7 de setembro de 1920. Conforme a análise de Oliveira (2019), essa data representa o início da independência do narrador e o prenúncio da entrada para o período da modernidade. Já a outra data de nascimento mencionada no livro, 26 de outubro de 1922, configura uma nova fase no enredo. Nessa mesma perspectiva, o coronelismo e as disputas por terras, como a perda do Vão, também são percebidos: “O malogro do negócio do coronel designa uma mudança no contexto da narrativa, atualizando a história e renunciando a decadência dele, mas anunciando o fortalecimento de uma nova configuração política, na região de Goiás [...]” (Oliveira, 2019, p. 84). Mais um aspecto relevante foi a percepção da pesquisadora no que concerne ao poder. Ela constatou que o poder de Philogônio tem base em assassinatos, corrupções e jogos de interesse, permanecendo sempre a imposição e a violência.

Além disso, a autora argumentou que há no romance, como pano de fundo, uma crítica à desigualdade social brasileira, para ela, no entanto, essa crítica não foi construída ao modo dos escritores regionalistas. Segundo ela, isso se dá em razão de que, em *O Mulo*, o tom crítico refere-se à intensificação das desigualdades no âmbito nacional, isso porque trata, sobretudo, do processo de industrialização e modernização do país e não ameniza as mazelas sociais. Acerca da questão regionalista, a pesquisadora estabeleceu uma aproximação entre Philogônio, personagem de Darcy Ribeiro, e Paulo Honório, personagem de Graciliano Ramos. E enfatizou que os dois ascendem socialmente por meio da desumanização, e igualmente ficam sozinhos,

em descompasso à evolução e transformação da sociedade. Entretanto, conforme a pesquisadora, em *São Bernardo* acontece um desequilíbrio do sistema capitalista, já em *O Mulo* esse sistema se cristaliza (Oliveira, 2019).

A estudiosa afirmou, ainda, que, no romance em estudo, a velhice do narrador é compreendida como regressão da trajetória do ser humano em busca pelo poder; já as lembranças do passado surgem como uma espécie de justificativa para as ações de Philogônio, que de oprimido passa a reproduzir a opressão. Desse modo, “[...] a reelaboração do passado pelo trabalho da memória serve para demonstrar, na organização da narrativa, a força do patronato rural que atua tanto quanto possível na maneira de pensar e de agir do homem sertanejo” (Oliveira, 2019, p. 102-103). A questão da confissão transgredida é mencionada no estudo como uma forma de expor a descristianização do homem. A autora também tratou da condição das mulheres no livro, explicitando que elas, sendo objetificadas sexualmente, eram vistas como propriedade do latifundiário.

Outro estudo relevante sobre a obra de Ribeiro é o de Bianka de Andrade Silva (2022), intitulado “*Mitolinguagem*” como forma do saber em Darcy Ribeiro. Nele, a estudiosa, além de mencionar a atuação do autor por meio da antropologia e da literatura, identificou traços do pensamento mítico nas produções dele. Segundo Bianka de Andrade Silva, a obra *As Américas e a civilização* denota o método dialético da antropologia de Ribeiro, em que a desigualdade das sociedades humanas pode ser explicada a partir de fatores socioeconômicos, histórico-sociais e culturais, e das tensões advindas das interações sociais. Sobre *O Mulo*, a autora o caracterizou como um romance no qual as cenas mostram um coronelismo e um ambiente escravista tardios. Para ela, aquilo que é apontado por Darcy em sua obra antropológica, enquanto realidade que deve ser observada, se espelha de forma singular na obra fictícia, por exemplo, o sertão representado no livro como forma de enfatizar o padecimento dos mais frágeis.

Nesse contexto, a estudiosa inferiu que Philogônio, no presente da narrativa, é um ex-oprimido e um ex-opressor, inerte em razão de sua doença. E acrescentou que no enredo transparecem aqueles que dominam e os que são dominados. Estando no domínio, o coronel dos Laranjos legitima uma cultura em que o mais forte prevalece e o mais fraco torna-se docilizado, ficando impossibilitado de refletir sobre sua própria condição. Portanto,

[...] É oportuno para o mulo latifundiário manipular a conjuntura social, pois, assim, não há culpa ou injustiça em manter o comando em suas mãos, os dominados em seu lugar, preservando o Brasil da escravidão junto ao Brasil dos coronéis, junto ao Brasil da Era Vargas e da Ditadura Militar. Esse narrador bruto faz um certo “trabalho sobre o mito” ao suprimir o horizonte de possibilidades das classes que estão sob seu mando.

Um trabalho alicerçado em cima da contradição de sua própria história: menino pobre, sobrevivente de uma epidemia, órfão e explorado na infância e adolescência por quem assumiu sua criação e, por isso, a quem cruelmente assassinou (Silva, B. A., 2022, p. 79).

Nesse enquadramento, Silva, B. A. (2022) enfatizou três aspectos na obra — o eu, o espaço e o tempo. No primeiro, o narrador é considerado um ente mítico que teve diferentes vidas em um mesmo eu, que elabora nomes, se move, se opõe e toma a voz em sua autonarrativa. Nessa interpretação, tudo o que foi conquistado fica protegido e Philogônio se faz um auto-herói que já não pode salvar a si mesmo, contudo a memória do passado serve de alento. Ainda sobre o eu, para a autora, o ato de renomear extingue o confronto entre o eu do agora e o de antes. Ela recorreu a um dos significados do nome Philogônio, amigo da própria raça, para mostrar que o protagonista rompe com essa premissa em prol de desidentificar e se reidentificar. No segundo aspecto, a estudiosa classificou o espaço do sertão como propício para autoafirmação e ascensão do narrador-personagem; em seguida, ela também mencionou *São Bernardo* (sertão nordestino) e *Grande Sertão: Veredas* (sertão mineiro) enquanto obras possíveis de aproximações com *O Mulo* (sertões mineiro e goiano), sugerindo estudos nos quais o sertão possa ser considerado mítico.

A partir desse cenário, a estudiosa afirmou que, no sertão, Philogônio é senhor e rei, e enxerga a si mesmo como aquele que possui mais valor, ao ponto de subverter o discurso religioso para dizer que cumpre um propósito divino. Dessa maneira, nesse espaço, as narrativas do coronel dos Laranjos são materializadas de modo potente, proporcionando uma naturalização da prática da brutalidade em leis próprias do sertão. No terceiro aspecto, o tempo, a pesquisadora argumentou sobre a dualidade entre os contextos histórico e ficcional. A partir dessa orientação, o passado do narrador pode ter ocorrido nos períodos que compreendem a Revolução de 1930 e a Era Vargas. No âmbito dos donos de terras, a estudiosa observou a relação entre a Reforma Agrária, de João Goulart e, depois, a Ditadura Militar, esta última como “[...] um contexto favorável aos latifundiários, dada a contenção pré-golpe dos movimentos de camponeses revoltosos, bem como à convivência dos militares com a grilagem, que fez aumentar a concentração de terras [...]” (Silva, B. A., 2022, p. 93).

Conforme a autora, no romance há uma junção de tempos que são importantes para o narrador e nesse enredo, constituído de narrativas de poder, as formas literal e simbólica de violência ficam explícitas. Atrelando antropologia e literatura, a estudiosa explicou que o romance reforça a antropologia de Darcy Ribeiro, no sentido de intentar romper com a tradição da barbaridade no Brasil. No que concerne ao mito, a pesquisadora o descreveu como

linguagem posta em ação por meio de diferentes manifestações, uma vez que a antropologia dialética se impõe como um discurso otimista acerca do que se espera. E o romance *O Mulo* surge como uma narrativa que suporta a barbárie e a violência. Além disso, aproximando as noções de mito e de linguagem, Silva, B. A. (2022) sugeriu o termo “mitolinguagem” para descrever o fator simbólico pelo qual se torna possível conhecer, experimentar e atuar sobre o mundo.

O estudo sobre o caráter regional da obra *O Mulo* foi também desenvolvido por Jean Pierre Chauvin (2007), em seu trabalho *Herança de Philogônio: a poética do mando em O Mulo, de Darcy Ribeiro*. Partindo da temática regional, centrada no próprio narrador-personagem, o autor sugeriu aproximações entre *O Mulo*, *Grande Sertão: Veredas*, *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, *O Coronel e o Lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, e a obra *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro. De acordo com Chauvin (2007), essas obras expõem sujeitos envolvidos com o poder local, possibilitando pensar sobre o coronelismo brasileiro. Quanto ao romance em questão, ele o caracterizou como narrativa densa e provocadora, em que há um tom de denúncia social e econômica, sob o olhar do sertanejo. Os eus e as mulheres do narrador também são colocados em pauta, em associações entre a violência física, a rispidez, o erótico, a selvageria e o seu estado solitário.

O autor constatou que o protagonista cresce ao longo do enredo, então, Philogônio inicia a narração de maneira humilde e articula sua lógica de tal forma que tende a persuadir o leitor. Este, em certa medida, é compreendido pelo estudioso como quem tem a atribuição de captar a mensagem impressa, de forma despretensiosa, por Philogônio. E, ainda, de cumprir o papel do confessor junto com a figura do padre na compreensão do que foi vivido e fantasiado pelo coronel. De modo semelhante aos outros estudos aqui apresentados, o autor destacou a aproximação entre o trabalho antropológico e o literário de Darcy Ribeiro, explicitando que tanto *Maíra* quanto *O Mulo* contemplam alguns assuntos que foram abordados pelo autor na obra *O povo brasileiro*. Por exemplo, a representação de temáticas como o confronto entre diferentes culturas, originando a miscigenação, a tentativa de anulamento dos povos e as mazelas sociais.

Chauvin (2007) definiu a obra em análise como um romance de memórias e autobiográfico, em que o narrador-personagem passou da subserviência ao mando. Contexto esse em que o registro de suas reminiscências permite externar o questionamento acerca de si mesmo. Como consequência disso,

Sua narrativa é, a um só tempo, confissão e suborno com muitas faces: 1. o eu do presente dá continuidade aos “eus” do passado, embora sejam totalmente diversos; 2. Philogônio é cria de si mesmo (*philo* = amor; *gonia* = geração, nascimento); 3. há pessoas dispostas a mandar; outras, a obedecer; 4. há aqueles que nascem para ser cavalo (os filhos de fazendeiro) e os que nascem para ser jumentos ou mulos (aqueles de origem mais simples e árdua vida de trabalho); 5. foge-se da vida, mas não da morte [...] (Chauvin, 2007, p. 6).

O estudioso classificou o livro como um romance de formação posto ao inverso. Desse modo, o desenvolvimento da personagem principal ocorre pela rememoração de onde veio, das viagens que fez, das funções que desempenhou, do que aprendeu e dos seus relacionamentos. Tudo isso, em forma de episódios que constituem a sua biografia, exposta por meio de suas identidades; nessa exposição, o ato de escrever, ao mesmo tempo, forma e liberta o narrador. Chauvin (2007) explicou que, com o desenrolar das lições de vida de Philogônio, o enredo se complexifica, sobretudo com a tragédia do anúncio de que ele assassinou o próprio pai.

Reconhecendo a amplitude do trabalho de Darcy Ribeiro, Diego Omar Silveira (2012) também mencionou a obra *O povo brasileiro* e enfatizou a noção de complementaridade entre os romances *Maíra*, *Utopia Selvagem* e *O Mulo*. Conforme argumentou Silveira, em *O povo brasileiro nos romances de Darcy Ribeiro*, se compreende, no todo das obras de Ribeiro, os diferentes modos de ser dos brasileiros.

[...] escrito pelo autor, no tempo que se passa entre a produção dos seus romances indigenistas, se afasta, mas ao mesmo tempo conflui para o universo do índio, na medida em que retrata o sertanejo rude, que fazendo o Brasil por dentro, do interior para o litoral, foi em boa parte responsável pela destruição das populações autóctones (Silveira, 2012, p. 232).

Em relação a *O Mulo*, o pesquisador caracterizou a obra como uma produção recheada de memórias, retratando o sertanejo rude por intermédio da construção de uma espécie de radiografia dos fazendeiros e de seus empregados, com ênfase para a exposição da brutalidade e da violência. Nesse quadro, Silveira (2012) identificou uma perda de posse de humanidade também por parte dos negros, dos mestiços e dos pobres, todos tratados como bichos. O panorama contribui para que se lembre do tom e da percepção do coronel dos Laranjos em relação, por exemplo, aos pretos e aos indígenas: “[...] Burro pra mim, aqui entre nós, é preto. Essa gente é de cabeça miúda mesmo. Índio também. Não tem outra explicação para tanto cativo negro em cima de uns e tanta perseguição demais em cima dos outros [...]” (Ribeiro, 2007, p. 191-192).

Ao analisar os deslocamentos feitos por Philogônio, Geraldo da Aparecida Ferreira (2021), no estudo *Não estamos em casa: abordagens a O Mulo, de Darcy Ribeiro*, constatou

uma ausência de identificação que fragmenta a identidade e transforma o ser. Nessas transições, o narrador, de forma simbólica, rompe com seu estágio anterior para tentar se fixar, mas não consegue. O autor identificou na troca de couros, citada no enredo, um processo de mudança de personalidade; dessa maneira, segundo ele, a travessia e a migração cooperam para que o retorno não seja exitoso, porque os locais antigos estão modificados e o próprio Philogônio já não é mais o mesmo.

Expondo seu raciocínio sobre a ação de deslocar de um lugar a outro, o estudioso discorreu sobre o desenraizamento do escritor. Ferreira lembrou que Darcy Ribeiro também transitou por diferentes espaços nacional e internacionalmente. E quando retornou à cidade em que nasceu, Montes Claros, não a encontrou do mesmo jeito, restando a ele somente a imagem da terra recriada em sua memória. Nessa direção, o pesquisador acrescentou que a perda da referência cultural, verificada no senso de não pertencimento, é uma temática constante nos romances de Ribeiro, o que pode externar certa apreensão por parte do sujeito histórico.

Retomando as considerações acerca do narrador, o pesquisador destacou o esforço por parte do narrador-personagem para adaptar-se, apoiando-se na ação do presente ele (re)lembra a sua vida a fim de voltar a se ver:

[...] Tenta agora uma viagem, através da escrita de suas confissões, usando a memória como ferramenta de reconstrução daqueles tempos passados. Nova frustração. Apesar da possibilidade de amenizar lembranças, inventar novos desfechos para fatos ocorridos, enfim, poder recriar uma história que torne a sua imagem menos perniciosa do que realmente é, ele reconhece a fragilidade da ferramenta escolhida, pois a memória é falha, seletiva e um retorno ao passado mostra-se impossível. Suas viagens, fugas, máscaras e constantes trocas de “couros” o tornaram alguém sem nenhum referencial para a formação de uma subjetividade que pudesse representá-lo com um mínimo de verossimilhança. O fracasso final da sua tentativa de redenção de sua alma, com a morte da única pessoa [Militão] que poderia encontrar o desejado padre, é somente a negação definitiva de uma possibilidade de instituição de uma imagem com a qual ele gostaria de se identificar (Ferreira, 2021, p. 33-34).

Certamente, a ausência de uma identidade consolidada contribuiu para que Philogônio tentasse se reinventar, buscando encontrar, a partir das experiências que teve em diferentes espaços, seu lugar de pertença. Todavia, percebe-se que os deslocamentos param de acontecer quando o narrador-personagem passa a se enxergar como o coronel, senhor da propriedade dos Laranjos. Nesse espaço, ele espera a sua morte a contragosto, e é naquele local também que ele se fixa e presume-se que morrerá com o couro de coronel — e com o seu último nome inventado, Philogônio de Castro Maya.

No estudo *Darcy Ribeiro: a literatura como reflexão sobre o exílio*, Geraldo da Aparecida Ferreira (2022) empreendeu esforços para analisar a noção de deslocamento e

desenraizamento em *O Mulo, Migo, Confissões e Testemunho*, de Darcy Ribeiro. De acordo com o pesquisador, nessas obras, a escrita surge como forma de tentar não deixar as lembranças serem esmaecidas, o que, para ele, se configura como tentativa sem sucesso. Entende-se, por este viés, que o tempo modifica tanto os locais quanto as pessoas, e a memória passa a ser algo falível ao selecionar momentos específicos.

[...] o sentimento de pertencimento, de possuir raízes é, na maioria das vezes, esvaziado, relativizado, perde forças ante o intenso processo modernizador que o progresso trazia. Nesse mundo em grandiosas transformações em todas as esferas, os protagonistas, histórico e ficcionais, são colocados diante de conflituosas relações com suas raízes culturais, com seu grupo social, enfim, com todo o contexto em que viviam. Vagando de lugar a lugar, os sujeitos começam a se questionar acerca da sua identidade. Tantos foram os deslocamentos e adequações às exigências que cada nova migração reivindicava [...] uma grande dificuldade em definir questões relativas a pertencimento e identidade. O desejo de reconstruir o passado em busca de referenciais identitários se mostra fadado ao fracasso.

Homem com apurado senso crítico, Darcy Ribeiro ficava perplexo diante daquelas transformações e acabou por expressar em suas obras os sentimentos despertados. Optou pela escrita autobiográfica, mesmo que ficcional, não somente para se mostrar, mas como tentativa de resgatar suas origens, de reconstruir uma identidade cultural que se apresentava desnorteada. [...] Esse sujeito fragmentado, vivendo num período de grande instabilidade, tinha como subsídio principal para a escrita a memória, ferramenta falível, seletiva e movediça [...] (Ferreira, 2022, p. 13).

Observa-se que Ferreira (2022) diferenciou os narradores das obras mencionadas anteriormente em ficcionais e histórico, explicitando que os fictícios apresentam certa melancolia, e mesmo assim não deixam transparecer integralmente a condição humana. No que concerne aos deslocamentos do narrador histórico, Darcy Ribeiro, eles foram caracterizados como impulsionadores de experiências; oportunizando ao intelectual melhor compreensão sobre a identidade do Brasil. Desse modo, de acordo com o estudioso, o pensar sobre a nação brasileira e acerca da América Latina compõe pautas significativas que foram impressas nos escritos de Ribeiro.

Em *A literatura como interpretação do Brasil e da América Latina*, Elise Aparecida de Oliveira (2022) expôs suas observações acerca das produções de Darcy Ribeiro. Ela reiterou a aproximação entre o trabalho como intelectual brasileiro e a atuação como antropólogo-ficcionista, afirmando que Darcy Ribeiro, ao estabelecer uma interlocução entre cultura, história e sociedade, de modo antropológico, ultrapassou a ficção. Nessa orientação, Brasil e América Latina, nos estudos antropológicos do autor, são caracterizados como espaços em que o desenvolvimento dos povos ocorreu de modo desigual. Em ambos os contextos, conforme colocado em discussão pela autora, está a violência sofrida pelos grupos oprimidos. Nesta aproximação, em *O Mulo*, Oliveira (2022) destacou o sentimento de inferioridade expresso na

alienação da ordem social, sobretudo em forma de subalternidade. Essa última particularidade evidenciada pela estudiosa dialoga com a exposição de Silva, B. A. (2022). Nota-se que as duas autoras descreveram a condição dos submissos como um estado em que eles ficam inertes e aceitam a regra do sertão.

Nesse ato de aceitação, o oprimido passa a enxergar um local próprio para ocupar e admite o opressor como seu senhor; obviamente, a passividade se estabelece enquanto estratégia de sobrevivência. Com base nessa noção, pode-se expor aqui uma chave de leitura — o discurso do coronel dos Laranjos, por mais que possa parecer sobreposto ao dos oprimidos, não esmaece a percepção da condição de subordinação por dependência, a qual se encontram, por exemplo, os negros que convivem com ele. Ressalta-se que, em *O Mulo*, o narrador esteve em desprestígio por algum tempo, mas a relação estabelecida com o cabo Vito serviu de trampolim para que ele deixasse de se enxergar como inferior; o primeiro nome documentado e a passagem pelo exército legitimam o novo perfil desse sujeito. As posses empoderam Philogônio e o outro, que não possui poder, passa a ser visto por ele como não-gente — exemplo disso são os pretos. O episódio em que os negros procuraram abrigo com Philogônio é contado de modo em que ele afirmou ter se tornado o responsável por eles:

Veio com ele [Militão] aquela tropinha de jumentas para trocar por ferros. Mas quem veio negociar era o olheiro, meio chefe deles, Juca, querendo ver se dava para pretada se encostar e acoitar comigo, no mole. Na verdade, ele era o embaixador dos pretos espalhados nesses mocambos de negros forros dos goiases. Foi esse o meio que acharam de se verem protegidos. E isso, a seu modo, me explicaram. Eu é que não entendi que, consentindo, fazia da minha fazendinha um mocambo e de mim o chefe deles (Ribeiro, 2007, p. 170).

Nessa mesma direção, pode-se pensar que, na cena citada anteriormente, Philogônio expõe o início da relação dele com os pretos; e destacar que, nesse mesmo contexto, o personagem Ludovico, um capataz que alega ter para receber dos negros, é expulso da propriedade. Efetivamente, o protagonista se vê como um protetor, mas, na verdade, a proteção logo é substituída pela exploração. Sob a visão da sobreposição de raças, o tom de seu Mulo expressa a noção de uma posição de verticalidade: “[...] Um dia Militão criou coragem e pegou a mania de me falar do sofrimento dos pretos. Em cada viagem gastava a licença que eu dei, recontando [...] a história na versão dos pretos [...]” (Ribeiro, 2007, p. 171). Desse modo, verifica-se a aceitação de uma posição inferior por parte do servo que precisou de uma “licença para falar”. Calu é um outro exemplo dessa situação. Depois de ser estuprada, ela permaneceu servindo, e só deixou de servir, sexualmente, por ter arranjado um companheiro, Bilé, e em razão de Philogônio não manifestar mais interesse por seu corpo.

Lincoln de Araújo Santos (2023), em seu texto *Ciência, Literatura e Educação: a utopia morena no pensamento social de Darcy Ribeiro*, também estabeleceu uma comparação entre antropologia e literatura em Darcy Ribeiro, especialmente em relação a *O povo brasileiro* e a *O Mulo*. O pesquisador identificou semelhanças entre sertão e sertanejo nos livros *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro — nesses livros caboclos, matutos, sertanejos e vaqueiros com seus estereótipos, linguagens, mitos e religiosidades formam a cena textual. O estudioso definiu a obra em estudo nesta dissertação como um romance ficcional realista, justificando-se pela maneira escolhida por Ribeiro para caracterizar o tipo sertanejo e suas peculiaridades. E argumentou sobre o papel da Igreja na obra, evidenciando que a instituição faz referência ao controle social que teve início no ciclo monárquico. Desse modo, “[...] A religiosidade justifica as ações civis. Para Philogônio, a confissão seria o caminho do perdão divino; o testamento, a certeza que seus bens se eternizariam [...]” (Santos, 2023, p. 6).

Recorrendo a *O povo brasileiro*, o autor argumentou que a religiosidade e suas manifestações conjuntamente estão presentes em *O Mulo* e consolidam as relações interpessoais. Sem dúvida, a religião católica atravessa o enredo do romance, capelas, rosários e as próprias personas dos padres, celibatários ou não, compõem algumas cenas da confissão, suplementada pelo testamento do narrador. Nesse cenário, o pensamento de Philogônio sobre os negros também é analisado por Santos (2023). De acordo com ele, no discurso do senhor dos Laranjos, os servos são referidos de forma depreciativa — manifestando sua crueldade, o narrador associa pessoas a objetos e, portanto, as classifica com um tipo de propriedade sua. No que se refere às terras, o estudioso observou uma preocupação de Darcy Ribeiro com a ecologia, expressa tanto na antropologia quanto na literatura; para sustentar a argumentação, no trabalho há menção às queimadas das matas virgens das terras do Vão. Outrossim, verifica-se uma relação entre as considerações de Oliveira (2022) e de Santos (2023) acerca de Ribeiro, de sua busca pela compreensão do processo civilizatório e da noção de libertação dos povos oprimidos. Santos (2023) concluiu que,

Seja na literatura, seja no texto científico das Ciências Sociais, o pensamento social de Darcy Ribeiro tem um nexos, uma coerência entre as ideias que projetavam a ação política, no entendimento de que é a evolução do processo civilizatório latino-americano e sua libertação dos múltiplos povos que compõem o continente. Sua insistência, ao longo da vida, em conceber uma teoria geral de formação dos povos plurais — ameríndios — de variadas línguas e culturas demonstrava uma dialética entre a história das sociedades e as possibilidades políticas de soberania territorial, social e econômica frente aos centros desenvolvidos do capitalismo (Santos, 2023, p. 11).

Sem dúvida, no romance em pauta o poder está relacionado aos bens adquiridos. O personagem Philogônio é um tipo de sujeito que, por intermédio da busca pela ascensão social, tenta se apossar de um título, como o de coronel, para ser considerado alguém. O que impressiona é a atualidade da temática tratada por Darcy Ribeiro, pois a obra foi publicada em 1981 e até os dias de hoje as mazelas sociais se mostram como questões urgentes a serem repensadas. Afinal, indígenas ainda sofrem para ocuparem territórios que lhe são de direito, e a maioria dos negros permanece segregada.

Geraldo da Aparecida Ferreira (2023), dando continuidade ao seu trabalho interpretativo sobre *O Mulo*, lidou com algumas questões, como a disparidade entre classes, temática essa que, de certa forma, está presente nos outros 11 textos mencionados nesta revisão sistemática da literatura. Por meio do trabalho *Deus perdoe o mal que habita em mim: uma leitura de O Mulo, de Darcy Ribeiro*, em seu percurso analítico, o autor referenciou o termo intelectual, de modo formal, aplicando-o ao montesclarenses Darcy Ribeiro, e o não formal ao narrador do romance. Para Ferreira (2023), a rememoração de Philogônio, sobre a severidade dos acontecidos na parte interior do país, destacou o que é esperado de um intelectual, ou seja, em forma de denúncia expor e militar contra irregularidades praticadas pelos poderosos.

O estado atual do protagonista, enfermo e se considerando velho, o limita para agir e participar efetivamente das questões de seu tempo. Após expor essa percepção, o pesquisador colocou em evidência a ação do narrador empenhado no ato da escrita de suas memórias; ainda, verificou que, por intermédio da história do Mulo, ficam perceptíveis as transgressões de um ambiente regido pelo poder dos mais abastados, isentos de punição. Consequentemente,

[...] o narrador de *O mulo*, enquadrado na figura de um “intelectual” em nossa perspectiva, sente a impotência dos seus atos diante de situações irreversíveis. A passagem do tempo, a decrepitude do seu corpo, a convivência em um mundo marcado pela violência o levam a buscar na escrita uma forma de expressar-se, de manter-se vivo. Essa situação pode ser considerada análoga a de intelectuais propriamente ditos em alguns momentos da nossa história. Colocados entre duas situações extremas, serem cooptados pelo poder oficial ou o silenciamento, alguns encontram uma terceira via, a da literatura. O nosso protagonista tem objetivos escusos em sua decisão de escrita, mas que não pode ser desconsiderada, como forma de registro de denúncias de crimes, desmandos, abusos de poder e outros delitos (Ferreira, 2023, p. 20-21).

Por meio da escrita, como se demonstrará neste trabalho, Philogônio expressa seu medo da morte e da decisão divina a seu respeito, pois os homicídios cometidos pelo coronel, assim como os abusos e estupro, não são cobrados dele em vida. No referido trabalho, há uma discussão acerca da postura do protagonista que não oculta suas atrocidades, tampouco se arrepende, mas traz para a cena literária o desejo de receber o perdão divino. Com base nesse

desdobramento, a proposição do narrador, que se enxerga como o cumpridor da vontade de Deus, também é mencionada por Ferreira (2023). O autor comparou o posicionamento do Mulo ao modo de agir do eu representado em uma música intitulada *O mal que habita em mim*, da banda Camisa de Vênus:

[...] A letra dessa canção retrata um eu lírico também em busca de um perdão que vai se mostrando impossível ao longo da letra. “O mal que habita” no personagem da música, apesar de ser reconhecidamente nocivo, está sempre à espreita, tentando não ser notado, mas pronto para reaparecer na primeira oportunidade: (Ferreira, 2023, p. 22).

*O mal que habita em mim
Preso em jaula de fumaça
Fazendo sempre crer que é boa praça
A alma inchada de desejo e trapaças
Lhe beija a fronte e ergue a taça
Deus perdoe o mal que habita em mim
É como um franco atirador
Atento ouvindo o rufo do tambor
À espera de alguém ou algo de valor
Com suas balas recheadas de amargor* (Nova, 1996 apud Ferreira, 2023, p. 22).

A dificuldade em receber o perdão, conforme o pesquisador, de fato, se dá devido à recorrência da demonstração do mal, tanto por parte do eu lírico quanto de Philogônio. Eles são sujeitos amargurados, solitários e com um passado marcado pelos desvios que cometeram, sendo suscetíveis a cometê-los novamente. No caso do narrador de *O Mulo*, verifica-se que durante a confissão, a morte de Militão serviu de incentivo para que ele ordenasse mais um crime, isto é, eliminar Chiquinho (matador de Militão). Acerca da intenção do coronel dos Laranjos quanto à obtenção de perdão, Ferreira (2023) inferiu que ele encena a ideia de ser perdoado. Assim, a confissão é percebida como contextualização de vivências e forma de exposição de um passado perdido no tempo e inacessível; a troca dos bens é entendida como forma de promessa, despontando, então, o desejo do narrador de ser lembrado, eternizado.

Já os crimes, conforme o autor, revelam o caráter de Philogônio enquanto um sujeito incorrigível, porque matar, na lógica dele, é algo fútil e até relativizado. Além disso, o estudioso identificou que, tanto em *O Mulo* quanto em *Migo*, o esforço dos narradores de primeira pessoa, Philogônio e Ageu Rigueira, por meio da escrita memorialista de Darcy Ribeiro, é posto em cena como uma forma de analisar o passado. Em vista disso, compreende-se que, expondo a si mesmo, o coronel Castro Maya adquiriu experiência, e por adquiri-la percebeu que já não era mais o mesmo e nem a sua história era a mesma. Certamente, em seu enredo a vontade de se definir contribuiu para que ele tentasse, por meio da memória, (re)constituir parte do que vivenciou.

Nessa última etapa da revisão sistemática da literatura, na “síntese e interpretação dos dados”, é importante ressaltar que o projeto literário de Darcy esteve entre as constatações feitas pelos autores citados, vê-se uma noção de continuidade entre *Maíra*, *O Mulo*, *Utopia Selvagem* e *Migo* — é possível visualizar as diversas faces do Brasil com seu povo sofrido, explorado, pobre, miscigenado, mal interpretado e que, sem generalizar, interpreta mal o(s) outro(s). Em relação aos estudos apresentados anteriormente, percebeu-se certa necessidade, por parte dos autores, de associar o trabalho antropológico de Darcy Ribeiro aos seus romances. Na base dos personagens-tipo, o narrador de *O Mulo* é interpretado de diferentes maneiras, tanto por seu erotismo e sexualidade confessados quanto por sua brutalidade, que é respaldada pelo poder adquirido. Por vezes, de ex-oprimido, já alcançado o posto de opressor, passa a ex-opressor; há a questão de seu nome, adquirido falsamente e de suas múltiplas identidades.

A incapacidade de gerar descendência é também um impasse. Afinal, quando era pequeno, o protagonista fazia parte do contexto de cruzamento dos animais; e mesmo tendo ficado estéril, isso não impediu que ele permanecesse vivendo suas experiências sexuais. Ainda, a questão religiosa atravessando o enredo do início ao fim, com a figura do padre e a tentativa de Philogônio se salvar, mas ao mesmo tempo corromper o sacerdote, mostra a complexidade da obra de Darcy Ribeiro em relação à noção de descristianização do indivíduo. Os indígenas, os pretos alforriados, os padres, os coronéis e os políticos, no discurso do narrador, são colocados em cena de modo a expor suas condições e modos de sobrevivência. Considera-se que, em certa medida, todas as questões colocadas em pauta pelos pesquisadores podem ser contempladas no ato de registrar as memórias.

Inegavelmente, a ação de relembrar abre espaço para que Philogônio se exponha ao contar a sua história, encenando a busca pelo perdão divino; assim, o leitor da obra tem acesso integral à intimidade desse sujeito. Portanto, a intenção de expressar a autonomia que possui, às vezes, contribui para que o coronel dos Laranjos não tenha receio de dizer certas coisas, e até de xingar o padre, este que é indicado como a única pessoa que o protagonista pode contar:

Hoje estou triste de dar dó. Triste e só neste mundo povoado de gente sobrando. Conto é com o senhor mesmo. Só. Ninguém vem cá. Espera aí, seu padre. Eu não me entrego, não! Estou é bem. Demais! Meta sua compaixão no cu. Piedades não quero, nem careço. Sou homem inteiro. O pai de mim sou eu. Eu sou meu filho único, órfão. Só eu choro por mim. Eu só me basto (Ribeiro, 2007, p. 253-254).

Com o passar dos dias, envolto no ofício de se compreender, Philogônio, revela sua essência, de homem mau. Em algumas passagens do romance, sua revolta parece ser

proveniente de sua solidão. Embora simule estar bem, em solidude (vivendo consigo mesmo), infere-se que ele deseja preservar sua autoimagem de homem viril e independente. Além disso, ao longo do enredo fica nítido que a matéria é o que o legitima. Exemplos disso são as preocupações de Philogônio com os bens, mais perceptível ainda pelo zelo que ele possui em não ser visto, por quem está de fora da confissão, como alguém em decadência. Cita-se sua dedicação em descrever e analisar o local em que Militão compraria o seu caixão, e o cuidado verificado por meio das recomendações para que ninguém identificasse o esquife; isso denota um sujeito que não quer perder o controle da situação, mesmo estando em decadência total.

Dia de tristes alegrias, seu padre. Chegou meu caixão funerário. Tal qual eu queria. Grandão e preto. Soleníssimo. Os metais vieram disfarçados com esparadrapo. É de imbuia maciça. Madeira que cupim não rói. Muito bem lixado, envernizado. Móvel fino como vi poucos.

Você até gostaria de ver. Por dentro, um luxo só. Acolchoado de cetim roxo escuro. Experimentei, com Militão ao lado, pedindo pra não agourar. Gostei. Aprovei. É uma cama de hotel. Amplo e confortável. Melhor que meu catre de couro em que durmo às vezes.

Comprou em Brasília mesmo. É caixão de primeiríssima. Igual a uns poucos vendidos ao governo pra sepultar ministros. Segundo Militão, é melhor que os modelos destinados a senadores e deputados, mais claros e sem forração de seda natural.

Só não gostei do luxo besta de uma janela de vidro em cima, para devassar a cara do defunto. Não poderei ver ninguém me olhando, nem quero que ninguém me veja morto. Nisso já dei jeito: cobri a vidraça, dos dois lados, com folhas de jornal coladas. O acabamento desmereceu meu féretro preto. É melhor assim.

Alguma besteira esse negro tinha de fazer (Ribeiro, 2007, 358-359).

A descrição do caixão, imediatamente à sua chegada, mostra o contínuo pensamento de superioridade presente no discurso do narrador-personagem, como se pode verificar a partir da afirmação de que o seu caixão é até melhor do que os das autoridades políticas. O trecho citado deixa explícito, ainda, o seu desejo de não querer ser visto morto. Desse modo, a ideia de cobrir o vidro com folhas de jornal serve para limitar informações que possam ser captadas para além do texto da confissão e do testamento. Isso reforça a intenção de Philogônio de eternizar-se, por intermédio do modo que o padre achar melhor descrevê-lo, caso o texto chegue ao sacerdote. O desprezo às ações do negro Militão também é externado e evidenciado em: ‘alguma besteira esse negro tinha de fazer’. Esse discurso e outros, não só sobre Militão, mas em relação aos servos que estão no enredo, fazem parecer que eles não possuem o mesmo nível de compreensão de seu senhor.

2.2 Paulo Honório, Riobaldo e Philogônio: aproximações entre os narradores

A história narrada em primeira pessoa, certamente, possibilita alguma liberdade à voz narrativa, o que permite, por exemplo, que o leitor de uma obra ocupe a função de um amigo confidente, ao qual se pode contar tudo. Além disso, em algumas obras, os narradores se aproximam da ação de deixarem registrada a perspectiva adquirida por meio de suas trajetórias. Conforme explicitado nos estudos aqui apresentados, ao observar os romances *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa e *O Mulo* (1981), de Darcy Ribeiro, identifica-se certa relação entre o ato de contar e mencionar a escrita, e sua importância, para se expor a noção de fazer com que a vida dos narradores seja confidenciada e colocada em questão (*São Bernardo* e *Grande Sertão: Veredas*). E/ou, ainda, perdurada e eternizada (*O Mulo*). Em trabalhos como os de Chauvin (2007), Andrade (2017), Oliveira (2019) e Silva, B. A. (2022), ora os autores identificaram aproximações entre o romance em estudo e *São Bernardo*, e/ou com *Grande Sertão: Veredas*; ou com obras como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Nesse contexto, Haydée Ribeiro Coelho (2005) argumentou que: “*O Mulo* [...] enfoca o protagonista na passagem da condição de iletrado para letrado. Semelhante ao personagem Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*, o protagonista de *O Mulo* vale-se do poder da escrita para impor seu poder no contexto do sertão [...]” (Coelho, 2005, p. 173). De acordo com a autora, a trajetória errante de Philogônio, sua ascensão social e o aprendizado das letras vão ocorrendo de modo paralelo, e é por intermédio dessas mudanças que o narrador-personagem se comporta reproduzindo a mesma violência que ele experienciou. Posteriormente, Coelho (2017) destacou o fato de que muitos são os autores que procuram ressaltar aspectos que aproximam *O Mulo* de *Grande Sertão: Veredas* e de *São Bernardo*. Após explicar que Philogônio escreve a um confessor que nunca virá, em decorrência da morte de Militão, a autora acrescentou que, nesse romance de Darcy Ribeiro, as palavras precisas e escassas são estendidas e ampliadas por intermédio daquilo que faz recordar:

O “recordatório” do protagonista pode ser pensado a partir dessa busca de si (o “caracol”) que tem “a carne fora do casco” e da associação entre a “aranha” e o criador de memória e da autobiografia. [...]

[...].

[...] Combinando os movimentos do “caracol” e da “aranha”, o texto parece enredado, emaranhado em seus próprios fios e, também, em expansão. Semeando tanto a escrita do passado quanto do futuro, sob a perspectiva do presente de quem narra e de quem lê, a escrita se move. É por ela que o palco da vida pode ser visto e revisto.

As imagens do “caracol” e da “aranha” ganham um estatuto teórico, pois abrem uma vertente de reflexão sobre textos autobiográficos, em que o sujeito ao falar de si,

realiza o movimento do caracol. Ao tratar dos outros da História, cria outros fios que se conectam ao movimento da aranha por meio de sua tessitura (Coelho, 2017, p. 74-75).

Nessa perspectiva, Vera Lopes da Silva (2017) discorreu acerca das vozes discursivas presentes em dez obras literárias brasileiras contemporâneas, as quais denotam desconfiança, em certa medida, em relação ao trabalho de escritor de literatura, fazendo uso do espaço, enquanto recurso estético e elemento composicional da narrativa. Entre as obras mencionadas, Silva, V. L. (2017) tratou de *São Bernardo* e de *Grande Sertão: Veredas*, identificando no primeiro um narrador que admite a sua falta de habilidade para a escrita, bem como sua desafeição por ela:

[...] O protagonista, ao narrar a sua história, desconfia de si mesmo como homem — com ofícios rudes — e, assim, desconfia de si mesmo como escritor — com recursos intelectuais rudes. Ambos, estando em situação desconfortável, procuram conforto no ajuste ao espaço — o latifúndio São Bernardo (Silva, V. L., 2017, p. 21).

Conforme a autora, Paulo Honório concretiza-se junto de São Bernardo ao demonstrar o seu poder e redimensionar o espaço, empurrando cercas, ameaçando e ampliando, também, a sua solidão, até ficar restrito dentro de seu latifúndio, fatigado, num recorte entre a mesa e o apagamento da luz das velas, interrompendo a tarefa da escrita. No que diz respeito a Riobaldo, a pesquisadora identificou que ele encenou um desconforto quanto ao exercício da contação, esta que se aproxima daquelas contações de causos orais; externa-se modéstia em contraponto ao homem da cidade, seu interlocutor no livro. No espaço do sertão, em suas veredas, Riobaldo é, existe e se forja, num saber próprio, que é legitimado a partir de suas afirmações, divagações e indagações; assim, esse homem de papel articula com precisão e domínio o que se está contando.

Roberta Brandão Novaes e Emmanuel Oguri Freitas (2020) questionaram sobre a escolha de Darcy Ribeiro pelo sertão, indagando se essa referência ocorreu por conta de que o sertão é o coração do Brasil ou pelo local de nascimento do autor, o norte de Minas (Montes Claros), ser propício para Ribeiro esboçar o seu segundo romance. No que concerne ao modo de contar a história, os autores colocaram em questão a proposição de que Darcy Ribeiro pode ter se inspirado em Guimarães Rosa. Isso porque, “[...] O estilo narrativo em que o protagonista dialoga com um interlocutor silencioso, que se vai revelando ao longo do texto, em muito lembra a prosa de Riobaldo [...]” (Novaes; Freitas, 2020, p. 229). Sem dúvida, o diálogo com um interlocutor silencioso acontece em ambas as narrativas, porém destaca-se que o modo como o enredo é registrado se difere e muito, pois Riobaldo não assume a tarefa da escrita, já

Philogônio sim. E mais: o interlocutor é também diferente para o primeiro, um doutor, para o segundo, um padre. Essa diferença é também significativa e digna de estudos.

Cristiano Santos Araujo (2022) constatou certa relação entre os narradores Riobaldo e Philogônio com base em reminiscências e confissões. Para ele, ambos os sujeitos se conectam por uma temática que envolve o homem humano com a literatura e o pensamento crítico sobre o Brasil em João Guimarães Rosa e em Darcy Ribeiro. Ainda nesse âmbito, o pesquisador caracterizou a presença de Deus e do demo nas duas narrativas, metaforicamente, como jogadores que movem as peças da vida. Dessa maneira,

Philogônio, assim como Riobaldo, narra suas reminiscências de mandos e desmandos sob a astuciosa batuta de Deus e do Diabo para um viver vivido e um viver refletivo, que apesar da expressão confessional, contudo, destaca um assento humano da reflexão do próprio viver que é perigoso (Araujo, 2022, p. 139).

Isso posto, é interessante destacar que Paulo Honório, Riobaldo e Philogônio são narradores e também personagens. No que diz respeito a essa categoria, Candido (2014, p. 55) explicou que:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lúdica verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

De acordo com esse crítico literário, a compreensão sobre personagem envolve a questão da pessoa real e do sujeito fictício, este, por ser uma invenção, revela algo mais coeso, fluido. Já aquele pode ser interpretado a partir de projeções fragmentadas do que se pensa sobre. No espaço ficcional, o acesso às personagens é facilitado e a noção de pessoa-real torna-se ajustada ao enredo, à medida em que a complexidade do ser é conhecida pelo leitor. Dessa forma,

[...] a verossimilhança propriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. Conclui-se, no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente (Candido, 2014, p. 75).

Tendo em vista os três romances, pode-se considerar que Paulo Honório, Riobaldo e Philogônio, narradores-personagens em primeira pessoa, têm base na noção de homem feito. Não é o sentido literal da expressão *made man*, utilizada para sinalizar um membro da Máfia Americana ou um homem de honra, um *soldato* (em italiano), nem um mafioso “já feito” e apto a compor uma organização siciliana. Mas uns quase-heróis forjados na e pela bruteza de uma vida marcada pela ruralidade, a brutalidade, o amor ou a ausência dele, a solidão e o zelo excessivo pelo que se conquistou, materialmente e/ou imaterialmente, durante toda uma trajetória. No caso de Paulo Honório, Madalena é o carma (o prêmio e a derrota); para Riobaldo, destacam-se a questão do pacto com o diabo e o amor por Diadorim (travestida de jagunço). Já Philogônio, que se tornou um matador, precisou lidar com a certeza de sua morte, aglutinada a uma relação de causa e efeito verificada na troca dos bens para demonstrar certa preocupação dele com a vida após a morte.

Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isto se tornou insuportável.

Foi aí que me surgiu a ideia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A ideia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.

[...] De repente voltou-me a ideia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.

Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café [...].

Às vezes entro pela noite, passo tempo sem fim acordando lembranças. Outras vezes não me ajeito com esta ocupação nova. (Ramos, 2015, p. 215-216, grifo nosso).

[...] O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão [...] Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? E a ideia me retorna. Dum mau imaginado, o senhor me dê o lícito: que, ou então — será que pode também ser que tudo é mais passado revolvido remoto, no profundo, mais crônico: que, quando um tem noção de resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida, sem se saber; e a pessoa sujeita está só é certificando o regular dalgum velho trato — que já se vendeu aos poucos, faz tempo? (Rosa, 2006, p. 39-40).

[...] — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. [...]

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluzei meu desespero.

O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real.

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremeci, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. [...] E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

— “Meu amor!...”

Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo (Rosa, 2006, p. 599, grifo nosso).

[...] Peço a ele, ao senhor seu padre, a absolvição de meus pecados muitos que não tenho merecida, mas espero alcançar. Hei de alcançar, mais por suas virtudes de sacerdote e seus poderes de confessor, do que por minha contrição e arrependimento. O senhor verá pelos pecados, tantos, desta minha vida que careço de absolvição para enfrentar, no Outro Mundo, Quem me pedirá contas.

[...] ao senhor, meu confessor, eu designo e nomeio meu principal herdeiro e meu único testamenteiro. **Nesta qualidade, aqui delego ao senhor, para agora e sempre, todos os poderes para se assenhorar e distribuir, dentro das sujeições e condições que declino, todos os bens e propriedades que possuo agora e que venha a possuir na hora da minha morte.** Amém (Ribeiro, 2007, p.12, grifo nosso).

Por que confesso? O que confesso? Espremendo, para tirar o sumo dos meus feitos, o pecado que fica latejando, me ameaçando de perdição, é o de matador. Eu fui, eu sou o matador. Eles, meus mortos, estão mortos acabados. Eu, que me salvei, tenho de confessar pra não me perder. Eles, estão salvos. Estarão?

Matar é ato simples. Morrer é passo dificultoso. O preparo para morrer morte morrida exige coragem, paciência, que eu nem suspeitava. Matar, não. Matar não tem arte. Dar a morte é só destruição. O que pede é manha para não morrer no lugar do outro ou junto com ele. Manha que não se aprende, nasce com a gente, vem dentro do corpo. É como a astúcia invencível dos bichos selvagens que ninguém caça (Ribeiro, 2007, p. 14-15).

Os três sujeitos são projetados em figuras de homens feitos, os quais avançaram a linha da maioria — Paulo Honório, Riobaldo e Philogônio estão à mostra por intermédio do discurso narrativo, proferido no espaço rural, que nutre a intenção de todos eles, a saber, deixarem a história de suas vidas registrada. Marcadamente, eles são indivíduos expostos pelo movimento de revolver lembranças durante a tarefa da narração, alcançando a consciência onde a memória desponta e faz com que surja a reflexão advinda da introspecção. E, conseqüentemente, se configura a ação de confessar: o arrependimento de não ter sabido lidar com a mulher, no caso de Paulo Honório; o desconforto aumentado ou diminuído em Riobaldo após saber que seu parceiro jagunço, o qual amava, era uma mulher travestida de homem; e o remorso disfarçado de recordação daqueles que Philogônio matou ou ordenou que matassem.

Em relação ao processo de rememorar e registrar o que se viveu e/ou vive, *São Bernardo* e *O Mulo* podem ser aproximados, uma vez que, em *Grande Sertão: Veredas*, o narrador não assume a empreitada de escrever a sua própria história, todavia decide narrar em primeira pessoa, contando seus segredos, medos e coragens a um doutor/senhor, seu interlocutor ficcional. O dono das terras de São Bernardo, Paulo Honório, alegou que entrava pela noite, às vezes, acordando lembranças e outras vezes não se ajeitava com a ocupação de produzir o livro (Ramos, 2015). Por sua vez, Philogônio, na última parte da obra, “Isso não é nenhuma confissão”, concluiu o porquê de ter assumido o trabalho com a escrita: “Escrevo para livrar do esquecimento as palavras dessa silente confissão. Navegando nesse rio de palavras com a

cabeça livre, ando pra cá e pra lá, por todo o já vivido. Mergulho até no que há de vir, tentando adivinhar o que será. [...]” (Ribeiro, 2007, p. 347). Ao contrário de Paulo Honório, que se propõe a construir um livro mesmo não tendo o domínio da ação de escrever, Philogônio tem a escrita em suas mãos como se fosse um arreio:

Fantasio até meus impossíveis do Além: sair cavalgando sozinho pelos campos sem fim da Eternidade.

Lá vou eu, sem pausa, em cima do meu cavalo fantasma que não come, nem cansa, nem tropeça, nem relincha. Eu bem montado, rédea na mão, sigo rumo, enrolado na japonsa, sempre igual, cavalgando sem norte, para lugar nenhum.

Entre o cavaleiro e eu, a diferença é que estou aqui arfando, com os peitos queimando do ar que me falta. Ele não respira. Só cavalga meu cavalo negro que balança a cabeça e as crinas, abana a cauda trançada, levanta e bate as patas ferradas e segue caminho abrindo seu espaço na névoa espessa. Criando ao pisar o piso em que pisa (Ribeiro, 2007, p. 347-348).

Um ser quase fantástico, um cavalo mágico, fruto da imaginação do coronel dos Laranjos, encontrado entre os textos de sua confissão. Mais uma vez, o espaço rural da fazenda aflora na cena, apontando para a figura do animal, forte e com energia, tudo o que Philogônio naquele momento não é, por motivo de doença. Esse sujeito encenou e projetou, imaginativamente, o que ele aspirava voltar a ser. Tateando entre o que ele é e a sua falta de ar, Philogônio volta à consciência e mostra a si mesmo, o eu de agora, debilitado, *versus* o eu de antes, o herói-cavaleiro, um sujeito nobre, uno ao seu cavalo em energia e força. A escrita, nesse sentido, para Paulo Honório e Philogônio, reflete a imagem de cada um, pondo os sujeitos do agora, no tempo da contação, de frente para eles mesmos, pensando sobre o que foram, o que são e o que poderão ser. Tanto Paulo Honório quanto Philogônio procuraram arranjar um herdeiro, no caso do primeiro foi preciso achar uma mulher boa para a tarefa da maternidade. Candido (1992, p. 26) expôs:

Com efeito, o patriarca à busca de herdeiro termina apaixonado, casando por amor; e o amor, em vez de dar a demão final na luta pelos bens, se revela, de início, incompatível com eles. Para adaptar-se, teria sido necessária a Paulo Honório uma reeducação afetiva impossível à sua mentalidade, formada e deformada. O sentimento de propriedade, acarretando o de segregação para com os homens, separa, porque dá nascimento ao medo de perdê-la e às relações de concorrência. O amor, pelo contrário, unifica e totaliza. Madalena, a mulher — humanitária, mãos-abertas —, não concebe a vida como relação de possuidor a coisa possuída. Daí o horror com que Paulo Honório vai percebendo a sua fraternidade, o sentimento incompreensível de participar da vida dos desvalidos, para ele simples autômatos, peças da engrenagem rural. Quando casa, aos quarenta e cinco anos, já o ofício criou nele as paixões correspondentes, que o modelaram na inteireza do egoísmo.

Inicialmente, Paulo Honório precisava preparar um sucessor para cuidar das terras de São Bernardo e, para tanto, empreendeu esforços para se casar com Madalena, o menino-herdeiro nasceu, mas o ciúme e a barbaridade de Paulo contribuíram para que a sua esposa se visse oprimida até cometer suicídio. Posteriormente, a ausência de posse da mulher e o domínio de São Bernardo ficam em questão, a morte de Madalena descentraliza o governo de Paulo Honório e a preocupação com a propriedade passa a ser diminuída, mesmo com o objetivo alcançado, ou seja, a existência do menino-herdeiro, órfão de mãe, crescendo na casa da propriedade. Já no caso de Philogônio, sem filho e sem uma nova companheira, unida a ele por um documento registrado em cartório, fidelizado em uma outra cerimônia de casamento, como quando se casou com siá Mia, o seu herdeiro seria um padre e a perda seria a fazenda dos Laranjos.

[...] Quem chorará minha morte, seu padre? Ninguém. Ninguém estará aqui para me vestir, como se veste a um pai, a um padrinho por quem se tenha carinho. Essa Calu e esse Bilé me vestirão mal-e-mal. A gravata, nem saberão laçar, decerto enrolarão no meu pescoço, se é que farão tanto por mim. [...].

A única pessoa que talvez me tratasse com carinho nessa minha velhice e na morte, foi siá Mia. Acho que chegou a gostar de mim. Quando viu que ia morrer, teve pena de me deixar sozinho. Fora dela a outra única pessoa que haveria de chorar triste de me ver morto, com pena sentida, essa não vai estar presente. Sou eu (Ribeiro, 2007, p. 31).

Posto isso, compreende-se um traço bem marcado nas três narrativas, *São Bernardo*, *Grande Sertão: Veredas* e *O Mulo*: o lugar de onde se fala, o sertão, enquanto espaço significativo para externar o que se pensa e sente. A partir de onde os narradores das referidas obras estão, as histórias, compostas de outras tantas histórias, revelam tanto a lógica deles quanto as leis que imperam nos sertões. Nesses espaços, a causa e o efeito ecoam, uma história puxa a outra e os narradores vão revelando assuntos que, por exemplo, só poderiam ser ditos a um amigo confidente, a um analista em sessão de terapia, ou até mesmo a um padre, na tentativa de extinguir a possibilidade de que outras pessoas possam divulgar o que foi proferido. Contudo, no cotidiano ficcional, o movimento de se expor ocorre abertamente. Infere-se que, em razão da verossimilhança, o conteúdo literário fica para o leitor como algo que requer dele uma participação ativa para renovar a sua própria compreensão.

Nessa direção, reitera-se acerca do cenário para o registro das memórias do coronel dos Laranjos; observa-se que ele está entre a solidude e a solidão. Consequentemente, em *O Mulo*, a solidude é externada no apego dele à sua própria companhia, estando consigo mesmo, comprometido com a proposta maior — compor um escrito de punho e letra, em forma de

confissão e testamento —, Philogônio protela o signo da morte. Há também a solidão, nutrida pela política de mando que ele estabeleceu:

Não morrerei sozinho, como você vê. Mas também não morrerei acompanhado. Essa gente toda, para mim, não é ninguém. Eu para eles o que sou? O patrão, o senhor, o amo. Sim, essa a palavra, amo. O coronel Castro Maya dos Laranjos, para eles é o Mulo, o amo desalmado. Por que haviam de me querer? Eu pago na mesma moeda. Vivo só (Ribeiro, 2007, p. 356-357).

O desconforto desse personagem parece ocorrer em consequência de ele escrever suas memórias. À certa altura, passado, presente e futuro são ligados por fantasmas que transitam pelos tempos: “[...] Fantasma é Lopinho / [...] Fantasmas igualmente são as mulheres que amei / [...] meus amigos que não tive nenhum. [...] Até os bichos, animais, que me importam, são fantasmas” (Ribeiro, 2007, p. 357). Nesse raciocínio, a situação em que se produz, tendo o que dizer, para quem dizer, faz render o tempo, não o tempo concreto, mas o abstrato, próprio das verdades que a memória (re)cria. Também, o remorso, a culpa e a fixação por viver atormentam o estado de espírito do Sr. Mulo e, além disso, a exposição dos sentimentos — esta última, abre espaço para que se possa pensar em Graciliano Ramos (1979) na função de autor de livros. Como se vê, o autor declarou ter produzido seus romances voltados para o homem sertanejo, o que é um movimento de auscultar a alma do indivíduo rude e quase primitivo que mora na região mais recuada do sertão. Este é um ser de espírito bronco, respingado pela hostilidade da injustiça humana.

Voltando a atenção para os narradores mencionados anteriormente, Paulo Honório, Riobaldo e Philogônio, destacam-se a narração, no caso dos três, e o trabalho com a escrita em *São Bernardo* e em *O Mulo*. A reiteração acerca de possíveis aproximações entre os romances citados está justificada aqui pela questão motivadora de uma outra hipótese de leitura, pensada a partir da autonomia conferida aos narradores de primeira pessoa em contexto da produção de textos no espaço ficcional. Está posto que Paulo Honório não domina a linguagem e precisará contar o auxílio de pessoas mais entendidas do que ele, sujeitos de uma sociedade letrada; o conhecimento que detém é do campo, dos animais, da agropecuária. Por sua vez, Riobaldo está contando a um senhor externo ao sertão-mundo advertido para que possa anotar. Evidentemente, o saber desse narrador é oral e demanda suporte da parte de um sujeito letrado para escrever o que ele fala e orienta.

No caso da obra *O Mulo*, o movimento com a escrita ocorre ao contrário. O narrador escreve a um padre que supostamente lerá a confissão. Significa dizer que a escuta é uma hipótese, pois o sacerdote ausculta e/ou auscultaria a alma do narrador-pecador, depois de sua

morte. Nessa perspectiva, no próximo capítulo são colocadas em questão a noção de autoria e de confissão, assim como a escrita memorialística, a lógica exposta pelo narrador de *O Mulo* em relação a si mesmo e aos outros, e o seu modo de agir, por exemplo, em nome de uma “vontade divina”. E, ainda, a estratégia utilizada por Philogônio, que se vale da ideia da confissão religiosa, como forma de defesa de possíveis acusações em razão dos crimes e pecados por ele praticados.

3 A AUTORIA E O ATO DE CONFESSAR

Nos trabalhos da fortuna crítica sobre a obra de Darcy Ribeiro pôde-se encontrar algumas pesquisas em que os autores dedicaram-se ao estudo do modo como a autoria se constitui no texto de Philogônio. Neste capítulo volta-se a atenção para aspectos diretamente ligados, em particular, a essa questão. Destaca-se que, para essa discussão, é necessário tanto considerar a obra como objeto de análise quanto ressaltar que demanda-se discuti-la à luz dos estudos sobre as escritas da memória. A partir da noção de autoria, tenta-se, ainda, discutir como o eu-autor se constitui no decorrer das memórias. No presente capítulo, procura-se desenvolver uma leitura em que a autoria da confissão do narrador de *O Mulo* é posta em pauta como forma de expor esse sujeito que rememora e registra. Assim, é um meio de buscar compreender como Philogônio tenta se defender por intermédio da ideia de confissão religiosa escrita.

3.1 Escrita memorialística - a sensação do eterno

[...] Ainda que se narrem, como verdadeiras, coisas passadas, o que se vai buscar à memória não são as próprias coisas que já passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens de tais coisas, que, ao passarem pelos sentidos, gravaram na alma como que uma espécie de pegadas. [Por exemplo, a pessoa adulta] [...] a [...] infância, que já não existe, existe no tempo passado, que já não existe; mas vejo a sua imagem no tempo presente, quando a evoco e descrevo, porque ainda está na minha memória. [...] (Agostinho, 2008, p. 115-116).

Partindo dessa reflexão de Santo Agostinho (2008), pode-se dizer que tudo o que fez parte da(s) identidade(s) de Philogônio — desde a época em que vivia sendo ajudado por Lopinho (seu cuidador-pai), dos tempos de suas andanças pelo mundo, até o início da trajetória que o levou à fazenda dos Laranjos — é (re)encontrado em suas lembranças, constituindo as materialidades que corporificam os textos que esse narrador-escritor produz. Para tanto, a partir de uma não-linearidade que alonga fatos, histórias e acaba servindo de autodefesa para a consciência sobre a morte, o que fica em jogo na última parte do livro já não são os pecados ou os bens, mas as palavras postas no papel, a fim de causar uma sensação de eterno, a qual é reforçada no ato da leitura. Nesse raciocínio, tanto o suposto interlocutor imediato, o padre, quanto o interlocutor real, o leitor, vivificarão o sujeito encarnado no papel — papel-testamento, papel-livro.

No caso de *O Mulo*, observa-se que a escrita desse narrador-personagem revela um propósito duplo, eternizar e vivificar, e ao mesmo tempo indiciar o próprio “eu”, Philogônio de

Castro Maya como pecador, conceito este (o de pecador), advindo do discurso religioso fundamentado nos preceitos da Igreja Católica. Pode-se, ainda, dizer que, caso fossem considerados os preceitos jurídicos, o narrador seria julgado com base nos atos delituosos que ele praticou.

Em seus estudos sobre a escrita de si, Foucault (2004) citou o exemplo de *Vita Antonii* de Atanásio, Santo Atanásio de Alexandria, por apresentar a anotação dos pensamentos e das ações por escrito, no intuito de assegurar o desenvolvimento espiritual, renunciando o prazer e algumas necessidades primárias. Explicou, ainda, que, nessa ação de escrever, o caderno de notas é o recurso para o solitário, e a escrita ocupa, na ordem dos movimentos da alma, uma função parecida com a prática da confissão a um diretor espiritual. Ainda segundo o autor, a partir do registro escrito, como a correspondência, constitui-se o exercício da escrita pessoal, pois “[...] A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe [...]” (Foucault, 2004, p. 153).

Foucault (2004) considerou que “Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 2004, p. 156). Para essa discussão, o filósofo relembrou Sêneca, pois nas missivas (bilhetes ou correspondências) aquele enunciava o relato de um dia comum, em uma prática de exame de consciência para relatar tudo o que passou ou sentiu. Foucault (2004) colocou, desse modo, em evidência as maneiras de se compor o relato de si, que se faz no dizer do que se passa no corpo e na alma, e mostrou a diferença entre os relatos espirituais de Atanásio, da correspondência ciceroniana e da ação *hupomnêmata* (em notas, registros públicos, comentários etc.). Após essas considerações, nota-se que a ação daquele que escreve torna-se ajustada a uma tomada de decisão pautada em se colocar para o outro, o destinatário, o qual legitimará o que foi informado — estabelecendo um paradigma entre ação e reação, pergunta e resposta, enunciado e comentário, escritor e leitor.

Outro estudioso das escritas autobiográficas é Lejeune (1997). Ele discutiu a questão dos significados da sentença “guarda-memória”, pensada a partir do termo francês *aide-mémoire* (lista de verificação) e do significado idêntico em algumas outras línguas da expressão *forget me not* ou *Miosótis* (não me esqueças), como a identificação de um barbante amarrado no dedo para não esquecer de algo. Em seu artigo *O guarda-memória*, Philippe Lejeune (1997) relatou como se deu a prática de abrir uma chamada para recebimento de relatos autobiográficos nos anos 1980, especificamente na sociedade francesa. Esses escritos possibilitaram a criação da *Association pour l' Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique* (APA). As produções reunidas foram elaboradas por não famosos. O autor contou, ainda, que a APA foi

criada com o intuito de ser uma associação pautada na proposta de acolher, ler e preservar textos autobiográficos inéditos.

Nessa orientação, na APA, o pensamento foi construído preservando-se o objetivo de ler sem julgamentos. Assim, os textos são divididos em função dos interesses das pessoas que constituem o grupo leitor, nessa prática até os autores podem participar. Como parte do processo, considera-se o “[...] Apetite por essas vidas, suas maneiras de falar de si, sua trajetória e suas crises, que vão entrar em ressonância com outros relatos já lidos [...]” (Lejeune, 1997, p. 115)³. Feitas as resenhas para o arquivamento no “Guardador de memórias”, ocorre o envio de um recibo aos autores. Posteriormente, as autobiografias recebidas são classificadas em “Relatos” e “Diários”, relatos de “uma vida em seu conjunto”, de “infância e juventude”, de “um episódio mediano” e da “história de uma família”. Já os diários são de “infância e juventude”, “de adultos” e “de um episódio” — em menor número se comparados aos relatos, certamente por serem íntimos e mais delicados para serem lidos por outras pessoas.

A respeito dos manuscritos em diário, Lejeune (1997) explicou que são textos colocados em milhares de páginas. Diante disso, eles não podem ser lidos do mesmo modo que textos autobiográficos datilografados em 120 páginas. É necessário assumir uma responsabilidade afetiva e empenho de tempo. Essa ressalva não inviabiliza a intenção maior de estabelecer um espaço de liberdade e troca, de recebimento de textos em produção, ainda mais que, segundo afirmou Lejeune (1997, p. 117),

[...] O charme dessas leituras é seu caráter imprevisível. Antes de abrir o texto, não sabemos se o autor nos reserva ou não o prazer da linguagem. Ao cabo de duas páginas conhecemos sua intenção, literária ou não, mas não o resultado a que chegará. Textos muito simples nos emocionam. Elaboraões muito estudadas nos entediam. Nada está previamente decidido.

Outro aspecto importante apresentado em *O guarda-memória* é o perfil dos escritores. Em um quadriênio, de 1992 a 1996, foram recebidos 234 textos, 121 escritos por mulheres e 113 por homens. Essas pessoas, até 1997, tinham em média 55 e 85 anos. Isso sinaliza a pouca existência de textos escritos no período de 1801 a 1900 na sociedade francesa do século XIX — período esse pensado pelo autor quando lançou a chamada inicial para recebimento das escritas de si. A menção a esse texto de Lejeune (1997) se fez necessária porque ele antecede os estudos do autor em relação aos chamados textos autobiográficos, que serão posteriormente

³ As informações e os dados apresentados foram considerados com base no texto de 1997. Optou-se por focalizar nas considerações de Lejeune sobre a essência constitutiva do arquivo *Garde-mémoire*, especialmente com base na classificação dos textos autobiográficos em relatos e diários — sobretudo, em razão de se aproximar a noção de relato do modo de constituição da autobiografia ficcional, registrada pelo narrador de *O Mulo*.

muito conhecidos. A partir dessa experiência da APA, infere-se que a produção da autobiografia esbarra na complexidade da noção de verdade pura, dos processos de ativação da memória e na questão da ficção e da realidade presentes em material autobiográfico.

Nessas linhas tênues, nas quais a escrita de si e a memória podem fazer parte da ficção, Miranda (1992, p. 36) ponderou a distinção entre memorialismo e autobiografia, de acordo com o autor:

[...] o tema tratado pelos textos memorialistas não é o da vida individual, o da história de uma personalidade, características essenciais da autobiografia. Nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados. Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém muito nítida. O mais comum é a interpenetração dessas duas esferas e, quase sempre, a tentativa de dissociá-las é devida a critérios meramente subjetivos ou, quando muito, serve de recurso metodológico [...].

Desse modo, ao contar de si mesmo, o sujeito que enuncia pode não conseguir firmar a palavra em seu próprio eu, recorrendo aos outros que têm ou tiveram relações com ele, dando espaço à produção, por exemplo, de um romance. Neste gênero podem se misturar “ficção” e “não-ficção”, sem que o autor assuma um comprometimento com a verdade, pois essa não é a intenção, uma vez que se pode ancorar na verossimilhança, sendo imitação, representação da verdade. Feitas essas considerações, infere-se, a partir dos estudos de Miranda (1992), que há a “ficção autobiográfica” e a “autobiografia ficcional”, atreladas a esses dois tipos da escrita de si estão a memória autobiográfica e a memória ficcional. Voltando a atenção para *O Mulo*, mesmo que se possa perceber a menção do narrador ao estado de Minas Gerais e ao local onde Darcy Ribeiro nasceu, Montes Claros (dados biográficos do autor), certamente, o livro não pode ser caracterizado como uma memória autobiográfica, uma vez que o personagem-narrador é uma criação ficcional de Ribeiro. Miranda (1992) explicou que,

Tanto a fidelidade na configuração do mundo extratextual, em se tratando das obras romanescas, quanto a sinceridade na reconstituição da experiência vivida, no tocante às obras de cunho acentuadamente autobiográfico, estão sujeitas, antes de mais nada, à linguagem. O texto postula-se e se efetiva como diferença e não como repetição (Miranda, 1992, p. 45).

Da mesma maneira, por mais que elementos como a terra e o povo estejam postos na cena literária do romance em análise, a história contada não é uma projeção elaborada para mostrar o cidadão Darcy Ribeiro. Por mais que a linguagem denote a veia artística do escritor, a história contada é a do ser de papel, do sujeito com vários nomes, que se firma como

Philogônio de Castro Maya. Na cena literária de *O Mulo*, o narrador-personagem é aquele que produz uma autobiografia ficcional construída por meio de memórias ficcionais. A partir dessa diferença estabelecida pode-se voltar a Lejeune (2008), de acordo com o autor:

É, portanto, em relação ao *nome próprio* que devem ser situados os problemas da autobiografia. Nos textos impressos, a enunciação fica inteiramente a cargo de uma pessoa que costuma colocar seu *nome* na capa do livro e na folha de rosto, acima ou abaixo do título. É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de *autor*. (*sic.*) única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito. Em muitos casos, a presença do autor no texto se reduz unicamente a esse nome. Mas o lugar concedido a esse nome é capital: ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma *pessoa real*, ou seja, de uma pessoa cuja existência é atestada pelo registro em cartório e verificável. É certo que o leitor não irá verificar e é possível que não saiba quem é aquela pessoa. Mas sua existência não será posta em dúvida: exceções e abusos de confiança não fazem senão confirmar a credibilidade atribuída a esse tipo de contrato social.

Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. [...].

O autor é, pois, um nome de pessoa, idêntico, que assume uma série de textos publicados diferentes. Ele extrai sua realidade da lista de suas primeiras obras [...]. A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja *identidade de nome* entre o autor (cujo) nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima [...] (Lejeune, 2008, p. 23-24).

Entende-se, então, que os fragmentos pertencentes ao autor podem ser classificados como traços ficcionalizados de suas reminiscências, entretanto, esses fragmentos, quando misturados ao texto literário, se esvaem. Portanto, vertidas em ficção, as lembranças pessoais passam a não carregar as verdades absolutas, tampouco são expressas pelo autor para firmar esse tipo de compromisso.

3.2 Autor, escrita, narrador e leitor

Em *O Mulo* (1981), Darcy Ribeiro arquiteta um livro em que ascende um narrador latifundiário, em primeira pessoa, que escreve sua confissão, suplementada por um testamento. Ao assumir a tarefa da escrita, Philogônio de Castro Maya, chamado também por alguns de seus empregados de Seu Mulo, passou a registrar as suas memórias, na tentativa de ludibriar sua consciência acerca da certeza de que morrerá. Esse narrador sabe que, por causa da enfermidade respiratória que possui, alcançará o fim da vida rapidamente. Por essa razão, desde as primeiras páginas do romance, as palavras são endereçadas a um padre, que pedirá a Deus

perdão pelos pecados do narrador em troca de tornar-se o principal herdeiro e testamenteiro do personagem. Philogônio propõe “repassar calmamente [...] [sua] vida, num verdadeiro exame de consciência [e ainda declara que deseja] muito fazer esse repasse” (Ribeiro, 2007, p. 13).

Desde o início da confissão escrita, o coronel dos Laranjos informa que o compadre Militão, homem de confiança, foi o escolhido para ser o executor de suas ordens, após a sua morte, e será o responsável por encontrar um padre, a fim de realizar suas últimas vontades prescritas. No entanto, o que ocorre no romance é a morte de Militão antes da morte do próprio narrador, o que parece ser um destino traçado para reafirmar o fato implícito de que o homem não tem domínio sobre a sua própria vida. Ainda que exista o livre-arbítrio, viver ou morrer está a cargo dos deuses, como na mitologia grega, ou de Deus, como no pensamento cristão. Para selar essa representação, a obra termina com Philogônio ainda vivo, escrevendo suas aspirações de reencontrar com o seu compadre em algum pasto do céu, para criarem juntos carneiros pretos, castrados, nos campos da eternidade (Ribeiro, 2007), e preocupado em como fará para que sua confissão chegue exatamente ao seu destino.

No romance, composto por nove partes, identifica-se um movimento de complementaridade. A partir do “Sumário” estão expostas as proposições que serão recuperadas e contadas pelo narrador conforme explicitado no Quadro 3.

Quadro 3 - Divisão da obra *O Mulo*, de Darcy Ribeiro

Primeira parte — <i>Esse escrito de meu punho e letra</i>
“Esse escrito de meu punho e letra é minha confissão e testamento.”
Segunda parte — <i>Escapando da mão morta do Lopinho</i>
“Escapando da mão morta do Lopinho, parti com rumo certo, pensado tempo antes, mas não sabido.”
Terceira parte — <i>Saí das Cagaitas, meio fugido</i>
“Saí das Cagaitas, meio fugido, numa quarta de manhã.”
Quarta parte — <i>Fui pra guerra de carona</i>
“Fui pra guerra de carona, num caminhão que ia pra Montes Claros.”
Quinta parte — <i>Caí no mundo, fugindo de mim</i>
“Caí no mundo, fugindo de mim naquele trem da madrugada.”
Sexta parte — <i>É hora de falar da mula-sem-cabeça</i>
“É hora de falar da mula-sem-cabeça. Ela apareceu lá em casa, nas Águas Claras, quando eu lá vivia há anos.”
Sétima parte — <i>Viajando naqueles sem-fim</i>
“Viajando naqueles sem-fim, conheci gente em pencas, de fazendeiro a enxadeiro.”
Oitava parte — <i>Saí, assim, em busca de mim</i>
“Saí, assim, em busca de mim num viajo de ano e meio.”
Nona parte — <i>Isso não é nenhuma confissão</i>
“Isso não é nenhuma confissão, ambos sabemos.”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos de *O Mulo* (2023).

Por mais que Philogônio tenha afirmado que era a reunião de todos os seus outros “eus”, ao mesmo tempo ele é e não é. Assim, construiu-se a sua identidade, sendo assassino do Lopinho, senhor de grandes terras, abusador de mulheres, barganhador de bens terrenos e celestiais e, por último, assumindo o ofício de memorialista. O sujeito que enuncia não é mais um garanhão. Como homem, todos os dias, o Mulo era forte, viril, porém, no tempo da contação, sua virilidade está enfraquecida. Vivo ainda, ele se autoafirma algumas vezes e traz à discussão com o padre, por exemplo, a questão de sua potência masculina, externando o seu desejo de que algo benéfico em relação à sua hombridade possa acontecer:

Seu padre, meu banho de bacia estava pelando que era uma beleza. Esperto, como pedi a Calu. Não é que aconteceu? Voltaram minhas forças de homem, seu padre. Fiquei lá, um tempão, agarrado na raiz, gozando o gosto todo de sentir, outra vez, a dureza dos ferros lá de dentro do meu mastro.

[...] Hoje me investi, outra vez, nas glórias da dureza de minha santa verga.

[...] Não tirei sumo. Só espichei o quanto pude, na água morna, a dureza de minha tesão recuperada.

Um homem que fica de pau duro ainda é homem, seu padre. Está é vivo. Pode até rejuvenescer, principiar outra vez a viver. Quem sabe? **Esta asma de enfisema bem podia sarar. Meus bofes secos, rejuvenescer. Isto sim, seria um milagre de Deus, Nosso Senhor: devolver minha hombridade. Só isso peço, contrito** (Ribeiro, 2007, p. 320-321, grifo nosso).

Este é um dos trechos em que se pode inferir que a contrição não somente é para pedir perdão e ter uma boa passagem para o outro mundo, o desejo externado é o de vivificação. Para tanto, o jogo do morto-vivo/vivo-morto é reiterado inúmeras vezes. Nessa escrita recordatória, de fato, a nona parte da obra, “Isso não é nenhuma confissão”, indica o caminho percorrido até se postular essa conclusão, uma vez que o registro de confissão é atravessado por um diálogo acerca do que merece ser conservado na lembrança, para preencher a ausência física de seu interlocutor imediato na ficção. Assim, tempo e espaço, como se pode observar quando do estudo dos nomes próprios, demarcam esse personagem, e nessa lógica, um dia de cada vez é o prêmio do vencedor, ou seja, mais um dia vivo e mais uma oportunidade para viver o que se lembrou; mais um dia vivo, com a morte à espreita, escrevendo o que se lembrou. Longe de formalidades ou receios para falar ao sacerdote da Igreja, Philogônio declarou:

Não escrevo há dias, semanas. Vou mal. Não é a doença que me mortifica. É coisa pior: pesadelos. Dei de ter pesadelos. Eles me apavoram toda noite, às vezes a noite inteira.

São meus mortos que retornam, seu padre. Um a um vêm me atentar. É só fechar os olhos e entrar na madorra para saltar fora, apavorado.

Lopinho me aparece sempre cinzento com aquela meia barba esbranquiçada dele e minha; a boca aberta mostrando a falta dos dentes da frente, rindo. Sim, seu padre, se rindo. Decerto rindo de mim, e do prego que preguei nele, de que morreu e que ele trás na mão pra me mostrar, devolvendo. Um pregão grande, enorme, como um cravo

de trilho. Não sei é por que virá a mim se rindo, o desgraçado [...] (Ribeiro, 2007, p. 376-377).

Assumindo o papel de sujeito-escriptor, Philogônio conta o que fez para o seu confessor e, no final do livro, discorre novamente sobre o assunto, agora demonstrando preocupação em relação a quem executará o serviço de encontrar um padre, uma vez que Militão morreu. Um padre é evocado pelo narrador mesmo sem ter uma identidade impressa, um nome próprio. A indefinição presente no artigo ‘um’, aliada ao substantivo ‘padre’, marca, inicialmente, certo distanciamento e imprecisão quanto à possibilidade de algum padre ser, de fato, o recebedor da confissão e do testamento. No entanto, o narrador articula um diálogo projetando o sacerdote da Igreja Católica como (co)participante de seus feitos. Dá-se a impressão de que, por ser o único herdeiro, o sacerdote escolhido precisaria ser submisso e acataria as recomendações sobre como administrar o que herdou.

Cabe reiterar aqui que, em *O Mulo*, o ato da escrita está posto na mão do narrador, o que demanda colocar em questão a função autor, a categoria autor e a autonomia que Philogônio tem para compor o livro como produto ficcional, feito de confissão, testamento e memória. Nas considerações que Darcy Ribeiro (2014) fez acerca do processo de produção de *Maíra* (1976), obra que antecede a *O Mulo* (1981), ele faz questão de teorizar a ação da escrita como algo “a ser vomitado” e de, em seguida, descrever o seu apetite pelo macarrão, pelo vinho e o carinho que tem pela italiana⁴:

Meu programa de cura foi ir para uma pensão de repouso, proibido de tocar no livro que me deixava insano. Estava tão transtornado que fui procurar repouso, durante o inverno, numa hospedaria de verão. Tão aberta aos ventos frios que o gerente recomendou que me hospedasse na casa de uma velha italiana. Fui ter lá. A cama era fofa, e a lareira estava sempre acesa. A italiana só me olhava, estranhando. Um dia esquentou, na lareira, uma garrafa do vinho que ela mesma produzia e pôs na minha mesa de almoço, dizendo: “Disso é o que o senhor precisa.” Bebi. Foi um pileque medonho. Mas me deu um estalo. Percebi que a obsessão em que estava atolado era como um polvo metido na minha cabeça. O único modo de escapar dele era pôr lá dentro outro polvo. Comecei, instantaneamente, a escrever *Maíra*. Creio que ele preexistia dentro de mim, como uma possibilidade, pronto a ser vomitado. Trabalhei dias nisso, com crescente apetite pelo macarrão, pelo vinho e também pelo carinho da itala [...] (Ribeiro, 2014, p. 5).

Isso posto, pode-se perceber certa aversão ao autocontrole, verificada na vontade de comer, seguida da agonia momentânea gerada por algo mal digerido e que precisa ser colocado para fora do estômago. Por insistir em continuar escrevendo *Maíra*, o autor afirmou ter

⁴ Na casa de uma itala, Darcy Ribeiro esteve hospedado para tentar curar-se da *surmenage* – fadiga e esgotamento mental advindo do esforço empregado em trabalho intelectual prolongado.

assumido o ofício de romancista-terapêutico, uma vez que encontrou a sua cura do esgotamento mental não descansando, mas pondo para fora o que estava congestionado dentro de si. No final do referido texto, Darcy Ribeiro declarou: “[...] Sou mesmo é escritor, cobaia a ser escrutinado. O que posso dar são testemunhos como este. Duvidosos” (Ribeiro, 2014, p. 5).

Conforme Foucault (2009), na escrita não se trata de manifestar ou exaltar o gesto de escrever. Trata-se de um espaço em que o sujeito-escritor continua desaparecendo. Nessa perspectiva, o texto literário permite que os discursos múltiplos do eu operem e não necessariamente somente o discurso de um autor, com o seu nome próprio gravado em sua obra. Nas palavras do próprio filósofo,

[...] É sabido que, em um romance que se apresenta como relato de um narrador, o pronome da primeira pessoa, o presente do indicativo, os signos da localização jamais remetem imediatamente ao escritor, nem ao momento em que ele escreve, nem ao próprio gesto de sua escrita; mas a um *alter ego* cuja distância em relação ao escritor pode ser maior ou menor e variar ao longo mesmo da obra. Seria igualmente falso buscar o autor tanto do lado do escritor real quanto do lado do locutor fictício; a função autor é efetuada na própria cisão – nessa divisão e nessa distância. Será possível dizer, talvez, que ali está somente uma propriedade singular do discurso romanesco ou poético: um jogo do qual só participam esses “quase-discursos”. Na verdade, todos os discursos que possuem a função autor comportam essa pluralidade de ego [...] (Foucault, 2009, p. 278-279).

Foucault (2009) lembrou que, anteriormente, os críticos de literatura buscavam realizar o cruzamento dos dados reais da vida do sujeito com um nome próprio para enxergarem a obra pela lupa do escritor e de suas peculiaridades, tirando o foco dos sentidos expressos no texto. Embora não se queira repetir os equívocos dos que cotejavam os dados da vida do sujeito autor com os de seus personagens ou narradores, o que se verifica, neste caso, é que o narrador de *O Mulo* em alguma medida pode ser a realização estética da reflexão do antropólogo, que viu em seu processo de escrita de *Maíra*, por exemplo, algo de natureza terapêutica. Evidentemente, sabe-se que há semelhanças e diferenças entre a escrita-terapêutica e a escrita confessional que merecem atenção, por isso faz-se aqui essa observação.

A aproximação da vida do autor com a vida de seus personagens e narradores é uma postura crítica que sofreu alterações a partir das reflexões de Barthes ao pensar-se no apagamento do autor. Dado que, nessa orientação, (Barthes, 2004, p. 57): “[...] a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve”. Barthes (2004) afirmou que um texto é composto de múltiplas escritas, as quais proporcionam o encontro de muitas culturas em diálogo, imitação ou contestação. A reunião de tudo isso não se materializa no autor, mas no leitor, pois ele

agencia os traços que constituem o escrito, justamente pelo fato de não ter uma história, uma biografia e uma psicologia já traçadas.

Instaura-se, portanto, o entendimento de que o autor morre e no mesmo instante ocorre o nascimento do leitor. Efetivamente, entre o apagamento da imagem do autor com o foco ajustado para o leitor, principalmente no caso do romance, ocorre também a morte da narrativa. Conforme Benjamin (1985):

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. O que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro. [...] O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive [...] (Benjamin, 1985, p. 201).

Ao coordenar o enredo, encarregado de contar a história dos outros ou, como em *O Mulo*, a sua própria história, o narrador exerce um papel de mediador entre os múltiplos códigos dos textos e o leitor. No plano da ficção, há a possibilidade de o discurso ser endereçado a um leitor irreal, que assumirá um papel de marionete nas mãos e na boca do sujeito-narrador, como parece ser o caso do que faz o narrador, em *O Mulo*, com a figura do “padre-leitor”.

Lego ao senhor, meu confessor, e lego para todo o sempre, essa minha Fazenda dos Laranjos com a casona onde agora escrevo; com seus 3.272 alqueires goianos de terras; suas 5.343 cabeças de gado azebuado; sua cavallhada de cria e de serviço, com todas as benfeitorias que nela se acham: de porteira fechada. Esse legado, legalizado à parte em papéis de cartório, é feito debaixo da condição de que o senhor venha a residir aqui na casona, pelo tempo mínimo de um ano inteiro. Que o senhor benza e consagre a Capelinha da Nossa Senhora da Boa Morte, que reconstruí e debaixo da qual estarei sepultado. Mas, principalmente, que o senhor reze, em cada um dos 365 dias daquele ano, uma missa pela salvação de minha alma (Ribeiro, 2007, p. 13).

Dessa maneira, Philogônio estabelece uma comunicação com seu interlocutor imediato: “Peço ao senhor, seu padre, que tenha a paciência de ir lendo e perdoando esse relato dos pecados meus, que irei desenrolando conforme a memória me ajude. Peço também que vá anotando à parte os pecados e os legados que farei [...]” (Ribeiro, 2007, p. 13). Deseja-se que o tempo da confissão seja iniciado, à exceção da descrição dos bens listados, compondo o testamento, o que conturba o discurso religioso do ato de confissão e evidencia a não-contrição

pelos pecados cometidos. E, ainda, reforça o sedentarismo que se sobrepôs ao passado de andanças do narrador-personagem.

[...] Compreendo que os outros morram. Não compreendo é que eu morra. Sei de um negro meu desgostoso de viver que morreu consolado pedindo o Céu. Eu, nem o Céu queria. Sofro a ideia de minha Morte como uma injustiça. Um crime contra a natureza. Crime de Deus Matador: dador da vida; dador da Morte (Ribeiro, 2007, p. 381).

Na verdade, o espaço de onde Philogônio escreve e narra, a casona dos Laranjos, legitima a sua identidade e serve de base para o exercício da política de mando. Ocupando a posição de dono, Philogônio é o pó de seus alqueires goianos, a quirera do alimento de seus animais, o alicerce e o centro de tudo o que constitui o perímetro de sua propriedade. “Nesta vizinhança toda, dentro de uma roda de sessenta léguas, não há fazenda como os Laranjos. Esse é o fazendão que deixo para o senhor, seu padre. Faça dele bom uso, caridoso se for de sua vontade, mas efetivo” (Ribeiro, 2007, p. 21). Acomodado em suas terras, Philogônio de Castro Maya está protegido e crê que pode (co)mandar tudo e todos; certamente, a estratégia de forjar uma confissão escrita facilitou a permanência em seu lugar de pertença. Em virtude de a fazenda ser o prêmio conquistado, estando neste local, tornou-se mais fácil se abrir a um outro, expondo tudo o que se pensa. Portanto, o narrador-personagem agiu entendendo que

Esse mundo é variado [...]. Há o café e a borra. Há o caldo e o bagaço. Há quem manda e quem é mandado. Esse é o mundo da fábrica de Deus. Vou eu refazer? Quem sou eu? O meu é meu. O alheio não sei: será ou não. Assim pensamos nós, mandantes, assim agimos. No dele está ele e o que ele tem: família, coisas. Quem tem juízo se alpercata, fica segurando o que tem, como eu aqui, cuidadoso. Nesse mundo, ou se é dador ou tomador. Dador que adula já deu e mais vai dar. O tomador só abre a mão e recebe o que já é dele (Ribeiro, 2007, p. 21).

Na reconstrução textual de sua própria vida, de modo não linear, o coronel dos Laranjos rememorou o tempo vivido, transitou entre o passado, de quando precisou ser criado por Lopinho, seu próprio pai que o recebeu como sendo sobrinho-primo e afilhado, dado esse que o narrador só descobriu e enunciou em outra parte do seu registro de confissão. E, também, o tempo presente da narrativa, quando interagiu com o padre oferecendo e descrevendo o café preparado pela negra Calu. “[...] O cafezinho de agora já veio e eu já tomei. Estava como deve, resinoso, cheiroso, gostoso, pelando de quente. Por um café assim é que não largo Calu” (Ribeiro, 2007, p. 17). Adoçado com rapadura sequinha (fabricada por um processo de fervura do caldo de cana, moldado em forma própria e posto para secar), certamente, por isso, o narrador informou que o café bom é aquele que Calu prepara, moído na hora. O café simboliza,

também, a hospitalidade, permitindo ao leitor identificar o grau de aproximação que o coronel quis estabelecer com o padre.

O café representa, ainda, a riqueza advinda das lavouras, da plantação, e faz com que o leitor da obra possa relembrar a lógica da relação colonial, que envolveu objetos, pessoas e locais, com a finalidade de exploração; período em que o dominado esteve em situações desumanas. Em *O Mulo*, a personagem negra Calu, por exemplo, representa no texto literário a mazela escravocrata, um pano de fundo que Darcy Ribeiro permite aparecer em tom crítico, para que o recebedor da obra possa pensar sobre o sujeito ardiloso que Philogônio representa. A lógica desse narrador, em diálogo com seu interlocutor ficcional, faz (re)aparecer a colonização inacabada:

[...] Matei um, mas me guardei, arrepiei carreira, não sou de ferro, nem sou besta. Me amofinei, pus o rabo entre as pernas, aceitei perder o Vão, o melhor pedaço do mundo, o mais bonito, o mais meu. Coberto de mata virgem virgêntissima, desvirginado com o fogo meu. [...].

Esses meus, nossos, Laranjos, é que me consolam da perda do Vão. São terras boas demais que herdei de gerações e gerações de diferentes gentes. Primeiro, os bandeirantes garimpadores de ouro com sua escravaria negra. Depois os padres, que ocuparam a tapera para recolher índios amansados. Depois ainda, as gerações que receberam essas terras, quando os padres foram escorraçados, e aqui viveram e morreram gastando gente para abrir pastos. Tudo para que um dia eu, e no dia seguinte o senhor, nos fizéssemos donos, senhores, na possança do poderio fazendeiro. Segure com as duas mãos esse mundão que dou ao senhor, seu padre; se fosse para dissipar ou perder nem valia a pena dar. O senhor será frouxo? (Ribeiro, 2007, p. 22).

“O senhor aceita um cafezinho, seu padre?” (Ribeiro, 2007, p. 17). Esta interlocução sem resposta, apenas posta no papel pelas palavras do penitente que não recebeu a sentença de seu confessor, deixa Philogônio isento de críticas que poderiam ser feitas cara a cara. Escondendo-se por trás da escrita, esse sujeito confessa seus crimes-pecados e parece pré-estabelecer sua penitência. Isso porque resolve doar praticamente tudo o que possui a um padre e o que restar às poucas pessoas que considera importante. Ao se tratar desse contexto, cabe o uso da expressão barbárie para entendê-la de duas maneiras. A primeira para se referir ao dominador, um bárbaro em sua essência, e a segunda para caracterizar o dominado, este que era visto por aquele como rude, grosseiro e não civilizado. Obviamente, em uma sociedade capitalista, as relações de poder estão atreladas à quantidade daquilo que se possui, ou seja, os bens materiais e imateriais. Certamente por esse motivo, na conjuntura do Brasil de 1534 se tornou fixa a ideia de hierarquia, de senhor e de servo, e um exemplo disso foi o sistema de gerir as Capitanias Hereditárias, que concedia o direito de administrarem quantidades significativas de terrenos aos nobres de confiança e a seus sucessores.

Ainda acerca do sistema de Capitanias Hereditárias no Brasil, especificamente como um modelo ordenado pela Coroa Portuguesa para impedir a invasão por parte de outros estrangeiros do território apossado, identifica-se em *O Mulo* uma cena em que um personagem possui o mesmo nome de um governador do período colonial brasileiro, Mem de Sá. Na cena literária, o narrador descreveu um momento em que um forasteiro foi encontrado em suas terras em Goiás e estava apanhando dos homens de sua confiança. É expresso um sentimento de empatia por parte de Philogônio ao ver o sofrimento do homem. Quando ele chegou mais perto para saber o que se passava, percebeu que não se tratava de alguém que representava perigo. Em seguida, o homem suspeito foi dispensado:

Pensando por um momento que podia ser eu que apanhava, me revoltei com aquela violência e foi com fúria que requeri explicações de Antão. Mandeí parar a sova. Ele passou a corda em que o homem estava amarrado pra mão do Mem de Sá e veio me atender. É um forasteiro que apareceu aí, armado de garrucha e com jeito suspeito, disse. Não seria um tocaieiro? Vi que ele mesmo já não acreditava que fosse. Alarme falso.

[...]

[...]

Vi logo, não era tocaieiro nenhum. Meu pessoal, debaixo do zelo de Antão, não deixa passar agulha sem exame. Um forasteiro armado assim tinha que cair debaixo de suspeitas. Chamei Antão e a ele só, em particular, dei ordens de devolver as coisas do homem, inclusive o cavalo e a garrucha; e de deixar até que passasse uns dias pra descansar, se quisesse, no barracão. Tudo isso com o cuidado de que a dispensa fosse dada por ele próprio. Não quero e não posso desmoralizar meu povo (Ribeiro, 2007, 169).

No livro em análise, durante a narração, Philogônio faz uso de um repertório linguístico em que o ambiente agropecuário se mistura com sua própria brutalidade, sua selvageria, sua bestialidade e, ainda, a forma como enxerga e aproxima os personagens de um comportamento bestial e erótico. Em muitos momentos, o coronel confessa seus atos de descontrole sexual com humanos e com os animais, como quando abusou de um pato branco do Lopinho, ocasionando a morte da ave, ou da relação que manteve por um tempo com uma mula. Em outro contexto do livro, o tom sexual também se faz presente: “[...] Coberto de mata virgem virgentíssima, desvirginado com o fogo meu” (Ribeiro, 2007, p. 22). Como se vê, há no texto citado uma das muitas associações ao sexo. A ideia da deflora, da flor violada, de extinguir a virgindade, da lascívia, alcança não somente o espaço de um desejo incontrolável por um corpo, mas em mesma proporção pela posse de terras e outros bens materiais. Excessos esses que revelam também uma falta, no caso de Philogônio, apelidado de Sr. Mulo, há a esterilidade confirmada pela ausência de um filho, de um herdeiro legítimo.

Para além da história contada, sabe-se que da cruz entre o jumento e a égua, tem-se a mula e o burro, animais híbridos e considerados inférteis. A dificuldade encontrada para a reprodução deles advém da incompatibilidade cromossômica entre seus pais⁵. No período colonial, muares transportaram muitas riquezas, como ouro, açúcar e café, e serviram no preparo do solo e na lida com o gado, desempenhando a função de animais de carga por possuírem longevidade e resistência para o trabalho, por mais de 35 anos e em alguns casos por até 47 anos (Teixeira, [2013?]). Já no âmbito ficcional, o personagem Mulo representa um sujeito fazedor, que leva as coisas para frente e edifica, como declara o narrador-personagem:

Meu papel nesse mundo foi outro. Não sou nem sacerdote, com dever de exemplar; nem beato, com gosto da caridade. Meu papel é o de fazedor, de tomador de conta do gado de Deus que são os homens. Isso fiz e faço; ríspido, com dureza, muitas vezes, mas sempre na intenção de levar as coisas pra frente, construir, edificar (Ribeiro, 2007, p. 30).

Observa-se que os textos da confissão e do testamento são entrecortados por cenas corriqueiras, nas quais a imitação da verdade se dá de modo tão preciso que parece indicar algo totalmente verídico. Eco (1987, p. 36) explicou que “[...] um texto, de forma ainda mais decisiva do que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor”. Logo, aquele(a) que lê realizará uma decisão interpretativa, checando de acordo com o texto as impressões as quais lhe ocorreu, tentando preencher os espaços e atualizar os códigos. Barthes (1987, p. 7) questionou, retoricamente, que “[...] quem suporta sem nenhuma vergonha a contradição?”. Para ele, o contra herói existe e é o leitor do texto quando se entrega ao seu prazer; o leitor não é previsível, não se sabe onde ele está, por meio da fruição abre-se um espaço para, então, compreender que “[...] Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo” (Barthes, 1987, p. 9).

No caso de *O Mulo*, pode-se inferir que evocar a figura religiosa do sacerdote distancia Philogônio de ser julgado pela lei dos homens. Troca-se, assim, uma sentença judicial por uma possível penitência que não será realizada em vida. A ideia de questionar o tempo restante e simular um estado de preocupação com a existência após a morte equivale, em um sentido figurado, à mesma incerteza de um vaqueiro quanto ao destino de suas criações. Ao findar do dia, não se sabe se ele reunirá todos os seus animais; algum pode ter se desgarrado para pastar em outro lugar. Ao encontrá-lo, corre-se o risco de que a mesma sorte não se repita no dia

⁵ Jumentos possuem 62 cromossomos e éguas 64, e geram um muar com 63 cromossomos. Quanto à infertilidade, outro fator significativo é o órgão genital não desenvolvido plenamente em ambos os animais.

seguinte. Para além desse contexto, de acordo com Benjamin (1985), a relação dos homens com a chegada da morte confere certa autoridade a quem está experienciando esse momento.

[...] Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade.

A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural [...] (Benjamin, 1985, p. 207-208, grifo nosso).

Dessa maneira, a enfermidade respiratória⁶ de Philogônio simboliza o aviso prévio de quem está para morrer, e também lhe confere autoridade para voltar sua atenção ao esforço de relembrar e escrever. Dado que a palavra ‘morte’ envolve o término das atividades vitais e o início dos questionamentos sobre a próxima etapa, o destino da alma, do espírito e do corpo, pode-se pensar que há aí um encontro de experiências — as do narrador e as do leitor —, o que legitima a autoridade daquilo que é narrado. Bondía (2002) lembrou as considerações de Benjamin (1985) com o intuito de discutir acerca da experiência e do saber de experiência. Em um outro contexto, o da Educação, Bondía (2002) colocou em questão o modo de agir do sujeito que adquiriu a experiência:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Bondía, 2002, p. 24-25).

No romance em estudo, Philogônio pode ser observado como esse sujeito de experiência, por se tratar de um homem ficcional feito de exposições, história, trajetória, memória e herança. Apossando-se da tarefa de produzir textos, e de contar sua história, Philogônio mostra as cartas do jogo em relação à estratégia de construção de suas memórias ficcionais. Para Arrigucci Jr. (1998),

⁶ O enfisema pulmonar é uma doença degenerativa, geralmente, desenvolvida após anos de ataques aos tecidos do pulmão devido ao uso de cigarro e/ou contato com outras toxinas no ar.

[...] o discurso é uma organização dos fatos da história. A história só passa através dele, mas ele é uma manipulação desses fatos; portanto é uma forma de interpretação. Quando eu digo *agora* ao contar uma história, o *agora* já não é agora, porque os fatos já se deram. Isso supõe que haja certo grau de artificialidade e de arbitrariedade em toda construção ficcional [...] (Arrigucci Jr., 1998, p. 27).

Arrigucci Jr. (1998) destacou que alguns autores ficavam receosos em escrever ficção, pelo fato de pensarem que ela seria apenas uma forma de mentir. Aproximando-se da verdade factual, por meio da imitação dela, o sujeito-narrador manipula os fatos impressos nas histórias que ouviu e/ou que viveu, contando no tempo presente o que já ocorreu. Segundo Arrigucci Jr. (1998, p. 27), a regra de toda narrativa é “o que vem depois disto vem por causa disto”, isto é, há uma sequência imprescindível de causalidade que forma o enredo. Iser (2002, p. 982) explicou que,

[...] No *como se*, a ficção se desnuda como tal e assim transgredir o mundo representado no texto, a partir da combinação e da seleção. Ele põe entre parênteses este mundo e assim evidencia que não se pode proferir nenhuma afirmação verdadeira acerca do mundo aí posto. Em princípio, o desnudamento assinala duas coisas. Em primeiro lugar, significa para o destinatário da ficção que ela deve ser tomada como tal. Além disso, afirma que aqui domina a hipótese de que há de se supor como mundo o mundo representado apenas para que assim se mostre que é representação de algo outro. Sucede por fim uma última transgressão que o texto provoca no repertório de experiências dos receptores; pois a atividade de orientação provocada se aplica a um mundo irreal, cuja atualização tem por consequência uma irrealização temporária dos receptores.

O efeito da verossimilhança, no contexto das produções ficcionais, coopera para que se pense na expressão de surpresa impressa no rosto do público que atentamente viu o mágico mostrar uma cartola vazia e em instantes, encostando ou não uma haste mágica neste objeto de chapelaria, retira um coelho dela. É a interação compactuada entre o mágico e os seus receptores, ou seja, a aceitação por parte do público de um truque executado corretamente, o qual tornou-se consentido em razão do imaginário. Ou, nas palavras de Iser (2002), a transgressão de limites entre texto e contexto aceita em forma de discurso encenado, afirmado, efetivamente, por ser desmentido. Posto isso, o padre, suposto leitor da confissão e do testamento, por exemplo, poderia aceitar compreender o desabafo de Philogônio quando este último declara:

[...] Minha alegria de vivo está, hoje, em ficar aqui enrolado nesse cobertor, escrevendo. Não me basta, é verdade; mas me alivia, consola. Estou vivo, ainda, porque escrevo.
Vivo para escrever essa confissão estirada em memória, que ninguém há de ler. Só você.

Antes, no começo, eu queria que a vida durasse para completar minha confissão. Agora, peço é que essa confissão se espraie e dure para encher o vazio de minha vida esvaída. Escrevo para ter um espelho em que me ver (Ribeiro, 2007, p. 346-347).

Vê-se, assim, um Philogônio como se fosse um homem real, de carne e osso, recolhido em local que comporta o cenário da escrita, onde se pode apoiar o papel e descansar a pena durante as pausas feitas para pensar o conteúdo de sua história de confissão. Neste momento, o leitor pode externar a expressão de surpresa semelhante ao espectador de um mágico, instante ainda em que ‘um padre’, o receptor imediato dentro do romance, pode ser projetado em qualquer pessoa que se proponha a ler o livro. O ápice do plano de interação entre narrador e leitor da obra é justificado pela afirmação: “Escrevo é para conversar com você que me lê” (Ribeiro, 2007, p. 347). Afinal, esse narrador escreve o quê? Esta é a pergunta que orienta e garante a coerência em um enredo não-linear, permitindo afirmar, como resposta, que o Mulo escreve suas memórias. Esse processo de construção da narrativa, por meio da introspecção, externado em palavras no plano ficcional, reorganiza as várias nuances do sujeito Philogônio e ao mesmo tempo vivifica-o.

Dado que, conforme Santo Agostinho (2000, p. 279), “[...] aquilo de que nos lembramos ter esquecido, ainda o não esquecemos inteiramente”, pode-se compreender que a memória posta no jogo das palavras é a brecha que contribui para a ação de protelar a morte. O ato da consciência de si, reforçado pelas lembranças, faz com que o ponteiro do relógio seja reajustado. Infere-se que a premissa estabelecida é se Philogônio lembra daquilo que já passou — o que poderia ter sido esquecido, ele ainda não esqueceu. Vê-se, então, correspondência à ideia de ele não ter morrido, pois está comprometido em contar a sua vida para relembrar, confessar e testemunhar, conforme ele mesmo diz:

Isso não é nenhuma confissão, ambos sabemos.
Escrevo para me livrar de mim.
Escrevo para esquecer quem sou.
Escrevo para lembrar meus idos.
Escrevo para ser seu amo.
Escrevo para habitar seu espírito, enquanto você me lê.
Escrevo para dizer minhas verdades, tortas, mas minhas.
Escrevo para ser, permanecer, eu mesmo.
Escrevo pra não morrer. Se morro, paro. Se paro, morro.
Quem só fala, por mais que diga é esquecido quando cala. Quem escreve, não. As palavras ficam nas páginas coladas, fechadas, se significando umas com as outras. Enquanto durar o papel e o olho leitor, ficarão aí, palpitando, esperando, dizendo, entendendo (Ribeiro, 2007, p. 346).

A partir dessa declaração, as preocupações desse narrador são não exatamente aquilo que está dito, ou só o que está dito. O que o narrador mais deseja é eternizar-se, reafirmar a si

mesmo e ser lembrado. Reitera-se que a ação de registrar os feitos de toda uma vida, a qual demandou encarar o passado e procurar a si mesmo no presente, tem como reação o raciocínio de que é no futuro, vivo ou morto, que se chega ao destino e, certamente, o ponto de parada do narrador é na fazenda dos Laranjos. O passado já está feito e o presente/futuro é e será naquele mesmo local, onde o sujeito-narrador é Philogônio de Castro Maya, homem sem uma companheira fixa e sem filhos, afortunado de terras, animais e pessoas para trabalhar, mas ao mesmo tempo é e está sozinho, preparando tudo o que conquistou para deixar a um outro. O que abre espaço à leitura de que se faz valer, nesse contexto, a regra de multiplicação — menos com menos dá mais e mais com menos dá menos.

Nessa operação, depois de ter começado de baixo, conseguiu subir, mas, para se salvar, precisará descer, entregando seus bens e terminando como começou, sem nada. A fazenda dos Laranjos é um marco, é o espaço onde surge a escrita, onde Philogônio deverá ser enterrado e onde o padre residirá, ao menos um ano inteiro, rogando pela salvação da alma do coronel. Nessa lógica, estando com menos e ficando com menos, poderá alcançar o mais no outro mundo, não o terrestre, mas o celestial.

3.3 Philogônio - um “eu elucubrando” sobre a vida e a morte

[...] Nunca pensei que fosse me preocupar com gerações e dependências de ninguém. Jamais imaginei que, um dia, pedisse um neto ao genro que nunca tive. Isso sucedeu a meu sogro. Agora sou eu que, aqui, peço ao senhor que gere descendência minha. Que pedirei amanhã? Esse mundo é sortido. Essa vida, imprevisível. Não estamos a salvo de nada. Tudo pode suceder a um cristão. Até querer entrar na pessoa de outro para filiar filho e neto alheio.

Cuidado, amigo, tenha cuidado comigo. E com você também, se guarde. Sou uma mosca varejeira, botando meus ovos de podridão, em qualquer carniça.

Qual ovos, qual nada! Desvarios são! Ideias! Não há aqui pai, nem neto. Nem ovo nenhum, nem nada. Só eu, elucubrando. Perdoe e releve, meu padre.

Quero é não pensar nela, na Indesejada, na minha Morte inútil que não apagará quase nada nesse mundo. Exceto essas luzes de querosene que acendo toda noite nos Laranjos (Ribeiro, 2007, p. 309, grifo nosso).

Acreditando na conclusão a que chegou, a de estar certo de que não é inútil aos olhos de Deus, Philogônio enxerga a inutilidade na chegada da “Indesejada das gentes”⁷. Admitir a sua morte, concentrando-se nela, corresponde à atração de um imã puxando algo para si. Por isso, o ser da fantasia está fantasiando de modo palavroso sobre outros assuntos, o que pode

⁷ O uso da expressão “Indesejada”, para fazer referência ao final da vida, abre espaço a uma alusão ao poema “Consoada”, de Manuel Bandeira, visto que o eu poético na referida poesia externou estar ciente de que a morte é “iniludível” e encontrará “cada coisa em seu lugar”. Além disso, tanto em reproduções do poema a partir de *Opus 10* quanto no trecho da oitava parte de *O Mulo*, a palavra indesejada está grafada com inicial maiúscula. Acerca da temática da morte em “Consoada”, de Manuel Bandeira, consultar Oliveira *et al.* (2022).

representar também uma tentativa de desviar-se da morte. O sujeito-Philogônio enuncia: “[...] Sofro, meu padre, sofro, mas não largo o fio da história, puxando, repuxando, compondo, curtindo, recompondo [...]” (Ribeiro, 2007, p. 66). Em seu estado atual, período em que escreve e narra a história, esse personagem oscila porque, ao mesmo tempo em que explica como se fez um latifundiário, ele coloca em questão os outros “eus” que o constituem. Assim, ele percebe as múltiplas facetas de si mesmo, por exemplo, por intermédio de nomes e sobrenomes, como “Castro Maya”, alcunhas como “Trem” e “Mulo”, e identidades sociais, como quando foi para a guerra se fazendo soldado ou, posteriormente, quando se tornou senhor e dono da fazenda dos Laranjos.

O sofrimento que o Mulo externa é multifacetado, tem procedência no mal-estar causado pela enfermidade que lhe ocorreu e pelas lembranças de tempos passados. Apesar disso, ao assumir a tarefa de produzir uma confissão suplementada por um testamento, ele se mostra como um sujeito autônomo, ocupando um espaço de fala/escrita no prisma de uma pessoa letrada. Ainda, Philogônio se destaca no traço de homem que sabe negociar, o aprendizado que adquiriu enquanto se estabelecia, cotidianamente, é demonstrado em práticas desonestas. O fato de não estar contrito, mas desejar continuar vivo, revela sua tentativa de permanecer estável no futuro. Além disso, indica seu desejo de viver para continuar exercendo seu poder ou, caso morra, ser lembrado na história por meio dos registros de quem foi. Seguramente, há vantagem tanto em um quanto no outro: se continuar vivendo, administrará seus bens; se morrer, permanecerá conservado na memória de quem assumir a leitura da sua confissão escrita.

Esse modo de o eu se apresentar na narrativa contribui para que o leitor da obra identifique a habilidade de Philogônio para escrever. Essa destreza é sustentada por um propósito específico (eternizar-se), e que serve de justificativa para o tempo despendido na ação de trabalhar com as palavras, pois elas “[...] ficam nas páginas coladas, fechadas, se significando umas com as outras. Enquanto durar o papel e o olho leitor, ficarão aí, palpitando, esperando, dizendo, entendendo” (Ribeiro, 2007, p. 346). Reconhece-se, assim, um eu escritor de memórias que tem conhecimento acerca do funcionamento das palavras que, postas em ato de poder, por meio da linguagem, ficam coladas nas páginas do papel e se significam umas com as outras, imprimindo uma ou mais mensagens.

A linguagem que Darcy Ribeiro permite aparecer no texto do narrador não é rebuscada, muito menos o linguajar de Philogônio é totalmente informal. Conforme Coelho (2017) analisou, a ideia do caracol, do corpo fora do casco, conforme o Mulo explicou ao padre sobre um sonho que teve, representa o movimento dentro do romance. E a aranha denota o trabalho

de tecer a própria história, figurando o ofício de eu criador de memórias, as quais evidenciam a complexidade da obra e as relações que são estabelecidas com as outras personagens:

Essas culpas minhas de ciúmeiras são enredos imaginados [...]. O principal deles, que vem e volta vezes e revezes sem conta, como ontem, é o enredo dos banhos da finada siá Mia menina. Deles apenas sei, ao certo, que são menos recordos do que inventos meus, embora tenham raízes, improváveis, em revelações parcas, que a finada me terá feito.

[...] o mais que pode ter dito é que a velha Dóia, moça então, banhava seu filho Godo no sobejo das águas sobradas do banho dela. Desta revelação escassa, se é que houve alguma, porque disso não me lembro, faço um enredo em que me enrolo devagar e depois me desenrolo horas e horas, lentamente, gozando e sofrendo, de rever o nunca visto, tudo querendo reviver, sem paradeiro, no quadro da memória. Memória? Nem isso. Memória seria se eu fosse testemunha de vista ou se, um enredo assim como eu componho, conserto e esmiúço, me tivesse sido contado um dia por siá Mia. Qual o quê! Sou eu mesmo, é meu bestunto, o único novelo de que tiro esta linha, como aranha, cagando e entramando sua rede (Ribeiro, 2007, p. 64).

Percebe-se que o narrador em *O Mulo* é construído com senso criativo, munido de uma capacidade reflexiva própria da mente humana, esta que ele mesmo afirma servir de novelo para tecer ideias. Capaz de compor enredos, Philogônio refez cenas de um tempo passado em que siá Mia, sua finada mulher, era menina e vivia acompanhada do irmão, Godo. Este era um pouco maior e, de acordo com o narrador, aguardava as águas do banho de Mia para se banhar. Nesse momento, *O Mulo* imagina (re)viver a cena da menina sendo despida para o banho, dá-se a impressão do ato de *striptease* incompleto pela ausência da música e do corpo adulto, porém recuperado pelo movimento do corpo da criança sendo balançado durante a retirada da roupa, por parte de Dóia, para banhar a menina. Em suas elucubrações, o narrador reflete sobre os efeitos do fato narrado. Este parece ser referido como forma de provocar sua excitação sexual, o que poderia parecer um caso de pedofilia, se observado apressadamente. Na verdade, o crime objetivamente não se efetiva pela questão de se tratar de uma pseudo lembrança dos tempos de siá Mia menina. Nessa mesma parte o protagonista questionou: “[...] E não é nos gozos que está a marca dos pecados?” (Ribeiro, 2007, p. 64).

Fazendo hora, tanto no sentido de se divertir quanto no ato de perder a noção do tempo, período em que espera pela morte, Philogônio avança, diz e rediz, confessa, peca, transgride o discurso sagrado com cenas profanas, as quais poderiam ser confrontadas pelo padre, caso houvesse alguma interlocução direta, como alusão à tentação. Nesse caminho tortuoso, a única virtude está em ter coragem para falar sobre os próprios pecados. Assim, o ócio criativo está, para Philogônio, como demonstração de seu esforço intelectual, esforço de escrever para pensar a vida. Apoiado na escolha de se confessar de forma escrita, o narrador revela estar completamente envolto nessa tarefa, não estando mais disponível para os trabalhos braçais. No

raciocínio desse protagonista, para o trabalho manual há pessoas ao seu redor que o podem fazer; no tocante ao trabalho inventivo, memorialístico, reflexivo e posto em palavras, esse é o novo ofício que só ele tem competência para assumir:

Será que escrevo por não ter aqui com quem conversar? Ter, tenho até demais. Não vale é a pena.
Escrevo, porque escrevendo me indago. Duvido, às vezes, até me espanto, emocionado, com as idéias (*sic.*) que vão me passando pela cabeça, depois de saírem pela ponta da pena. Penso hoje é com a caneta.
[...] Navegando nesse rio de palavras com a cabeça livre, ando pra cá e pra lá [...]. Mergulho até no que há de vir, tentando adivinhar o que será [...] (Ribeiro, 2007, p. 347).

A principal “elucubração” do protagonista é a respeito da própria escrita e de seus efeitos. Em sua escrita fica evidente a existência de um espaço simbólico, a casa da fazenda dos Laranjos, para realizar o propósito maior — escrever a fim de não morrer e ser lembrado. Nesse local vê-se a demonstração de poder reforçada na posse não só da terra, mas do arranjo entre a palavra, o papel, o discurso e o texto. Desempenhando as tarefas de pensar, fantasiar, indagar, escrever, revisar, reescrever e rememorar, Philogônio encena um trabalho longo e desempenhado por um sujeito autor em ação rememorativa e reflexiva: “[...] porque, escrevendo sozinho aqui nesta sala do meio dos Laranjos, posso repassar calmamente minha vida, num verdadeiro exame de consciência” (Ribeiro, 2007, p. 13). Na ficção, Philogônio escreve sozinho, mira a outra margem do rio de palavras, atravessa e entende o outro ponto do qual saiu, ou seja, no início dizia que escrevia para repassar a vida e confessar os erros cometidos. Contudo, viu a si mesmo gostando de lidar com passado, presente e futuro, fazendo passar os dias em serviço de composição, quase que diária, da confissão.

Atravessei a vida tremendo de medo. Agora mesmo, o que move minha mão para escrever em confissão é medo. Medo da morte. Medo da vida eterna. Medo de Deus. Medo dos Anjos. Medo do Diabo. Medo medonho que me acorda de noite, suado, agoniado. Medo de dia, pavor de enfrentar os riscos de viver: a tocaia, a dor. Medo de noite: assombração de alma penada.
Medo até desses merdas humildes que me servem e me servirão até a morte. Porque têm ainda mais medo de mim que eu deles.
O medo é a mola do mundo, seu padre. Sem medo esse mundo não funcionava. O que é que faz todo bicho tão arisco? Medo! Quem é que não tem medo? Todo ente vivo é e sabe que é um saco de pele vulnerável demais. Qualquer estocada me fura, me acaba, esvaído no sangue derramado. Assim é (Ribeiro, 2007, p. 362).

Evidencia-se mais uma vez que diretamente interligado ao registro das lembranças está o signo da morte. Isso fica perceptível pelo método de contar: Philogônio conta os seus pecados, declara os bens que possui, mas atravessa a sua própria história com a problemática da morte,

o final inevitável dos que estão vivos. Entre o discurso religioso, que coloca Deus e o diabo em cena, surge o medo, causando uma reação preventiva de se fazer algo antes que o mal sobrevenha. No caso do Sr. Mulo, rememorar e registrar compõem a sua ação preventiva diante da certeza da morte. O mesmo ocorre quando reflete, de modo supersticioso, sobre o aparecimento dos urubus: “Deu para aparecer muito urubu demais. Antes, não havia ou eu não via. Agora, é o que mais dá. [...] Não posso deixar esses urubus me vencerem. [...] Faço que não vejo essas galinhonas pretas [...] como se estivessem na casa deles. Tesconjuro” (Ribeiro, 2007, p. 361). A aparição e a instalação desses animais na propriedade representam, para ele, um agouro, um presságio de morte. Para além do texto ficcional, o termo “urubu” pode ser utilizado para indicar alguém que se tornou rico por meio de práticas ilegais. Os urubus presentes na fazenda preocupavam o Mulo, mas ele preferia fingir que não os via. Novamente, fica em evidência o desejo de vivificação de que ele se vale para tentar protelar o dia de sua morte.

Com essas reflexões, o narrador das memórias procura elencar elementos fundamentais que possam persuadir os seus interlocutores (o padre ou os leitores) a se envolverem naquilo que conta. Ressalta-se que a primeira parte de *O Mulo* está constituída de uma síntese do relato de Philogônio de Castro Maya sobre sua própria vida. Mediante a exposição realizada por ele, compreende-se que a sua consciência, na adolescência, aos 15 anos, o impulsionou a analisar o seu contexto e se definir como alguém que foi salvo de uma chuva devastadora, acrescida de uma epidemia, mas que não devia nada para quem o criou, uma vez que, além de trabalhar no criatório do Lopinho, era surrado por esse homem. Consciente de tudo isso, sua reação, assassinando-o, tornou-se um marco em sua história, conferindo a ele o título de matador. É por essa via da morte que o protagonista justifica o registro de sua confissão, tanto para discorrer sobre o pecado de tirar a vida quanto para expressar o seu medo de morrer, em razão do enfisema pulmonar que o faz definhar.

Na figura de homem maduro, rememorando sua libertação de Lopinho, o narrador concluiu que parte do seu destino era ser assassino para cumprir uma vontade divina. Em uma primeira interpretação, associando a morte de Lopinho a um trecho bíblico, se pode dizer que o ato cometido no passado pelo adolescente se constitui como uma estratégia divina para que ele pudesse escapar da morte. Especificamente, em uma parte do livro de Salmos está escrito: “Aquele que o nosso Deus é o Deus da salvação; a JEová, o Senhor, pertencem as saídas para escapar da morte. Mas Deus ferirá gravemente a cabeça de seus inimigos e o crânio cabeludo do que anda em suas culpas” (Bíblia [...], 2015, Sl 68, 20-21, p. 458). Em linhas gerais, os textos de Salmos, conforme discorreu Gomes ([20--]), narram os grandes feitos de Deus pelo seu povo,

sobretudo em um contexto de libertação vitoriosa, testemunhada por um povo oprimido no Egito e, posteriormente, libertado e protegido por Ele até a chegada em Jerusalém. Em dois momentos explicitados na obra de Darcy Ribeiro sobre o modo como o cuidador de Philogônio morreu, lê-se:

[...] Meti um prego na raiz da cabeça dele [Lopinho], um dia em que o encontrei escornado na rede, agoniado de febre terçã, no pasto de cima. [...]. Meu sentimento é de que fui salvo e alforriado por aquele prego, que guardei muito tempo escondido como meu único bem, e pelo cabo do chicote encastoadado que ele usava para me surrar. Tenho até que Lopinho descansou de sua sina ruim de gastador de homem e menino no trabalho e de castigador de mulher na malvadeza. O prego ficou tão bem metido que desapareceu debaixo do cabelo basto e duro de Lopinho. [...] (Ribeiro, 2007, p. 27).

[...] Ali acabei com ele. A idéia (*sic.*) e o ato foram tão juntos e com tanta rapidez que eu, às vezes, penso que planejei depois. Foi ver a raiz estufada do crânio dele, acima do pescoço fino, ali oferecida, para pegar o cabo pesado da taca e dar com ele uma pancada firme, rija, na cabeça do Lopinho. Com ele desfalecido, peguei meu prego caibral e meti na emenda da cabeça com o pescoço dando uns poucos golpes duros da taca encastoadada. Fiz esse serviço com calma, arrematei com todo cuidado para o prego ficar bem rente ao couro do coco, e depois cobri com o cabelo duro do Lopinho. Tudo na calma. Até limpei na barra da camisa o fio de sangue que minou dele. Sem medo. Só depois é que me veio o pavor apavorado. Tive tanto medo que tremia como se tivesse pegado a seção dele (Ribeiro, 2007, p. 29).

Realizando uma leitura cruzada, tem-se a impressão de que a morte de Lopinho acontece por meio de um feito divino executado pelo adolescente oprimido. Afinal, naquela época, o único bem do protagonista era o prego, peça “salvadora” e simbólica para o enredo. Nesse início, o personagem Lopinho representava somente a figura do oponente. Ao longo da narrativa, a percepção muda, pois Philogônio reconhece o seu castigador como um pai que não o assumiu. Logo na primeira parte do romance, há uma declaração feita pelo narrador de que todas as mortes que realizou, por suas próprias mãos ou a seu mando, serviram a ele como forma de se salvar. Nesse entendimento, como parte de sua confissão-argumentativa, o narrador afirmou e indagou: “[...] Nesses esbarrões Deus foi servido que eu escapasse vivo. Por quê?” (Ribeiro, 2007, p. 47). A resposta para este questionamento vai sendo constituída ao longo das outras partes da obra, até que fica perceptível sua proposição: seu escape e sua superação se efetivam por uma certa vontade de Deus, verificada no modo pelo qual sua vida se estruturou; forjando-o como um disciplinador indispensável.

Na figura de quem estabelece um tipo de disciplina inevitável, o narrador declarou: “[...] Cumpro a missão que Deus me deu nesse mundo, quando me compôs com sina de abridor desses sertões, de criador e povoador. Sem gente do meu tope, só haveria valentões se

estraçalhando e a negraria se desbocando” (Ribeiro, 2007, p. 339). Desse jeito, por intermédio do mando e do respeito obrigatório, advindo em consequência de seu poder, o coronel dos Laranjos conquistou seu lugar de dono e senhor. Nessa perspectiva, na penúltima parte do livro, quando Philogônio esteve “em busca de si”, a predestinação, aliada ao cumprimento da vontade de Deus, é mencionada para definir a categoria de assassino. Por exemplo, em sua defesa o senhor dos Laranjos enunciou:

O assassino é uma qualidade de pessoa, seu padre, um ser especial. Aparentemente é um insensato que atenta contra a lei de Deus, ao acabar com uma criatura humana. Só por isso o assassino já seria execrável.

Mas Deus o fez assim para cumprir secretos desígnios lá d’Ele. Seja o que for, o assassino é um coitado, mas é um ente divino. Não será inocente, mas sendo um coitado predestinado só é digno de muita pena e até de consolação. Por sua falta de siso no uso da razão. Por seu duplo fadário, de matador convivendo com a morte; de pecador, purgando eternamente.

Merecerá o assassino alguma pena divina? Ele é o destinado por Deus a cumprir na vida triste sina e até padecer penas. Depois de viver aqui seu fadário, em que pode pegar e pagar até pena na prisão, deve ainda ser, no Céu, recastigado? (Ribeiro, 2007, p. 332).

De fato, o modo como a lógica de tentar escapar da punição divina é elaborado mostra a encenação do narrador a fim de, mais uma vez, sair em vantagem. Assim, na confissão, o discurso do narrador-personagem ganha um tom de autodefesa, indicando a noção de domínio e controle que ele deseja imprimir o tempo todo. Por isso, propõe-se o termo confissão-argumentativa, visto que o narrador subverte a confissão religiosa e não se arrepende, sua exposição dos crimes-pecados ocorre em conjunto com uma argumentação em sua defesa. Observa-se que o texto de *O Mulo*, como já dito, não é linear, assim como a narração, entre presente e passado, as histórias contadas por Philogônio servem de base para que ele sustente sua linha argumentativa. A citação anterior indica a intenção de propor um exercício reflexivo por detrás da argumentação. O tipo de assassino mencionado no trecho exposto é Philogônio, e a sua justificativa, em forma de pergunta, se impõe acerca da indignação causada pela consciência de que, mesmo sofrendo na vida terrena, ele ainda precisará ser castigado novamente no céu.

Embora o sacramento da confissão não seja efetivado, o princípio religioso é retratado em diversas passagens do livro, sobretudo, como prova da imperfeição humana quando comparada com a perfeição divina. Em um de seus recordos, seu Filó discorreu sobre o tempo em que esteve no exército, enfatizando seu gosto pela religião. “[...] Sabe bem que eu ia [à igreja] é atrás de ver as moças. Assim é. Mas alguma coisa havia de fé em mim, de gosto pela religião, para ficar sentado horas nas igrejas olhando altares, sorvendo santidades. [...]”

(Ribeiro, 2007, p. 138). Nota-se, mais uma vez, que a ausência física do sacerdote dá um espaço ainda maior para o Mulo apresentar fatos, expor suas ideias, razões e lógicas com a intenção de provar, também, os motivos que desencadearam suas decisões. Ao se apropriar dessa forma de contar, o narrador agencia o momento de falar sobre o presente (compondo sua escrita cotidiana) e de iniciar a exposição de histórias passadas.

Assim, elege tanto o modo como irá declarar seus bens quanto o que julga importante para ser dito ao padre. Antes de compor a sua escrita de confissão, o narrador tenta iniciar uma prosa com o padre. Nesses momentos, Philogônio registra suas reflexões e expõe suas angústias. Em seguida, ele insere um assunto que está acontecendo naquele momento, como a descrição de uma tarefa cotidiana: “Acordei melhor hoje e depois do almoço dei minha volta preferida. Baixei de a pé, devagar, até o laranjal velho. [...]” (Ribeiro, 2007, p. 55). Posteriormente, o sujeito se ocupa minuciosamente de relatar os pecados cometidos no passado e no presente. Além disso, entre o registro de uma lembrança e a exposição de um sentimento de alegria ou de tristeza, os bens, como terras, gados e objetos pessoais, são mencionados.

3.4 Um “eu” confessando para se defender

Antes de o leitor de *O Mulo* saber que a confissão de Philogônio não ocorrerá de modo convencional, a figura do destinatário é invocada por meio da persona do “[...] sacerdote da Santa Madre Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Ribeiro, 2007, p. 12), que lerá e perdoará esse emitente. No desenrolar da contação, é externado o desejo do narrador em poder contar com o apoio póstumo de um dos sacerdotes da Igreja Católica. Salienta-se que o nome da instituição foi grafado, no trecho citado acima, de modo completo, o que sugere que a Igreja é, simbolicamente, uma santa-mãe, uma mãe-santa, a qual se pode recorrer para ter apoio e alcançar a salvação. O que corresponde ao entendimento de que o padre (representante da santa-mãe) é um ouvinte que poderia ajudar o pecador (Philogônio) a compreender a si mesmo, sobretudo acerca de como ele se tornou um matador.

Assim, surge uma indagação: como parte do Exame de Consciência, prática que constitui o sacramento da confissão no Catolicismo, a exposição dos pecados feita pelo narrador-personagem revela o seu arrependimento? A resposta encontrada no próprio livro é negativa, uma vez que o coronel Philogônio de Castro Maya ordenou mais uma morte, a do assassino do seu compadre Militão, já no final da narrativa. Além disso, percebe-se que esse narrador-escritor é sutil nos momentos em que assume o crime-pecado e, ao mesmo tempo, age justificando em sua própria defesa:

[...] o pecado que aqui confesso ao senhor, seu padre, e do qual peço perdão, de haver matado o velho Lopinho. Meti um prego na raiz da cabeça dele, um dia em que o encontrei escarnado na rede, agoniado de febre terçã, no pasto de cima. Deste crime, meu primeiro, nunca me arrependi até hoje. **Mas dele preciso me arrepender agora, para ser perdoado, se culpa houve.**

Meu sentimento é de que fui salvo e alforriado por aquele prego, que guardei muito tempo escondido como meu único bem, e pelo cabo do chicote encaestado que ele usava para me surrar (Ribeiro, 2007, p. 27, grifo nosso).

Vê-se um Philogônio que encena a confissão de um crime cometido, pede perdão e testemunha em sua própria defesa, tentando fazer entender que a violência física sofrida o impulsionou a cometer o delito, este que passou a ser colocado em questão por ele — ‘se culpa houve’. Verifica-se que a ausência do arrependimento sincero explicita o esfacelamento do Exame de Consciência, porque, segundo o referido sacramento, na doutrina da Igreja Católica significa que:

1492. O arrependimento (também chamado contrição) deve inspirar-se em motivações que brotam da fé. Se for motivado pelo amor de caridade para com Deus, diz-se <<perfeito>>; se fundado em outros motivos, diz-se <<imperfeito>>.

1493. Aquele que quer obter a reconciliação com Deus e com a Igreja, deve confessar ao sacerdote todos os pecados graves que ainda não tiver confessado e de que se lembre depois de ter examinado cuidadosamente a sua consciência. A confissão das faltas veniais, sem ser em si necessária, é todavia vivamente recomendada pela Igreja.

1494. O confessor propõe ao penitente o cumprimento de [...] <<satisfação>> ou <<penitência>>, com o fim de reparar o mal causado pelo pecado e restabelecer os hábitos próprios dum discípulo de Cristo (Catecismo [...], [20--]).

Identificado o não-arrependimento por parte de Philogônio, compreende-se essa transgressão, com mais veemência, nos modos pelos quais ele desobedece aos Dez Mandamentos, que estão relacionados à prática de examinar a si mesmo de forma consciente durante o processo de confissão. De acordo com o sacramento da penitência, o pecador deve buscar cumprir as ordenanças que Deus revelou a Moisés:

2051 [...] Não terás outros deuses diante de Mim...

Não invocarás em vão o Nome do Senhor teu Deus...

Guarda o dia de sábado para o santificar.

Honra teu pai e tua mãe...

Não matarás.

Não cometerás adultério.

Não roubarás.

Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo.

Não desejarás a mulher do teu próximo;

Não cobiçarás... nada que pertença ao teu próximo (Catecismo [...], [20--]).

De início, o contato com o romance *O Mulo* permite aos leitores compreenderem que o narrador começará escrevendo os seus pecados, fidedignamente, para que sejam lidos por seu

destinatário ficcional, o qual tem-se a certeza de se tratar de um presbítero católico. A partir dessas informações, dá-se a entender que, antes de preocupar-se com o objetivo principal de “conquistar uma instalação no céu”, após encerrar a vida terrena, seria preciso, especificamente, alcançar a *Kátharsis*, termo de origem grega que corresponde à purificação. Mas, na prática, Philogônio subverte a lógica cristã e deturpa o sacramento da confissão religiosa, afirmando que o mundo é o lugar para se brigar e que gente desamparada, como ele, não pode fazer bondades, pois é preciso a qualquer custo sair da condição vexatória.

Desse modo, obtendo vantagem a partir de negociações injustas, que são contadas em vários momentos, esse narrador se coloca em posição elevada e faz parecer com um deus ou com um profeta predestinado a cuidar de seu povo, o “gado de Deus”, isto é, as pessoas as quais ele considera inferiores, capazes somente de lhe servir.

[...] Os donos da vida que nem eu, agora, podiam, talvez, mudar as regras do mundo pra fazer dele um paraíso geral. Nunca vi dizer que isso fosse proposto por ninguém que merecesse respeito, em nenhum lugar. Essa tarefa não é dos homens: é de Deus. Tudo indica que Ele quer o mundo tal qual é: o engenho divino de clarear almas. Nele sou gente, proprietário, e gosto. Isso sou por esforço meu; se fosse esperar ajuda ou compaixão de alguém, estava perdido. Seria um coitado a mais. Nesses assuntos é que tenho pensado, seu padre. Isso tem de bom a confissão, já no começo do reconto de meus pecados, me obriga a ver coisas que eu nunca perceberia se não estivesse aqui, sozinho, esgravatando a consciência. Não pense o senhor que eu tenho só malfeitos na vida. Tenho também, naturalmente, alguns benfeitos. Eles dariam pra me salvar? Sei lá, parei para lembrar e alegar alguns e mesmo procurando muito, não achei. É certo. Não me lembrei de ninguém a quem eu tenha feito um puro benefício sem tirar nenhum proveito [...] (Ribeiro, 2007, p. 30).

Nessa lógica, seria preciso que o narrador realizasse uma confissão, em arrependimento voluntário, cumprindo os Dez Mandamentos e a penitência. Esta última, Philogônio seria incapaz de experienciar, pois, no plano que traçou, sua vida no outro mundo seria resolvida imediatamente após a sua morte ao modo como sabe resolver, barganhando. Ao evidenciar a ação da escrita produzida pelo Sr. Mulo, elabora-se uma hipótese de leitura — relatar em texto a trajetória de uma vida sofrida pode fazer com que pareça certa penitência já experimentada e cumprida precocemente. Analogamente, distanciando um pouco das histórias narradas por essa personagem, permitindo-se fazer um movimento externo e de cima, como quem apreciava uma construção em maquete, vê-se Philogônio andar em corda bamba, tentando não morrer, procurando saber lidar com sua consciência, buscando voltar ao equilíbrio. Tudo isso arquitetado pela linguagem, da qual ele se apossa, admitindo, sozinho, quem foi, quem é e quem poderá ser.

Em razão da declaração inicial do narrador, no início do romance: “Esse escrito de meu punho e letra é minha confissão e testamento. Aqui confesso meus pecados muitos ao sacerdote da Santa Madre Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo que há de me ler e perdoar” (Ribeiro, 2007, p. 12). Declaração essa que é justificada pela ideia de receber o perdão divino e de livrar-se dos mortos-fantasmas que assombravam Philogônio, ocorre a esse latifundiário uma *pseudo* purificação. A purgação fingida é interpelada pela escrita da memória no esforço de manter-se vivo, o que faz-se pensar que Philogônio aprendeu a barganhar e por essa razão está pronto para o jogo do morto-vivo/vivo-morto, em que ou ele ganha mais tempo para escrever em sua propriedade, ou aloja-se na confissão escrita para legitimar a sua história no ato da leitura do padre.

Ainda sobre o modo como Philogônio se apresenta no texto narrativo, conforme mencionado anteriormente, sua confissão-argumentativa é compreendida como uma forma de ele se resguardar, se defender. Identifica-se certa preocupação por parte do narrador em relação ao texto escrito ser lido somente pelo padre; a confissão dos crimes-pecados dele constitui-se de uma apresentação dos assassinatos cometidos. Por esse receio de a confissão ser “lida” por outros interlocutores é que o narrador tem o cuidado de afirmar sempre que seus crimes são todos justificados.

Durante o tempo em que a escrita acontece há um movimento de introspecção por parte do narrador-personagem, a sua exposição faz lembrar o ato de mentalizar algo em espírito, sem dizer nada, ou no caso dele, apenas escrever. Esse movimento de introspecção coopera para que o nome de Deus seja colocado em cena e fique representado, como é considerado no cristianismo: um Ser Supremo, onipresente e onipotente, que sabe de todas as coisas e que, inclusive, está contemplando as ações de Philogônio e a sua incapacidade de se arrepender. Deus é referenciado em cena para marcar a tentativa do narrador em compreender os desígnios divinos que lhe são traçados, uma vez que considera que Deus tudo sabe e sempre soube, conforme se verifica na seguinte passagem:

Seu padre, guardei hoje debaixo de chave, na gaveta da mesa aqui do quarto, meus papéis de confissão. Ninguém há de me ter na mão por força de ter lido minha confissão.

Confissão escrita de homem vivo é documento secreto, fechado. Destinado. O que contém são as palavras exatas, parcas, em que um pecador se busca e se encontra na luta por se entender e se revelar ao confessor ausente. Não deve tratar nunca do agora, do presente de quem escreve, porque viver não é pecado. Trata é do seu passado já vivido, é dos seus mortos que mais mortos serão quando for lido e julgado por quem de direito.

Pelo senhor, meu confessor, que das mãos de Militão há de receber esses papéis e ler como se ouvisse, sopesar na alma e perdoar e esquecer esses recônditos malfeitos meus. Depois de lidas, as palavras desta confissão deviam desvanecer, sumir, como

tinta simpática. **Não sendo assim, terei de confiar no senhor, que há de dar sumiço nesses papéis. É sagrada a confissão de um homem.** Na boa forma tradicional, ela é segredada, sussurrada da boca do pecador arrependido ao ouvido peludo do padre velho, escutador, perdoador. Morre ali, completamente.

Ruim é confissão palavrosa, proclamada, declamada, como essa. Silente, porque escrita; mas escorrida, espichada. Eu precisava mesmo é de um confessor pessoal, sacerdotal, que viesse viver aqui comigo para, longamente, me escutar.

Escrita, agora, minha confissão está sendo vista e julgada imediatamente por Deus. Quando chegar nas suas mãos, não estará velha, superada? Não importa, creio eu. Deus sempre sabe tudo. Sabia de meus pecados até antes de eu pecar. Eu cumpro à risca o plano d'Ele sobre o que foi e o que há de vir. Nas mãos d'Ele, que será de mim? Nas suas mãos estarei salvo porque um padre confessor não recusa nem regateia o perdão. Deus, não? (Ribeiro, 2007, p. 75-76, grifos nossos).

As deduções e afirmações do narrador-personagem expressam certo aprendizado alcançado pela experiência. Certamente, suas intenções são nítidas quanto ao propósito da escrita apresentada. Se viver não é pecado e a confissão não deve tratar do presente, o material preparado por ele está composto por confissão (texto argumentativo com exposição dos pecados), memória cotidiana do presente, e é suplementado pelo testamento (declaração de todos os bens que possui). A presença do testamento como suplemento à confissão é justificada pelo fato de acontecer uma barganha implícita: troca da leitura do material e da intercessão pela absolvição dos pecados do coronel dos Laranjos pelos bens do narrador que confessa. O sacerdote escolhido será o principal e único herdeiro. Na quinta parte do romance, o testador decide desconsiderar as distribuições que fez no início da obra para deixar todos os bens ao padre: “Decidi [...] refazer meu testamento. Vou legar é ao senhor, ao senhor só, meu confessor, minhas terras, pastos, aramados, casas, ranchos e currais, daqui e das Águas Claras. [...]” (Ribeiro, 2007, p. 157).

Há um envolvimento integral por parte de seu Filó com aquilo que ele ainda desconhece, pois tirar a vida de alguém é algo conhecido por ele; a morte e o que vem depois dela é que escapam de seu controle, estando, nesse contexto, totalmente nas mãos de Deus. Possivelmente, a refeitura do testamento ocorre por conta dessa entrega confiante em quem se espera que aceite, após a sua morte, cumprir os seus últimos desejos. Nessa direção, a função da escrita na obra é legitimada como meio para documentar, como forma de busca e encontro do homem com ele mesmo. E no caso de Philogônio, por ser uma escrita confessional, constitui-se tanto como prova de seus crimes quanto como marco de sua existência e de seus (mal) feitos. É justamente pela diferenciação entre linguagem oral e linguagem escrita que a possibilidade de esquecimento, na primeira, e recordação, na segunda, demandam o armazenamento seguro e, posteriormente, o sumiço dos papéis, para garantir a natureza sigilosa da confissão.

Considerando a escolha pela confissão religiosa, como meio para a exposição dos crimes-pecados, verifica-se que o coronel se vale desse recurso, protegendo a si mesmo, a fim de usufruir do sigilo dos ministros de confissão dessa natureza. Sponfeldner (2018) destacou que a relação entre Igreja e Estado em outros tempos não ocorria separadamente e, naquele contexto, a Igreja, especialmente a Católica, exercia total controle sobre as pessoas. Assim, de acordo com o autor, a confissão era um mecanismo de domínio e controle por intermédio da instituição religiosa. Sob essa prerrogativa, “[...] a Igreja passa a determinar que os fatos que eram revelados aos seus sacerdotes, em nenhuma hipótese, deveriam ser divulgados, estabelecendo uma relação de confiança entre o penitente (quem confessa seus pecados querendo alcançar o perdão) e o sacerdote [...]” (Sponfeldner, 2018). Em sua pesquisa, o estudioso discorreu sobre a excepcionalidade enquanto dever da Igreja de contribuir com o Estado.

Com base nessa proposição, Sponfeldner (2018) citou o exemplo de alguém que, previamente, contaria sobre ter colocado uma bomba em um ponto da cidade para matar milhares de pessoas. Nesse caso, o sacerdote necessitaria contar às autoridades sobre o conteúdo da confissão, em caráter excepcional, quando atentasse contra a sociedade. Voltando a atenção ao caso de Philogônio, identifica-se que o modo como ele elege para contar o que fez (entrelaçar passado e presente, relatar os pecados), configura uma elaboração de sua própria defesa. Seguramente, o princípio de sua lógica é o sigilo, o qual espera-se que não seja burlado pelo sacerdote. Intentando legitimar e garantir em reserva o que expôs, seu Filó estabelece uma prosa com o padre, induzindo-o ao ato da reflexão e, ainda, tenta comprar sua lealdade, deixando a ele todos os seus bens. Na sexta parte do livro, após ele já ter exposto quase toda a sua história, inclusive contando ao sacerdote como se tornou um matador, ele revela que, se conhecesse o padre, a confissão não ocorreria, em razão de que:

Poderíamos acaso nós dois nos falarmos, olhando um ao outro, cara a cara, atentos, interessados? Duvido muito. Meu jeito brusco, seco, ríspido não se casa com seu jeito cortesão, gordo, bondoso. O senhor é gordo? Se nos conhecêssemos eu não me confessaria jamais com o senhor. Nem o senhor pararia de ouvidos acesos ouvindo essa minha longa confissão. Teria dito: está bem, meu filho. Está bem, mas se apresse. Veja a fila, tenho mais que fazer. E aí me sapecaria uma absolvição destas que dá às suas beatas pelos pecadinhos de merda lá delas (Ribeiro, 2007, p. 204).

Observa-se que Philogônio demonstra ser conhecedor do ato convencional da confissão, uma vez que em outra passagem do romance ele revela ter se confessado com Dom Castroaldo antes de se casar com siá Mia. Na ocasião, o sujeito mentiu para não se revelar totalmente à Castroaldo por meio de uma outra história inventada. Naquela oportunidade, o narrador

conseguiu passar ileso pelo sacramento da confissão, e a mentira não foi descoberta. Falseando sua realidade, antes de se casar, o homem não contou sobre as atrocidades que cometeu, muito menos a forma como adquiriu dinheiro e se estabeleceu. Certamente, se Philogônio contasse que era matador, o padre poderia o ter considerado como um assassino. Rememorando esse momento, o coronel dos Laranjos afirmou que

A minha confissão ao bispo na capela episcopal foi pecado que, agora, confesso. Sabendo que tinha mesmo que mentir, porque não podia me entregar assim à toa, me preparei para contar um caso bem contado. Escolhi minha história com Mariá, que contei por partes, pondo mistério. O bispo abespinhado, começou a especular. Primeiro neguei que aquele menino fosse meu. Admiti a custo que talvez pudesse ser, essas coisas são difíceis de apurar. Por fim, confessei, arrependido e envergonhado que era mesmo filho meu. Dom Castroaldo sorriu, contente. Mais adiante, garanti a ele, com toda tranquilidade (*sic.*), que a morte de Cazé foi suicídio, por vontade própria dele, sem intervir mão de ninguém. O homem caiu numa agonia danada, disse eu, depois do despotismo de maldade que fez com os índios. No desespero, acabou se enforcando. Finalmente, dei a ele todas as garantias de que a minha história com Mariá era coisa finda e acabada. O bispo ouviu contente, e no fim, com a mão no meu ombro, dispensou atestado de batismo que teria que vir das lonjuras de Unaí, no alto sertão mineiro e me aconselhou a contar o caso do filho de Mariá a meu sogro: ele precisa saber que há esse bastardo no mundo para, sem exagero de filiações, dar algum amparo ao menino. Por penitência, prometi rezar um rosário inteiro que ainda estou devendo e dar uma boa esmola para a construção da matriz. Dei a maior da minha vida: os nove contos de réis que ganhei do Baiano e de Dominguin (Ribeiro, 2007, p. 267, grifo nosso).

Pelo que se vê, Philogônio, embora conheça o rito da confissão, usurpa dele, tal como parece fazer em toda sua narrativa para o suposto padre. Seu gesto é uma espécie de blasfêmia, na medida em que, sem nenhum constrangimento, mente em confissão e confessa que mentiu. Daí faz-se lembrar do significado da confissão nos âmbitos religioso e jurídico. A efetividade da ação de se confessar é marcada por linhas tênues entre esses dois âmbitos. De acordo com os preceitos da Igreja Católica, basta ao pecador ter consciência de seus pecados, confessá-los, sentir-se arrependido e cumprir a pena que o sacerdote lhe impuser. Assim, haverá a reintegração da pessoa arrependida ao corpo de irmãos da igreja, permanecendo a aspiração à salvação. A respeito da confissão no contexto jurídico, por mais que as infrações sejam expostas, ocorrendo ou não o arrependimento por parte de quem apresentou um desvio de conduta, ao transgredir a lei, a consequência não é o perdão. Nesse contexto, Gentil (2009) explicou que,

[...] para a ordem jurídica a confissão não traz a salvação. Mesmo arrependido, dando mostras de colaboração com o Estado, facilitando a apuração dos fatos, o sujeito responderá pela infração, submetendo-se à pena que lhe será imposta por conta da falta praticada.

O que se então parece apresentar-se é um quadro em que, já tendo refletido sobre o mal cometido, se convencido de seu erro e se proposto a não repeti-lo, ainda assim o sujeito arcará com o castigo reservado aos criminosos. Não se reproduz o adágio desde sempre dito às crianças: *Quem diz a verdade não merece castigo*. De certa forma a aparência é de que o indivíduo será punido sem mais ostentar a condição de *culpado*. Ainda pior: a confissão, aceita como prova, mais facilitará a ação da ordem repressiva, de vez que serve de vigoroso instrumento de convencimento do julgador.

[...]

Sendo meio de prova, ela [a confissão] tem a função de trazer ao procedimento de apuração algum elemento que sirva para formar a convicção do juiz, tendo, por essa razão, que ser por ele analisada e valorada (Gentil, 2009, p. 219-220).

Ainda que não esteja explícito no enredo do romance em análise, o receio do protagonista quanto a um contexto judiciário no que concerne aos crimes que praticou, reconhece-se a preocupação dele em não permitir que outras pessoas tenham acesso à sua confissão. Seus escritos são as provas que o poderiam incriminar, caso fossem apresentados a um juiz. É por essa razão que a pessoa escolhida para entregar o material produzido pelo Mulo é Militão, seu servo de confiança, e que o destino delas é um padre, obrigado ao sigilo. Reitera-se que, em razão do assassinato de Militão, revelado na última parte de livro, o narrador afirma que ninguém poderá assumir o ofício de procurar e entregar a confissão e o testamento a um padre, apesar de terem outras pessoas no local, as quais, certamente, cumpririam o seu último desejo.

Outro aspecto relevante nessa confissão, por meio da qual Philogônio se denuncia e se defende, é o apego do coronel dos Laranjos aos bens conquistados. Evidentemente seu apego material arrefece a preocupação exclusiva com os bens celestiais. Verifica-se que, no relato sobre sua trajetória, o narrador-personagem ocupou-se em discorrer acerca de como conseguiu adquirir muitos bens e alcançar um novo nível econômico e social de vida.

Identifica-se que o assassinato, em dois diferentes cenários, e a morte, são utilizados como artifício para a obtenção de dinheiro: ao desertar do exército, o narrador matou o Baiano e pegou todo o dinheiro que estava guardado no comércio do homem. Já em Águas Claras, confrontado com a presença de Domingum, pelo incômodo de ele também dar ordens em sua propriedade, seu Filó assassinou o homem e depois descobriu que havia uma quantia considerável de dinheiro em um dos pertences desse seu rival, e pegou o dinheiro para si. Com a morte de siá Mia, Philogônio se envolveu em um processo moroso para se apossar da herança de sua falecida esposa. Apesar de perder muito dinheiro com o advogado dos Alves, conseguiu comprar a propriedade dos Laranjos com os valores advindos dessa herança.

Verifica-se, explicitamente, uma impossibilidade de o sujeito (Philogônio) servir a Deus e ao dinheiro (Mamom) ao mesmo tempo. Utilizou-se aqui a expressão Mamom entre parênteses para se referir aos valores financeiros como se fossem uma espécie de deus,

conforme o contexto religioso. Portanto, cita-se Leone (2021), que caracterizou o termo *mamon* como uma referência aos bens materiais, à riqueza e ao dinheiro. O autor destacou o fato de que, no âmbito bíblico, faz-se uma personificação da expressão dessa entidade, contrapondo-a a Deus.

Sob essa perspectiva, a riqueza seria essencialmente pecaminosa. Partindo dessa premissa, a deturpação do discurso cristão se faz visível e de forma irônica por meio das atitudes do narrador, o que dialoga com os apontamentos feitos por Oliveira (2019). Essa autora fez referência à transgressão do sacramento da confissão, constatando-a, no enredo, como um modo de mostrar a descristianização do homem:

[...] em *O mulo*, o autor retoma um sacramento da igreja católica - a confissão - e, da mesma maneira, promove o deslocamento do ritual religioso, elevando o pecado, contrariando o que se espera normalmente de um pecador: o arrependimento para alcançar a absolvição. Essa questão remete à desumanização e até mesmo à descristianização do homem [...] (Oliveira, 2019, p. 102).

Retomando o raciocínio exposto anteriormente, observa-se que a escolha de um herdeiro para o coronel, mesmo sem saber quem seria, ocorre enquanto decisão assertiva para que o trabalho de amontoar riquezas terrenas não seja entendido como um esforço inútil. Entre os legados de terras, os alqueires, as cabeças de gado azebuado, os cavalos, há menção, por parte de seu Filó, a um dinheiro em conta nominal no banco de Goiás. Assim como a um jogo de roupas que está na arca grande de metal, os aparelhos de montaria, os móveis bons e antigos. Ainda, há o oratório, duas malas grandes de couro, o jegue, a jumenta, uma besta nova, bruacas e tralhas de tropeiro, como ferros, machados, enxadas, parafusos e os servos, que o narrador considera propriedade sua.

Aí está a armadilha de Deus. Terrível! Em lugar de nos dar o que pedimos: a vida eterna, a imortalidade, aqui, na vida verdadeira, Ele só nos dá essa eternidade do Além, para ficarmos interminavelmente mortos. Eternidade que ninguém pede, nem deseja. A não ser, talvez, algum santo, sem um grão de dúvida da própria santidade, com inteira e completa fé na beleza e na gostosura da Glória Eterna. Eu, coitado de mim, sem fé nem santidade, me vejo morto é como uma alma danada, perdida, fantasmal. Esconjuro! (Ribeiro, 2007, p. 239).

Novamente, perpassando a declaração dos bens, é mencionada a aprovação divina, ironicamente. Desse modo, a lógica de Philogônio sobre a vontade de Deus, também, é exposta ao padre como uma forma de orientação, o narrador diz: “[...] foi Deus quem nos escolheu e elegeu para estes papéis. O seu, de sacerdote ministro d’Ele aqui na terra, meu confessor e meu herdeiro. O meu, de fazendeiro, aquinhoadado de terras e bens, para mostrar, em mim, pela

prodigalidade, a Sua aprovação” (Ribeiro, 2007, p. 111). Na mesma proporção, o narrador não disfarça a indignação que está sentindo por conta de não poder se tornar imortal. Dessa maneira, entre as linhas tênues que cruzam confissão e escrita de um testamento, o narrador se percebe e admite não ser um santo, tampouco ter fé.

Philogônio, ao deixar explícito o seu raciocínio, demonstrou que a salvação que deseja não dialoga com o discurso do cristianismo, uma vez que seu Filó declarou: “Sou mesmo é carnal. Bobagem pensar que minha pasta é osso duro ou barro de Adão. Qual! Sou é de carne mole, frouxa [...]” (Ribeiro, 2007, p. 365). Como se verifica, o narrador ironiza e propõe, ou demonstra, um pensamento materialista. Sua espécie de salvação é alcançada por outros meios, isto é, pelo apego à vida terrena, que se manifesta pela escrita que ele tanto conhece, e não pela vontade de ir para o céu.

Para aprofundar no que diz respeito à natureza desse narrador que usa a confissão como estratégia de defesa e sobrevivência, parte-se, no próximo capítulo, para olhar alguns elementos que atravessam a escrita da memória do coronel dos Laranjos: sua brutalidade, suas diversas peles, e seu interesse pelas sexualidades periféricas, e em particular suas relações com as mulheres.

4 O NARRADOR DA CONFISSÃO

Memória tenho demais. Podia pôr nesses relatos muito mais detalhes que dispenso, cuidando que já exagero. Compreenda, seu padre, mais de cinquenta anos de vida foi o tempo que levei para compor as memórias que estão guardadas em mim, da minha vida vivida. Resumo nessa confissão esse meio século meu, quando o que queria era viver meio século mais. Para isso pagaria com tudo que tenho. Isto é o que eu quero, ficar vivo. [...] (Ribeiro, 2007, p. 114).

Neste capítulo procura-se tratar de características específicas do narrador da confissão no romance em estudo. Por essa epígrafe, fica ainda mais explícito um elemento sobre o qual já se discorreu nesta dissertação acerca da natureza do narrador em *O Mulo*: seu desejo de permanecer vivo. Vivo em palavras, pela escrita, mas também vivo para usufruir dos prazeres da vida. Com esse desejo, o narrador da obra apresenta dois motivos para o fato de ele estar escrevendo suas memórias: primeiro, a doença o intimida; segundo, é um desejo dele fazer uma revisão em sua vida. Por isso, Philogônio assume a tarefa de registrar as memórias de sua vida. Uma das questões que o narrador coloca em seus registros é sobre a autenticidade de seu depoimento e defende seus escritos como sendo verdadeiros.

Nos estudos realizados por Miranda (1992), o ensaísta discutiu o livro *Memórias da Emília*, de Monteiro Lobato (2009) e, por meio dele, debateu sobre a questão da verdade em textos autobiográficos. Na obra de Lobato, segundo Miranda, Emília resolve escrever suas memórias e, ao ser questionada por Dona Benta a respeito do que entende como memória, Emília diz que as memórias são os acontecimentos que ocorrem na vida das pessoas do dia em que nascem até o dia em que morrem. No diálogo entre Emília e Dona Benta, discute-se a verdade na escrita, e a uma certa altura a boneca afirma:

[...] Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar ideia de que está falando a verdade pura (Lobato, 2009, p. 12).

Essa questão é fundamental para pensar sobre as escritas autobiográficas de Philogônio de Castro Maya. Pode-se, ainda, lembrar que, em *Memórias da Emília*, não é exatamente a personagem central que escreve suas memórias. Emília obriga outro personagem, Visconde, a assumir a tarefa de registrar o relato das experiências vividas pela boneca, que é aconselhado por ela a fazer de conta que está escutando a sua voz para terminar as histórias. Emília, portanto, arruma uma espécie de escriba para registrar sua narrativa. Ela assumidamente inventa sua vida e não a escreve, mas, ao sentir-se contrariada com o seu escriba, o censura, impedindo que o

Visconde diga o que exatamente pensa sobre ela. O que chama a atenção é a aproximação entre verdade e invenção, porque, em alguns momentos, em *O Mulo*, Philogônio também inventa suas memórias: “[...] Assunto, não preciso. Quando não rememoro idos, nem comento acontecidos, rumino aqui, escrevendo, o que me dá na telha. Esse, agora, é meu ofício. Um vício” (Ribeiro, 2007, p. 126).

No correr das memórias, o narrador imagina o que poderia ter sido, por exemplo, quando descreve um incesto supostamente vivenciado por sua falecida esposa, colocando em cena a dúvida quanto à pureza de siá Mia. Philogônio supõe que Mia, desde a infância até o dia em que se casaram, mantinha relações sexuais com Godo, seu meio-irmão. Em outra passagem, seu Filó diz perceber que, relembrando o que já foi, corre o risco de se perder em suas recordações e se esquecer da confissão. Ainda que Philogônio declare isso, de certa maneira, há uma confissão de seus crimes e, como se vê, eles não são sempre considerados pecados pelo narrador. Embora ele manifeste o desejo de que um padre leia seus escritos para ser absolvido, ele não segue os ritos do sacramento da Igreja Católica Apostólica Romana, como mencionado anteriormente. Infere-se que, ao assumir o ofício de memorialista, Philogônio inventa, ou nas palavras da personagem Emília: “tem de mentir com muita manha, para dar ideia de que está falando a verdade pura”. O próprio nome do narrador-personagem é inventado por ele mesmo: “[...]conforme será explicado a seu tempo, eu sou e não sou Philogônio de Castro Maya. [...]” (Ribeiro, 2007, p. 15). Em outra passagem do livro, o protagonista deixa em suspenso:

Acompanhando um fardado, quase amigo, o cabo Fi, que era dali, fui a festas, arranjei namorada e quase noivei. O cabo, por seu nome esquisito, Philogônio, teria muita importância na minha vida, pelo que nunca haveria de pensar, que foi me dar o nome. Às vezes penso que até vesti a pessoinha dele (Ribeiro, 2007, p. 128).

Por fim, Philogônio revela: “[...] comecei minha nova vida, na pensão, com um goiano que perguntou minha graça. Respondi ligeiro, nem sei bem por quê: Philogônio Maya, seu criado. Aquele tropeiro me batizou, me deu destino, mancomunado com o cabo e com o major” (Ribeiro, 2007, 152). É assim, com um nome inventado, que o narrador se apresenta aos leitores de suas memórias, e procura executar a tarefa de registrar suas reminiscências para reafirmar sua existência e para não se tornar esquecido. *O Mulo*, de Darcy Ribeiro, é uma narrativa memorialística. Para entender esta questão, reitera-se a pauta do nome próprio, mencionada no segundo capítulo desta dissertação. No que concerne à identidade do nome do autor, “[...] O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao *nome* do autor, escrito na capa do livro” (Lejeune, 2008, p. 26).

Com base na exposição de Lejeune (2008), afirma-se que a obra *O Mulo* não é uma autobiografia do brasileiro, montesclarenses, Darcy Ribeiro, porque o critério do nome próprio idêntico ao do narrador-personagem não se efetiva. Portanto, o romance é uma autobiografia ficcional, constituída de memória ficcional, com um personagem inventado, que está narrando uma história fictícia com traços verossímeis. Além disso, ressalta-se que os artifícios utilizados por Philogônio, narrador das memórias em *O Mulo*, evidenciam o que Miranda (1992) caracterizou como memória ficcional, ou seja, essas lembranças não se constituem de verdade, mas sim de inventividade.

Porto (2011) explanou que, através do texto memorialístico, há uma condição possível para existir e resistir, assegurada pela não-linearidade do tempo da memória. Para essa autora, aquele que conta suas memórias vivencia sua consciência dialética a partir de reflexões sobre si e sua essência. Assim, a escrita se constitui como modo analítico do que está sendo narrado,

[...] o narrador memorialista cria uma espécie de *metamemória* literária, pensada sob a estrutura do rememorar e a partir do próprio discurso memorialístico num jogo espelhar, num jogo de linguagem onde as entrelinhas são as linhas e vice-versa, onde o profundo e a superfície interagem para compor o ato de criação. É diferente da tentativa de escrita (auto)biográfica, quando se pretende escrevê-la unicamente como registro e “ilusão” histórica, como se a existência humana e a memória ou até mesmo os documentos dessa existência fossem lineares. Por sua vez a escrita memorialista se lança às reminiscências para também pensá-las pelos seus avessos, nas idas e vindas, e ao pensá-las repensar ressentimentos e esquecimentos, através das falhas, das lacunas de uma história, dos “brancos” como numa “cegueira branca” também da história (Porto, 2011, p. 433).

Com base na explicação de Porto (2011), identifica-se que, em *O Mulo*, Darcy Ribeiro produz uma narrativa memorialista não apenas ficcional e individual, mas também coletiva. Ribeiro coloca em cena as reminiscências de um período histórico da nação brasileira; as memórias da personagem principal são compostas de espaços rurais em que as outras personagens estão inseridas nas figuras de tropeiros, indígenas, brancos latifundiários, negros alforriados etc. Philogônio, narrando ao padre sua história de vida para não cair no esquecimento, menciona uma guerra, a qual ele não combateu por estar se recuperando de uma infecção sexualmente transmissível, a gonorreia. Por conta da menção à Itália, fica nítido o contexto de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, com o envio de soldados que combateram no norte da Itália. A questão política também se alia ao cenário de término da guerra.

Pouco depois de me assentar nas Águas Claras, finda a guerra, as novidades começaram a cair aos cachos. A melhor delas, boca de muitas outras, foi a chegada de meu futuro compadre traiçoeiro: o finado Expedito Catalão. [...].

Nos primeiros tempos tudo correu bem. As novidades que ele trouxe me encheram a cabeça de luzes. A maior foi que o governo tinha caído; que outro tinha subido, mas que não ia durar; um terceiro já vinha por aí, porque o povo ia escolher quem é que devia mandar. Isso, disse ele, era o Brasil todo, inclusive Goiás e até nós também. Aprendi, então, que minhas Águas Claras pertenciam ao município de Cristalina, que ficava a cem léguas de distância. Lá se decidia nosso destino. Mas, agora, com as eleições, nós podíamos influir, um pouco.

Além de presidente, de governador, de prefeito, de deputado, de senador, íamos ajudar a eleger Catalão para vereador. Ele estava ali pra nos fazer eleitores. Falou de constituição, comunismo, udenismo, getulismo, queremismo; diferenciando os amigos dos inimigos do povo. Entendi pouco. Juca, Militão e Nheco, menos ainda. Nem quiseram ouvir (Ribeiro, 2007, p. 180).

A memória coletiva, principalmente no que diz respeito aos efeitos da tomada de posse do Brasil e da concepção europeia de mundo, mimeticamente representada no romance, coloca em cena pela escrita memorialista de Darcy o embate entre etnias e ideologias. Por exemplo, a ‘cabeça cheia de luzes’ pode ser entendida como uma noção de avanço e de progresso, num pensamento racional, de cunho iluminista: “[...] Quando quis falar de democracia, liberdade, família e religião, eu pedi água. Não precisava, não” (Ribeiro, 2007, p. 319). Ainda que Philogônio reconheça a influência da religião, sua concepção vai se transformando: “[...] A triste verdade é que tenho hoje menos temor de Deus e da purgação eterna do que em qualquer tempo. Até duvido, agora, que Deus tenha um Céu e um Inferno parados, me esperando; ou que, lá de cima, Ele esteja me espreitando eternamente” (Ribeiro, 2007, p. 96).

Em algumas passagens do romance, Philogônio, além de expressar que inventa enredos, cita que era letrado, por exemplo, na cena que o personagem Zé Alves, o pai de siá Mia, se surpreende com a informação de que o muleiro (seu futuro genro) sabe escrever. Seu Filó conta que: “[...] ele [Zé Alves] perguntou se eu tinha redigido aquela carta. Disse que sim, ele insistiu: mas é do seu punho? E não havia de ser? perguntei. Ele aí arrematou que estava contente de saber que eu era letrado” (Ribeiro, 2007, p. 249). Ademais, o protagonista expõe que a sua instrução foi iniciada em Cagaitas, com as conversas de seu Lé e as aulas de dona Realina. Quando esteve preso, lia os livros que eram emprestados com má vontade por Romão e declara ter firmado e afiado sua leitura, pegando o vício de ler. Significa dizer, portanto, que esta escrita é memória de homem letrado. É esse personagem que desfila suas transformações, suas brutalidades, seus desejos e gozos.

4.1 Vários “eus” - uma só brutalidade

É assim como o que fala um pouco da verdade e inventa outras partes que o narrador de *O Mulo* se constitui e agencia sua confissão. “Esse escrito de meu punho e letra” é a expressão que precede a primeira parte do livro. De início, uma voz narrativa declara que o texto trata de sua confissão e de seu testamento. Antes mesmo de se apresentar como Philogônio de Castro Maya, o narrador alega que, por estar doente e não confiar a declaração de suas transgressões e violações ao padre Severo, seu conhecido, vigário de Luiziana, decidiu escrever a confissão e o testamento, permanecendo em sua propriedade. Certamente, a escolha pela ausência física do padre confere ao Mulo, como já dito, não só uma liberdade para dizer o que pensa e sente, mas também uma autonomia para se valer do tempo dedicado à rememoração, reafirmando assim sua própria existência.

Procedendo desse modo, o narrador-personagem (re)encontra outras versões de si, questiona o seu lugar nas relações estabelecidas com as pessoas que cruzaram o seu caminho e confere autenticidade às suas reminiscências, principalmente acerca de quem foi, de quem é e da imagem que lhe será atribuída após a sua morte. Também, fica nítido que, ao realizar a tarefa de registrar sua confissão, o narrador demonstra o quanto exagera, e detalha:

Dei de gostar demais desta ocupação preguiçosa de ficar aqui sentado, retomando as pontas de minhas recordações, desenrolando uma a uma, em confissão. Exagero, reconheço, mas quero que ela seja ouvida (ouvida, não, é impossível, mas lida e meditada). Tanto mais porque não estarei vivo para ouvir de sua boca a penitência que me esforçaria por cumprir. Só posso confiar em Deus que, ao contrário dos homens, leva em conta as intenções, tanto como os atos. Que maiores demonstrações alguém já deu da intenção de se confessar para ser perdoado? Temo é que o senhor esteja aí maliciando que isso é mais um recordatório saudoso de meus idos vividos do que propriamente uma confissão. Assim é e eu gosto (Ribeiro, 2007, p. 77-78).

Em *O Mulo*, por meio da forma como é contada a história, pode-se observar que entre o passado e o presente estão a concretização e a legitimação de que em cada momento o narrador recebe um nome. Independentemente de como é chamado, o narrador expõe-se ao padre que lerá a sua história. O coronel Castro Maya confessa a brutalidade que pratica e praticou para com os outros ao seu redor, e relata a maioria do sofrimento vivenciado e provocado por ele nos diferentes lugares por onde passou. Na segunda parte da obra, “Escapando da mão morta do Lopinho”, percebe-se que a palavra ‘mão’ surge fazendo referência às mãos de Lopinho, que surravam o menino, mas também às mãos do menino “Trem”, que cravaram um prego na cabeça de seu agressor. O narrador relembra também que as suas mãos curavam bicheira de bezerro e pisadura de cavalo. Nesse contexto, em que as mãos podem servir para realizar o bem e o mal,

o menino que vivia sob o mando se aproveitou de um momento em que Lopinho estava passando mal para matá-lo e extinguir as chances de ser agredido novamente.

Assim, a vítima transformou-se em algoz e o antes algoz tornou-se vítima da fúria do menino. Posteriormente, “Trem” se retira do local, realizando novas ações boas e ruins, por exemplo, quando ele contou o seguinte:

Eu espiava de longe, de olho no patrão, sem deixar de ver também dona Silviana que nunca me viu. Para ela eu era uma espécie de pau daqueles que a queimada deixava de pé no descampado. Um pau falante, andante, com mãos para pôr o filho na garupa do pai, a menina menorzinha na frente do silhão dela e até, muitas vezes, quando iam todos, para levar a menina do meio, sentadinha numa almofada em cima do sant’ antônio (*sic.*) de minha sela. Cuidava muito bem da criaturinha, até demais, com alguma malineza que confesso [...] (Ribeiro, 2007, p. 71).

Depois deste malfeito [ter cortado o órgão genital de um cachorro, que estava unido a uma cadela no cio] não encontrei sossego para viver nas Cagaitas. Fiquei uns tempos mais, para gozar o êxito de ter curado um inchaço que um rodoleiro deu no pau de um touro de valor e que quase o perdeu. Seu Duxo gostou demais, falou até de me empregar, com paga (Ribeiro, 2007, p. 74).

Anteriormente, ao cometer o ato violento, o menino decidiu fugir para não ter que assumir o assassinato, e esse movimento contribui para que se pense também nos pés. A força proveniente dos membros do corpo, mãos e pés, evidencia o movimento humano. No caso em análise, o empenho ocorreu tanto em utilizar o prego como arma quanto por meio da ação de se deslocar de um lugar a outro. Na história narrada por “Trem”, Terezo, Terêncio, Philogônio (seu Filó), Mulo e Philogônio de Castro Maya (coronel Castro Maya), a ocorrência de uma situação em que ele está ou se sente em desvantagem o impulsiona a sair, fugir, caminhar para um outro local. E nesse caminho ele se transforma em outro; isso o faz como um personagem sempre em saída, a caminho, à procura.

Ao selecionar as cinco partidas principais do protagonista, verifica-se que, na primeira, quando era uma criança, o menino órfão de mãe, sob o mando do Lopinho, não possuía um nome próprio, era chamado de “Trem”, assassina Lopinho, foge do Lajedo e chega em Cagaitas. Na segunda, recebe de seu Duxo o nome de Terezo Bogéa, começa a servi-lo, corta o órgão genital de um cachorro e cuida de um gado que estava com um inchaço nos testículos. Por não receber um valor fixo pelo seu trabalho, decide sair das Cagaitas e chega em Grãomogol. Na terceira, é preso sem motivo, passa a viver na cadeia, naquele espaço, em Grãomogol⁸, o moço Terêncio começou a ser chamado de piolho de meganha, é aconselhado pelo cabo Vito a alistar-

⁸ No romance, o nome da cidade de Grão Mogol, antigo distrito de Montes Claros, está grafado como palavra única.

se no exército. Parte de Grãomogol para Montes Claros, recebe do cabo Vito o nome Terêncio Bogéa, passa por Belo Horizonte e vai para São João del Rey⁹. Na quarta, servindo no exército, almeja subir de patente, mas descobre que um major era o terror dos cabos porque gostava de manter relações sexuais com eles.

Depois de ter sido abusado pelo major, fica detido por alguns dias por não aceitar se encontrar com ele novamente, decide desertar, assassina o Baiano, dono de um armário, pega o dinheiro que estava no local e sai de São João del Rey, passa por Belo Horizonte, vai para Paracatu e chega em Goiás. Na quinta partida, lembra-se do nome de um amigo do exército, o soldado Fi, que se chamava Philogônio, e quando um homem lhe perguntou o seu nome, ele disse Philogônio. Assim, ele se torna o muleiro e tropeiro (“Philogônio”) das Águas Claras, também chamado de “Mulo”, e se casa com siá Mia. Depois recebe de Expedito Catalão o nome e o título de coronel Philogônio de Castro Maya. Nesta última persona parecem estar reunidas todas as outras, e todos os outros nomes do narrador. Siá Mia morre e Philogônio parte novamente; dessa vez retorna ao Lajedo e refaz todo o caminho que trilhou quando era criança. No entanto, sobre esse retorno para reencontrar com as pessoas de seu passado, Philogônio diz: “[...] Achei os lugares sem ninguém, nem lembranças deles ficou. Se eu não estivesse aqui para dizer que existiram, teriam sumido de todo (Ribeiro, 2007, p. 298).

Enquanto relembra seu passado, Philogônio conta ao padre que passa mal, discorre sobre os pesadelos que teve e tem. Nos sonhos atuais, geralmente algo ou alguém quer tirar a vida dele. Diante dessas lembranças sonhadas e da dificuldade de respirar, ele confessa ao padre que tem medo de morrer. Associando a idade que tem, 50 anos, à doença em seus pulmões, o Mulo se autodeclara velho e debilitado: “[...] O pior da velhice é essa entrega. Sou um homem rendido, chorão, implorando impossíveis” (Ribeiro, 2007, p. 314). Por ter convivido nas Cagaitas com velho o Íssimo que perdeu a sanidade, o narrador repensa acerca de envelhecer, temendo perder alguns dos cinco sentidos, como a visão e a audição, mas afirma que mesmo assim prefere continuar vivo. Citando o nome do personagem Íssimo, o narrador explicita a probabilidade de, caso perca a sanidade, se tornar um “desmemoriado”.

O narrador declara: “[...] Agora, na véspera do outro passo, o derradeiro, meu destino vai melhorar ou piorar? Tenho medo. Quem não teria? Até hoje tive nas mãos a minha rédea. Amanhã, vou cair nas mãos de Deus. [...]” (Ribeiro, 2007, p. 239). A partir daí, infere-se que esquecer representa, para o coronel dos Laranjos, perder o controle sobre a sua própria vida, principalmente após ter conseguido permanecer vivo. Sendo muleiro, tropeiro e herdeiro de sua

⁹ Em São João del Rei, município mencionado na obra, a palavra rei está escrita com a letra y.

falecida esposa, Philogônio recalculou a sua rota e conseguiu alcançar o *status* de rico. Ao lembrar todo seu percurso, o narrador demonstra ser um sujeito que quer comandar o ritmo de seu próprio destino. Se o pudesse fazer, alongaria seu tempo de vida. Certamente, a vontade de ter também o controle sobre o seu fôlego de vida, em certos momentos, inibe a sua consciência para aceitar que, como todos os seres vivos, deixará de existir. Nessa perspectiva, parece que Philogônio rejeita conscientizar-se de que há tempo para tudo, porque a morte que deveria ser compreendida como algo natural e comum a todos, ao menos no contexto dele, fica subentendido que ela deveria ser uma exceção.

Em outras palavras, Philogônio não aceita a noção de finitude e, por isso, escreve. No romance, em alguns momentos, Deus passa a ser o interlocutor do narrador e é questionado acerca da efetividade da vida dada às pessoas e da oportunidade conferida a elas de trabalharem, edificarem e conquistarem bens para, então, morrerem. O narrador-personagem também demonstra sua indignação diante do fato de as pessoas serem julgadas por Deus a partir dos atos que realizaram em vida. Sem dúvida, pode-se dizer que a concepção desse sujeito o faz rejeitar a ideia de vida após a morte e, mais, inviabilizar a noção de Paraíso e de vida harmônica implícita nessa noção cristã:

Por duas coisas, principalmente, mereço perdão do Senhor meu Deus. Por minha mãe que nunca tive e por este peito podre e ressecado de enfisema. No mais, feitas as contas, sei que estou em débito. Mas esses dois créditos eu cobro; órfão e sem alento. Assim nasci, assim estou morrendo. Isso dá direito a perdões, satisfações. Quis pensar, seu padre, que esse sofrimento agônico da falta de ar seja merecido. Seria uma purgação. Se for, estou quites com Deus: é um a um. Fiz meus danos, arranhei o mundo d'Ele, gastei muita gente. Esta minha culpa, o preço dela me foi dado e eu paguei. Mereço, então, o Paraíso. Só que lá não quero ir. Se o Céu é este falado Paraíso de anjos alados cantando a Glória insaciável de Deus e dos Santos, lá não vou. O que eu queria mesmo, meu Deus, é um peito bom, um novo alento pra gastar no tempo que me resta. [...] O que queria, além do peito novo, era sentir outra vez que tenho hombría e retidão, tanto na tesão como no gozo de impor minha vontade, por bem ou por mal, sobre outros homens, numa luta leal. [...] A verdade nua e crua é que meu coração o que pede a Deus são essas coisas, e não salvação eternas. Um peito bom, um mando duro pra me exercer uns anos mais, nesse mundo dos homens (Ribeiro, 2007, p. 41-42).

Dessa maneira, se vê que Philogônio não quer deixar de ser o que sempre foi: um homem voltado para o prazer, a ganância e o poder. Ele deseja continuar impondo a sua vontade, abusando, barganhando e mandando, principalmente, em “seus pretos”. E a partir de suas reflexões, afirma que prefere a vida terrena à celestial. Esse ponto de vista evidencia o quanto sua confissão não é verdadeira, uma vez que não acredita que tenha cometido pecados, ou se os cometeu já pagou por eles. De posse da palavra escrita, o narrador junta lembranças assim como juntou bens materiais. Exemplificativamente, quando saiu das Cagaitas, mesmo tendo ganhado

um burro de Romildo, uma cangalha usada e o valor de cinco mil réis, sem conseguir provar a procedência desses bens, foi preso e surrado: “[...] Depois de mais pescoções, veio a palmatória para me fazer contar onde escondi uns cavalos roubados; de quem tinha furtado os cinco mil-réis; onde estaria Zé Parido, o meu chefe, um bandido procurado” (Ribeiro, 2007, p. 87). Apesar de o Mulo considerar a ausência de alento e a doença como purgações merecidas, ele compõe a sua confissão com declarações que constantemente reiteram o seu desejo de viver, independentemente das circunstâncias:

[...] Até pobreza aceitaria, penso, se houvesse com quem negociar. Só não negociaria, acho, a salvação da minha alma, o repouso eterno. Não negociava, não? Com certeza? Olha que negociava. Ao menos falar com o diabo, aceito falar. Conversava, via as condições dele. Por mais cinquenta anos de vida, talvez não. Seria trocar esse tempinho à toa pela eternidade toda de sofrimento. Mas, mesmo por esses parcos cinquenta anos, se fosse com saúde e algum dinheiro e mando, acho que negociava. Veja o senhor, seu padre, se isto é confissão. Estou confuso. Em vez de confessar fico aqui malinando. Talvez seja útil para você ver com quem está lidando, a quem é que vai perdoar, se é que vai me perdoar. Pode um padre não perdoar? Acho que não! Se fosse assim, eu estaria aqui falsificando minha confissão. Procurando ganhar sua boa vontade. Comover. Descrevendo-me a mim como eu não sou, mas devia ser. Sendo assim a confissão não teria valor. Ela vale, precisamente, porque é de graça. Sem condições, livre, sem troca. Deus não é de treitas (Ribeiro, 2007, p. 115).

‘Deus não é de treitas’, porém Philogônio sim, pois, para ele, o que importa é tentar escapar da morte. Essa declaração do narrador de *O Mulo* dá indícios de que, se fosse preciso negociar a sua alma com o diabo para viver mais, aceitaria a barganha. No entanto, em outra parte do enredo ele alega que “[...] Queria era ter valia entre os homens, eu que nasci na merda. Nisto vim, forçado, com Deus me cutucando, o Diabo me esporeando. Assim vim, num trote aflito. Quase sempre contente” (Ribeiro, 2007, p. 253). Assim, em sua natureza complexa, com os estímulos recebidos de Deus e do diabo, Philogônio é constituído do bem e do mal. Verifica-se que ele, embora esteja encenando seu pedido de perdão a um padre, não sabe exatamente se a confissão chegará ao religioso. Nessa dúvida, seu Filó usa a possibilidade de negociação da sua alma como uma estratégia para chamar a atenção do padre à agonia que está sentindo. Ressalta-se que essa angústia sentida nem tanto se dá por causa da espera pela morte, mas em grande parte manifesta-se pela ausência de mais tempo para viver.

Em uma passagem da quarta parte do romance, o narrador declara ao padre que naquele dia não saía de sua cabeça algo impossível — reunir, em volta da mesa da sala do meio, todos os outros eus que ele foi. Diante da impossibilidade de materializar as versões que corresponderam aos eus da infância, da adolescência e da idade adulta, Philogônio, persona da velhice, se lembra das suas outras versões e declara: “Se eles se juntassem, podendo conversar

uns com os outros, decerto nem se reconheceriam. [...] Só eu olharia reconhecendo neles meus passados. Só para mim, dentro de mim, eles ficaram, como lembranças viventes. [...]" (Ribeiro, 2007, p. 139).

Constantemente, Philogônio se lança ao jogo de interesses, tentando incessantemente ludibriar o seu leitor para, no final, mostrar a certeza de que sempre alcança um resultado vantajoso para si: "No curso da vida quase sempre fui capaz de tirar o corpo, jeitoso, quando via que o inimigo tinha poder. Ou de impor autoridade, quando era a minha vez de mandar. Sempre consegui sair em frente e para cima, às vezes matando" (Ribeiro, 2007, p. 105). A partir das declarações nas quais o narrador se apresenta e demonstra seu movimento de adaptação às intempéries e sua forma de reação em diferentes situações, elaborou-se uma representação gráfica para tentar demonstrar o percurso do narrador, aqui apresentada na Figura 4.

Figura 4 - Representação do movimento traçado pelo narrador



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos de *O Mulo* (2023).

No plano superior, na cor marrom, a sequência de setas indica as nove partes do romance, nas quais as fases difíceis são relatadas e superadas (passado), prevalecendo a ideia de ascensão. Em contrapartida, as outras nove setas, na cor preta, correspondem à descida da escada (presente), ao declínio do homem que conseguiu ter a posse de terras em Águas Claras, perder o Vão (mata virgem desmatada por ele e apossada pelos paulistas); vender o Brejo dos Alves (propriedade que herdou de seu casamento com siá Mia) e arrematar em leilão a fazenda dos Laranjos. Ainda que no enredo estejam expostos os altos e baixos de Philogônio, vê-se que ele não acredita no fim de sua existência. Em outra passagem da obra, há uma cena em que o narrador está olhando com atenção para um retrato em que se vê andando a cavalo, numa época da sua vida na qual ele caracteriza como o tempo da força de homem. Analisando esse momento, o eu do presente supõe o que diria o eu do passado:

Isto é o que vejo e vi nesta fotografia minha montado a cavalo. Suficiente. De lá pra cá venho é caindo do cavalo, me desfazendo, me amargando. Por esse caminho, derramado, cheguei afinal a mim, ao que sou. Nem ter sido tanto me consola de estar resumido a mim. Aquele eu que fui, ontem, irrecuperável, olharia, hoje, sem pena nem dó para isto que eu cheguei a ser e sou agora. Talvez até perguntasse: como é que um homem se deixa ir corrompendo e se acabando assim, enquanto cuida que vive? Por que mil noites desesperadas; por que mil dias desgraçados terá esse infeliz passado para se acabar tão friamente? Eu só poderia dizer: preste atenção, rapaz, se reconheça nessa velhice prematura. Eu sou você. Esse homem que aqui está com o pé na cova é você mesmo. Completamente, Você sou eu (Ribeiro, 2007, p. 36).

Neste ângulo, pode-se reafirmar que a honra do coronel Castro Maya, por ter vencido na vida, está sendo invalidada pela impossibilidade de trocar os bens obtidos por uma existência terrena e infinita. Quando o Mulo identifica a diferença essencial entre matar e morrer, ou seja, continuar existindo e deixar de existir, vê-se a exposição da inexorabilidade da existência: “Matar é ato simples. Morrer é passo dificultoso. O preparo para morrer morte morrida exige coragem, paciência, que eu nem suspeitava. [...]” (Ribeiro, 2007, p. 14). Pelo que se observa, pode-se constatar que, em *O Mulo*, a tarefa de registrar a memória surge em resposta à doença degenerativa e à percepção que o narrador da obra tem de si; Philogônio utiliza a expressão “velhice prematura” para caracterizar a fase em que se encontra. Posto isso, pode-se inferir que esse sujeito, ao se apropriar da escrita confessional, tem o intuito de reafirmar a sua própria existência e seu desejo de obter uma espécie de eternidade terrena. Essa intenção se realiza tanto pela escolha do interlocutor quanto pela opção por uma narrativa confessional.

Coelho (1997), ao analisar o romance em questão, identificou que o protagonista de *O Mulo*, ao escrever, reconstitui uma fase de brutalidade e violência que ocorreu em relação a ele e às pessoas ao seu redor. Ela observou que, nesse processo de reconstituição do passado, Philogônio busca sua identidade em tempos e espaços variados. Quando era empregado, vivia dominado e rebaixado, como se causasse repulsa nos outros. Já na posição de patrão, impõe a lei da marra, procurando sempre alguém a quem possa rebaixar.

[...] Embora Philogônio, no presente, se encontre na situação de mando, por sua trajetória, contribui para o enfoque das camadas populares mais sofridas, acenando para a realidade brasileira: filhos enjeitados, mulheres violentadas, indivíduos sem identidades, matança de famílias inteiras; a luta corporal pela posse da terra, injustiças cometidas no espaço da prisão, e as perversões sexuais. [...] Por meio do protagonista, o escritor imprime também outra intencionalidade ao discurso do personagem, denunciando, dessa forma, a brutalidade, a visão estereotipada que impregna o social. [...] (Coelho, 1997, p. 23-24).

A escolha de realizar uma confissão por escrito, mesmo endereçada a um padre, demonstra que a ação do sujeito narrador não está pautada na ideia de arrependimento, uma vez que, ao não confessar diretamente com o ministro religioso, nenhuma penitência teria que

cumprir, a não ser aquelas que ele pensa já ter cumprido em vida. Entretanto, Philogônio estabelece uma interlocução com o padre, confessa os assassinatos que cometeu, citando os personagens Lopinho, Baiano, Dominguin e Medrado. Afirma a sua participação nas mortes de outras personagens (Amaral, Ludovico, Godo, Expedito Catalão e Solidônio), discorre sobre cenas de relações sexuais que presenciou na infância, na adolescência e na vida adulta. Conta as suas próprias experiências do passado e do presente com o sexo, descrevendo, principalmente, as mulheres que, na maioria das vezes, foram abusadas por ele, forçadas ao ato sexual.

Desse modo, o narrador parece confessar suas brutalidades como pecados, no entanto, evidencia, também, seus modos de adquirir patrimônio e poder. Fazendo isso, Philogônio comprova a sua existência e sinaliza a sua segunda intenção — ser lembrado depois de sua morte, tornando-se eterno por intermédio da confissão escrita de suas brutalidades:

Meu amigo único agora é o senhor mesmo, seu padre, meu confessor. Para gozar de seu convívio é que escrevo tanto. Será também porque escrevendo aqui, de certo modo, faço de conta que inda sou homem vivente, pensando até que sou influente. Reencarno, ao menos diante de mim e do senhor, que vai me ler, os eus que fui. Escrevendo, existirei também, talvez, depois de mim, recordado, referido pelo senhor, meu padre confessor. Se ninguém souber de mim, amanhã, é como se eu não tivesse existido.

Nossa relação é de troca, seu padre. Quem ganha dá, o senhor e eu, irmãmente. Esses Laranjos, caídos nas mãos do governo por falta de herdeiro, se acabariam logo, o gado roubado, as cercas caídas, as benfeitorias furtadas, os vizinhos invadindo pelas quatro bandas. Vi muita fazenda finar com o dono, se acabar. Preciso do senhor, seu padre, meu confessor, para ser o herdeiro e cuidador zeloso do que é meu e nosso. Preciso também, descobri agora, como testemunha de que eu vivi. E, principalmente, para continuar vivendo como o doador lembrado e provado que legitimará a sua posse. O senhor será, nos amanhã de minha ausência, a prova viva de que eu existi. Serei o fundador de que existência de homem prestante, de coronel dos Laranjos [...] (Ribeiro, 2007, p. 110-111).

A troca dos bens descritos no testamento pela absolvição dos supostos pecados faz parte do plano de Philogônio para tentar assegurar que o padre interceda por ele e não se esqueça de sua existência. Todavia, durante a interlocução estabelecida no enredo, o narrador revela ao padre que foge de pensar em alguns problemas, como o fato de que, sem saber o nome completo do sacerdote, não será possível preencher os papéis do testamento que o tabelião Tião dos Anjos preparou e o entregou. Além disso, externava a preocupação de que Militão não conseguisse cumprir a tarefa de achar um sacerdote para realizar o seu último desejo. Após a morte de Militão, surge um novo problema e Philogônio questiona: “Quem pegará meus papéis de confissão e sairá, depois de minha morte, em busca do senhor, seu padre? Calango? Não conto com ninguém como contava com Militão. Com ninguém” (Ribeiro, 2007, p. 382).

A esse respeito, o narrador pensa sobre como vingar o assassinato de Militão:

Que é que vamos fazer, seu padre? Mandar matar Chiquinho já mandei. Isso só não resolve. O senhor há de concordar que nós não podíamos fazer outra coisa. Deus foi servido de que eu esteja vivo para acabar com aquela cobra do Chiquinho. Esta foi a ordem que dei incontinenti, a Antão: saia daqui hoje mesmo e não me volte cá sem ter acabado com aquele peste. Que é mais podíamos fazer?

Não me venha o senhor com bestagens de pecado. Nem Deus havia de querer de mim que eu não vingasse Militão. Quem é que eu ponho no lugar dele, seu padre? Ninguém. Militão não tem substituto. Estou é fodido. E o senhor também, comigo. Estamos fodidos (Ribeiro, 2007, p. 382-383).

O sentimento de identificação do Mulo com o seu compadre Militão, de certa forma, soa como empatia, mas resvala na falta. Reitera-se aqui a ideia do caracol, interpretada por Coelho (2017), e acrescenta-se que o casco duro revela a proteção para o corpo mole de Philogônio que está sendo exposto no processo confessional. Ao mesmo tempo, a brutalidade se afia pelo ato de expressar, na confissão, o que ele sente e pensa. Esse narrador-escrevedor, entretanto, não consegue lidar com “o pano curto que o envolve”; seu próprio discurso faz com que ora “os pés fiquem descobertos, ora a cabeça”. Nessa analogia, as mãos não ficam cobertas, pois estão segurando a pena que toca o papel.

[...] Reunindo aqui os tantos eus que fui, junto com as outras gentes com que topei na vida, pude me repensar, me encontrar. Aqui perdi a inocência do meu viver impensado. Hoje sou um homem curtido de me pensar. Lavado de bobagens. Limpo de ilusões. Isso acho eu, o senhor o que acha? (Ribeiro, 2007, p. 359).

No romance, a memória imprime suas marcas no papel, e as palavras ressurgem diante do enunciador. Pode-se afirmar que o ato de escrever expõe Philogônio, colocando-o à mostra em monólogo constante consigo mesmo. Nesse diálogo interior, ele não apenas formula perguntas, mas também procura por respostas, experienciando assim um estado reflexivo. Ao revelar seu estado psicológico, o narrador não se limita à confissão, tampouco ao testamento; ele se expande em polivalência, confessando, listando seus bens e compondo uma história que entrelaça presente e passado. No desejo pela vida e aversão à morte, a escrita surge como uma estratégia para tentar vencer o jogo. Conforme mencionado anteriormente, a vantagem do Mulo, segundo sua própria lógica, está em viver como o coronel dos Laranjos ou morrer, sendo eternizado por quem receberá sua herança e testemunhará sua história.

Espelhando-se e identificando-se, Philogônio segue problematizando a temática da idade e da sanidade, quase sobrepondo-as aos abusos e à violência sofridos e cometidos. Antes de relatar sobre a morte de Militão, o narrador estava contando ao padre sobre o estado de Calu:

Seu padre, Calu endoidou, está maluca. Veja o senhor, eu aqui sozinho, doente, com essa negra doida dentro de casa. Que faço? Está doidinha. Até agora mansa, por quanto tempo?

Vi que endoidou quando Calu, tão respeitosa sempre, saiu do sério e me faltou o respeito. Sem mais nem menos, parou ali na minha frente e me olhando nos olhos se abriu em risadas debochadas. Aquela boca banguela, rindo e se rindo de mim no seu riso guinchado, me deixou nervoso.

Isso não foi nada. Ela mesma parou de rir e correu pra dentro, pra cozinha. Eu recomencei a tomar café, meio assustado, quando ela voltou. Aí, com a cara mais séria, Calu se colocou outra vez no mesmo lugar, bem ali na minha frente e sem dizer nada, diante da mesa em que eu tomava café, tirou a roupa toda. Ficou pelada.

Eu, estatelado, olhava aquele tição frio, negro, encarquilhado, seco, triste, ali na minha frente. Magra demais, o que eu via mesmo era um esqueleto mal empelicado de couro pretíssimo, encarquilhado.

Doida, a velha Calu! Começou de repente; teve juízo bastante pra coar o café, pôr a mesa, tudo direitinho, com o beiju quente como gosto e, ao lado, o pires de nata de ontem. Aí, endoideceu de estalo, na minha frente, sem palavra. Quando saí do assombro, nem passei pito, só disse: calma, siá Calu, vai lá pra dentro. Ela foi. Apanhou do chão as roupas espalhadas e saiu com elas na mão, pelada, lá pra cozinha, no seu andar de urubu (Ribeiro, 2007, p. 370-371).

Assim como uma rocha esfarelada, encontrava-se seu Filó, alheio à percepção de que o riso de Calu talvez fosse um sinal de que o seu poder de mando estava perdendo a força, mas como vítima, no ápice desse devaneio em que papéis hierárquicos seriam invertidos, interpreta-se que a memória de Calu volta ao trauma dos abusos sexuais sofridos e oferece o corpo ao senhor dos Laranjos. Há, ainda, uma desumanização de Calu: “[...] Mas essa negra não é nada. É só minha empregada. Nem isto, é criada. / O que é que ela é? É a mulher de Bilé. [...] A única negrinha que destapei. / Descabaçada, ficou mansa, derreada [...]” (Ribeiro, 2007, p. 313-314). O corpo de Camila, chamada de Calu, anteriormente cobiçado e violado por Philogônio como demonstração de sua virilidade, bruteza e força, é agora desprezado por refletir a condição semelhante à qual o protagonista se encontra. Em um cenário de dualidade, entre céu ou inferno, delineado sempre em linhas verticais, revela-se o modo sistêmico de Philogônio agir, proposto pelo egoísmo e machismo expressos no relato em questão.

Nesse raciocínio, o coronel dos Laranjos se torna desafiado dentro do sistema criado por ele mesmo. Percebe-se que seu nervosismo se intensifica diante da suspeita repentina de que, abaixo de Deus, aqueles que ele considera inferiores pudessem exercer domínio ou ser superiores a ele. Em outra passagem anterior a essa, seu Filó relatava sobre a oportunidade que teve de provar sua virilidade diante de um corpo novo, o de Maria Rosa, na fazenda e, especialmente, dentro da capela. No início do ato preliminar ao sexo, o narrador não conseguiu manter a ereção diante da mulher nova: “Aí foi tomando conta de mim [...] uma vontade de acabar com aquilo, de pôr fim naquele suplício, de sair dali, de sumir. Veio então [...] um acesso de tosse convulsa, que me sacolejou todo” (Ribeiro, 2007, p. 368-369). Para quem teve um

passado sexual quase que glorioso, o presente desonroso indica a descida da escada para Philogônio, ou seja, o retorno ao degrau inicial ou antes, à situação desfavorável semelhante àquela de quando morava com Lopinho no Lajedo, ou ainda, ao pó da terra.

Desta vez, no entanto, não é para tomar posse dela, mas para ser apossado por ela. Quando seu Filó estiver morto no plano terreno, terá que enfrentar os desígnios do plano celestial. Esse é o tema que também desperta o medo no narrador, o temor da morte corresponde ao seu desempoderamento, justificado por ter que enfrentar o desconhecido após a morte, ou seja, o Anjo julgador que lhe pedirá contas.

Cuidado, seu padre, cuidado. Estou é querendo engabelar. Não só ao senhor, mas a mim também, com ilusões, figurações. Não chego a falsificar os fatos falando de uma vida que podia ter sido a minha, mas não foi. Não tanto. Mas ando sem coragem de enfrentar a vida que foi, verdadeiramente, com os olhos lavados para ver as coisas na dureza dos coloridos e dos negros delas.

Sempre fui circunspecto, mais fechado que falante. Sou calado. Era. Hoje, sou um homem indiscreto por artes dessa confissão. Mudei de atitude, jamais cuidei que pudesse me descobrir diante de ninguém como me exibio aqui por escrito diante do senhor. Minha antiga discrição era para esconder e disfarçar meu ser verdadeiro. Minha indiscrição de hoje é para me enfeitar, arredondando os casos pela vaidade de querer parecer melhor do que sou.

O grave é que não faço estas figurações para salvar minha alma, tornando essa confissão mais autêntica e merecedora de perdão. Faço isto é movido pelo vão desejo de deixar de mim um retrato forte. Admirável. Quero ser querido, louvado, admirado. Ainda que para isso degrade e deturpe minha santa confissão (Ribeiro, 2007, p. 279).

Percebe-se que Philogônio é um sujeito de múltiplos sentimentos, sobrepondo-se sua brutalidade e sua intenção de querer sempre levar vantagem, contudo ele demonstra certo apreço por algumas pessoas. Pode-se medir esse apreço pelo modo como estão distribuídas as 365 missas encomendadas ao padre que receberá seu testamento. Ele assim encomenda 14 delas: duas pelo capitãozinho Agapito Castro Maia, uma pelo Galvão, duas para as almas penadas dos defuntos andantes que cumprem o destino de serem assombrações. Seis para as almas das pessoas com as quais ele teve algum problema, uma pela alma da Emilinha, e duas pela alma de Militão. Além disso, o Mulo admitiu que sentiu algo por siá Mia: “Depois do casamento, pegamos afeto. Cheguei a gostar dela, seu padre. Ela também de mim, creio. Quando morreu, sofri. [...]” (Ribeiro, 2007, p. 157).

4.2 O narrador em diversas peles

Aquele sujeito bruto mostrado na seção anterior, ao falar de si, compara sua existência à de uma cobra, com suas trocas de couro ocorridas de tempos em tempos, associa uma versão sua a diferentes animais, se indaga, e refere-se a animais que geram nas pessoas os sentimentos de repulsa ou de medo, conforme se vê:

Aqueles couros da minha alma, se não eram visíveis para quem me via, de algum modo se mostravam. Ninguém comigo se equivocava. **Quem é que dava qualquer atenção ao rato menino remelento de Lajedo que furou Lopinho?**

Quem via o servo rapazinho-mocó do carro de boi, lá das Cagaitas, **tão ressentido que capou aquele perdigueiro?**

O gambá fétido carregador de bosta lá da cadeia do Grãomogol era também, pra todo mundo, um serzinho reles.

O soldado porco-espinho melhorou um pouco. Mas chegou a cabo tão ofendido de ser arrombado **que virou cobra e fugiu com a alma daquele Baiano.**

Vestido de cascavel, chocalhando, descascando escamas, o muleiro infundia respeito.

Tinha a figura que queria de bandido perigoso, Matador. Mas quem olhasse bem ou escutasse a boca do povo saberia que atrás daquela empáfia estava só o mulo, chefe do mocambo do Roxo Verde. Nada mais.

No ofício de tropeiro endureci e amoleci meu couro devagar, curtindo o pelame de burro. Assim ganhei famas maiores, de homem de coragem e tino, abridor de fazendas. Meu prestígio caiu para uns poucos e subiu pra muitos mais quando surgi na figura **de caçador de dote. Casado, empeliquei no papel de herdeiro.**

Nada deu certo. Perdi o Vão e o Brejo. Tudo que quis mixou. Então, **dos restos me fiz jacaré Coronelão.**

Agora, aqui, **me adoço com a boca balbuciando pecados de que não me arrependo.**

O coração cheio de ressentimentos. **Que bicho sou?** Rico de uma riqueza que não sei como gozar. Poderoso de um prestígio grande estragado pela fama ruim de ranzinza e machucador. Ainda é isso que sou: o jacaré velho, expulso do Brejo (Ribeiro, 2007, p. 140-141, grifos nossos).

Um aspecto significativo está relacionado à sua percepção sobre o último couro, o de jacaré velho. Identifica-se certa coincidência entre a idade de Philogônio e o tempo de vida do réptil — um jacaré pode viver cerca de 50 anos e essa é a mesma idade do narrador. Nesse contexto, as dificuldades enfrentadas em diferentes espaços demandaram que o Mulo assumisse um couro diferente para a sua defesa ou para os ataques que proferia contra os mais diferentes inimigos. Pode-se verificar, por suas confissões, que ele desenvolveu o seu próprio sistema de enxergar o mundo e nele agir, especificamente com regras próprias e pouco convencionais.

Durante essa lembrança, apenas o eu do presente é capaz de reconhecer os eus do passado, associando suas transformações à troca de couros, como visto no texto citado. Nesse processo de metamorfose, nota-se uma mudança expressiva representada pela transição iniciada em couro de rato, passando por outros, até adquirir o couro final, de jacaré. Considerando isso, observa-se uma certa relação entre a história de Philogônio e as reflexões feitas por Ciampa

(1983). O pesquisador analisou as exposições de um sujeito ficcional, chamado de Severino, e de uma mulher real, a quem ele denominou Severina. Em linhas gerais, ambos têm suas identidades moldadas por desejos. Severino, em “Morte e Vida Severina”, poema de João Cabral de Melo Neto, deseja encontrar vida, contextualizando sua existência e explicitando sua relação com os outros.

Já Severina, personagem da vida real, narra os episódios em que testemunhou sua mãe ser agredida e mutilada pelo pai a golpes de facão. Ela expõe as dificuldades que enfrentou e relata ter recebido ajuda de algumas pessoas para conseguir ser outra pessoa. Ciampa (1983) explicou que tanto o Severino quanto a Severina são tipos sociais, os quais confirmam que a identidade é equivalente à metamorfose, e a metamorfose corresponde à vida. Segundo o estudioso, o nome (mais do que um rótulo ou uma etiqueta) valida a identidade e confere um símbolo à pessoa; dessa maneira, a identidade é a representação de uma pessoa. Ainda, para esse autor:

[...]

Um nome nos identifica e nós com ele nos identificamos. Por isso dizemos “eu me chamo...”. Então, nós *nos chamamos*, mas isto só depois de uma certa idade, pois inicialmente apenas *somos chamados* por um nome que nos foi dado.

Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem. Até certa fase esta relação é transparente e muito efetiva; depois de algum tempo, torna-se menos direta e visível; torna-se mais seletiva, mais velada (e mais complicada).

[...]

O nome [...]: serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica nossa identidade. É o símbolo de nós mesmos.

[...]

[...]

[...] [Desse modo] o nome não é a identidade; é uma representação dela. Posso representá-la de outras formas, além de usar nomes próprios: este recém-nascido, o filho de Fulano, (*sic.*) etc. (Ciampa, 1983, p. 131-132).

Sob essa perspectiva, em *O Mulo*, em dois momentos, um na entrega dos papéis preparados pelo cabo Vito e outro no recebimento do título de eleitor trazido por Catalão, é proporcionado para o narrador a possibilidade de adquirir um nome, legitimado por meio de documentos, que conferem distintas representações das identidades do protagonista, como recruta e fazendeiro:

Em Montes Claros me apresentei ao sargento recrutador com os papéis que o cabo Vito preparou:

Nome: Terêncio Bogéa Filho.

Pai: Terêncio Bogéa.

Mãe: Tereza P. (nunca soube se aquele corno pôs este P de puta ou de outra coisa) Bogéa.

Nascido a 7 de setembro de 1920 em Grãomogol.

O recrutador me olhou, olhou o papel, tornou a me olhar, perguntou o que eu fazia em Grãomogol: piolho-de-meganha, meu sargento. O homem riu, virou a cara, escreveu e passada meia hora me deu a folha de recrutamento, escrita à máquina, carimbada. Lá repetia todos os dados do papel inventado pelo cabo [...] (Ribeiro, 2007, p. 122-123).

Catalão, meu futuro compadre, obsequioso, me elogiava com a boca cheia: fazia do senhor um velho, seu Filó. E aí está, moço, na força da idade, com esse nomão todo que tem. [...]

Foi conversa longa, de dias. No fim eu era do partido do governo, dutrista fanático, mas tinha tirado dele o que queria. Catalão pagou meu preço, sem nem saber o que era: me deu meu título de eleitor, que já veio assinado pelo juiz eleitoral, com meu nome próprio. **Philogônio é com agá, seu Filó? Maia, com i ou Maya com ipсилone, seu Filó? Os nomes de meu pai e de minha mãe, que nunca tive, devidamente combinados. Nascido no Estado de Minas Gerais, a 26 de outubro de 1922, fazendeiro de profissão. Passei a ser quem sou: Philogônio de Castro Maya, que assina Philogônio C. Maya, filho de Cipriano da Rocha Maya e de Roselina Afonso de Castro Maya.**

Além do meu título, Catalão me deu mais dezesseis pra meu povo. Só não peguei mais porque, de besta, não quis. Temeroso, dizia: veja lá, filho de Deus, sou homem sério, não brinco com coisas de governo. Militão, Juca e Nheco, os pretos mais esclarecidos que tenho aqui, não sabem nem assinar o nome. Essa negralhada toda é mais ignorante ainda. Vi, depois, que Militão lia e escrevia até bem; que Juca era bom na conta e que meus negros, Quinteiro, Deba, Pio, Paco-Paco, Ataíde e Neco desenhavam o nome. Tudo somado, os meus próprios eleitores e os da vizinhança, que Catalão alistou, naquelas lonjuras goianas, somavam uns trinta. [...] (Ribeiro, 2007, p. 180-181, grifo nosso).

Na cena em que o narrador entrega o documento ao recrutador do exército, os nomes inventados para ele, para seu suposto pai e o sobrenome ‘Bogéa’, acrescentado ao nome de sua mãe, surgem como informações novas para o leitor do romance. A data de nascimento, 7 de setembro de 1920, também atribui novos contornos ao enredo, pois o dia 7 de setembro corresponde à data em que se comemora o Dia da Independência do Brasil. Além disso, a data completa coincide com o marco de criação da Universidade do Brasil, atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro. No segundo documento, a data de 26 de outubro de 1922 e o estado de Minas Gerais coincidem com a data e o estado de nascimento de Darcy Ribeiro. Supõe-se que essas aproximações denotam tanto o pano de fundo universal quanto o nacional, evidenciados por traços que mostram a intervenção do colonizador (europeu) e os impactos do militarismo no Brasil.

Na oitava parte do livro, por exemplo, o narrador discorre acerca do contexto político e das disputas por terras, num cenário em que o dono da terra não é aquele que está no local, mas é aquele que tem um papel, uma comprovação documentada. Nessa parte do romance, a transição de Philogônio, que passou de quem servia no exército a fazendeiro, torna-se mais compreensível para o leitor, uma vez que a disputa pelo poder demandaria que ele alcançasse outro *status* social. Nessa direção, Philogônio avança, transformando-se de subalterno a mandatário, fruto de sua ascensão social. Mesmo não conseguindo ser o dono das terras do Vão,

ele adquire outros registros com o apoio do tabelião Tião dos Anjos. Esta última personagem é mencionada pelo narrador desde a primeira parte, e ao longo do enredo percebe-se a importância de Tião para legitimar suas posses. Ainda na oitava parte do romance, há uma passagem em que o Mulo diz: “[...] Uns queriam passar o mundo a limpo. Outros não” (Ribeiro, 2007, p. 318).

Para além da percepção de que essas peles do personagem e suas consequências aproximam a narrativa de uma memória também coletiva, histórica e nacional, pode-se aproximá-la, ainda, de um discurso proferido por Darcy Ribeiro, na ocasião em que recebeu o título de doutor *Honoris Causa*, concedido pela Universidade de Copenhague. No discurso, lê-se:

Confesso aqui, de coração na boca, que me comove demais esta cerimônia. A Universidade de Copenhague, uma das grandes universidades do lado de cima do mundo, me chama a mim, lá de baixo do Equador, para homenagear. É lindo. Muito obrigado.

Quem sou eu? — me pergunto. Quem sou eu que estou aqui? Que fiz eu de minha vida para merecer esta homenagem? Até gosto de me ser, tal qual sou, mas reconheço que meus méritos são escassos. Minhas mãos, inúteis para fazimentos, só servem para escrever e acariciar. [...].

De todas as coisas desse mundo tão variado, a única que me exalta, me afeta, me mobiliza, é o gênero humano. São as gentes. As índias gentes índias, com quem convivi intimamente tantos anos, os mais belos que vivi. As gentes nacionais, que me acolheram nos meus longos anos de exílio mundo afora. [...].

Mas meu tema, hoje, sou eu mesmo e devo versá-lo com o gosto que tenho e confesso de falar de mim. **Quem sou eu? Às vezes me comparo com as cobras, não por serpentário ou venenoso, mas tão só porque, eu e elas, mudamos de pele, de vez em quando. Usei muitas peles nessa minha vida já longa e é delas que vou falar hoje.**

A primeira de minhas peles que vale a pena ser recordada é a do filho da professora primária, Mestra Fininha, de uma cidadezinha do centro do Brasil. O menino que um dia roubou um pacote de um quilo de azul metileno e atirou, apavorado, no reservatório de água da cidade, para vê-lo azular. Me haviam dito que aquilo daria para colorir o Oceano Atlântico, a mim que nunca havia visto nem mar nenhum. Levei uma surra danada, mas não me corrigi. Continuo fazendo bobagens e desafiando esse mundo, só pelo gosto de vê-lo variar.

Outra saudosa pele minha foi a de etnólogo indigenista. Vestido nela, vivi 10 anos nas aldeias indígenas do Pantanal e da Amazônia. O fundo de meus olhos da memória é feito da visão que retive da beleza daquelas províncias do planeta, as mais belas. No Pantanal, vi uma vez uma lagoa grande cheia de aves — garças, colhereiros,inhaúmas, tuiuius — que assustadas por mim saíram voando. [...]. Na Amazônia, um dia, atravessando a mata espessa, deparei com uma clareira onde uma árvore havia caído, talvez uma década antes, e o sol penetrava, ajudando a floresta a refazer-se. Ali, no tronco caído, exposto e iluminado, estava bem quieta uma enorme onça negra. Lá ficou ela, um momento ou um século, olhando com seus olhos verdes aqueles bichos-gente [...].

Mas eram os povos índios que me interessavam supremamente naqueles anos. Demasiados anos, para simples pesquisa antropológica. Insuficientes anos para o meu gozo e minha curiosidade de entender aquela humanidade em flor [...]. A função verdadeira que os índios buscam em seus fazimentos é a beleza. É a perfeição que, impressa neles, exibe o caráter e a criatividade de quem os fez. [...].

[...] Creio que no convívio com os índios eu me refiz, o que aprendi com eles é talvez o que me singulariza entre os intelectuais de minha geração. [...].

Outra pele que encarnei e encarno ainda, com orgulho, é a de educador, função que exerço há quatro décadas: Essa, de fato, foi minha ocupação principal desde que deixei a etnologia de campo. [...] Não me dei mal. Acabei ministro da educação de meu País e fundador e primeiro reitor da Universidade de Brasília. [...].

Outra pele que ostentei e ostento ainda é a de político. Sempre fui em toda a minha vida adulta um cidadão ciente de mim mesmo como ser dotado de direitos e investido de deveres. Sobretudo o dever de intervir nesse mundo para melhorá-lo. Um intelectual dinamarquês pode legitimamente dedicar-se ao que bem quiser, indiferente à ordem social, porque a Dinamarca deu certo. [...] O Brasil não deu certo. Ainda não deu. Nossos intelectuais, por isso mesmo, são urgidos a tomar posição política. A miséria é grande demais para que possam ficar alheios.

[...]

Com a pele de político militante, fui duas vezes Ministro de Estado, mas me ocupei fundamentalmente foi na luta por reformas sociais, que ampliassem as bases da sociedade e da economia, a fim de criar uma prosperidade generalizável a toda população. Nesta luta me concentrei principalmente na defesa de uma Reforma Agrária, que democratizasse a propriedade da terra a fim de integrar milhões de lavradores na economia nacional, evitando que se vissem forçados a engrossar a massa de favelados das cidades. [...].

Fracassando nessa luta pelas reformas, eu me vi exilado por muitos anos e vivi em diversos países do mundo. **Minha pele de proscrito foi mais leve do que se poderia supor.** Nela pude ver meu País em conjunto, como só se vê olhando de fora. Comparando. Tentei também, naqueles anos, compreender melhor as causas do desempenho medíocre do Brasil na Civilização Industrial. [...].

No exílio, devolvido a mim, eu me fiz romancista, cumprindo uma vocação precoce, que me vem da juventude. Estudante de medicina, eu era reprovado ano após ano porque não estudava o que devia, só me ocupava de lei e de escrever literatura. Sofri demais estas frustrações, tanto que até corri risco de vida. Naquela angústia da busca de minha própria identidade eu me dizia e repetia num diário, que não tendo decidido se ia nascer, me cumpria decidir naquela hora, se queria morrer. Andei muito perto do suicídio, o que visto da distância de 50 anos, que me separam daqueles dias, mostra como foi difícil para mim viver meus 20 anos.

Mas eu falava é de minha literatura. Dela me afastei por décadas. [...] Só no exílio, nos seus longos vagares, tive ocasião e desejo de novamente romancear. Escrevi então meu primeiro romance, *Maíra*, o mais conhecido deles, em que revivo as emoções dos anos de convívio com os índios. Seu tema é a dor e o gozo de ser índio, tal como eu a pude sentir emocionalmente, mas nunca fui capaz de expressar nos meus escritos científicos. Seu sentido é a morte de Deus, ou ao menos de Maíra, o Deus índio que renasce e morre, porque este mundo não tem remédio.

Ainda no exílio, escrevi um outro romance, *O Mulo*. Nele retomo meus recordos da primeira juventude, no feio mundo de minha gente paterna de senhores de terra, afeitos ao ofício de gastar gente com indiferença espantosa. Imagine que o personagem principal, a quem por isso chamo de mulo, seria detestado pelos leitores. Não é assim. Como minha literatura não é maniqueísta, ele encarna muitas verdades, e o fato é que mais comove do que revolta.

Escrevi depois duas novelas mais. A *Utopia Selvagem* que é uma alegoria satírica da busca da identidade dos brasileiros, que já não sendo europeus, nem índios e nem africanos, se perguntam o que são. Minha outra novela, *Migo*, é uma autobiografia inventada, mais confessional do que meus ensaios, explicitamente autobiográficos.

De volta do exílio, retomei minhas peles todas. Hoje estou no Brasil lutando pelas minhas velhas causas, a salvação dos índios, a educação popular, a universidade necessária, o desenvolvimento nacional, a democracia, a liberdade [...] (Ribeiro, 1992, p. 17-21, grifos nossos).

Darcy, por intermédio desse discurso, mostra-se como um homem de muitas causas e de muitos “couros” (peles). Obviamente, as referidas peles e os couros do autor não são como os do narrador de *O Mulo*. Mas, efetivamente, elas revelam um traço característico do escritor

quanto à sua concepção de ficção, que advém de sua experiência, adquirida por meio das ações em diferentes campos em que ele se envolveu. Também, nesse pronunciamento, o autor expôs que, infelizmente, o Brasil foi o último país a eliminar a escravidão; ele citou a classe dominante, composta de descendentes de senhores de escravos, para exemplificar o comportamento indiferente dela, pois “[...] O Brasil sempre foi e ainda é um moinho de gastar gente” (Ribeiro, 1992, p. 19). Ribeiro (1992) explicou que se tornou comunista por ser o modo que ele encontrou de se indignar com o sofrimento de qualquer povo no mundo. E, depois disso, no sentido trabalhista, o antropólogo-romancista se definiu como socialista.

Destaca-se que a afirmação do próprio autor acerca de seu segundo romance, *O Mulo*, reforça a asserção exposta anteriormente, neste trabalho, de que a narrativa desse romance é memorialista. Com base neste enquadramento, nota-se o quanto é significativo o discurso de Darcy a respeito de si mesmo. É perceptível que a homenagem honrosa foi conferida ao autor após já ter lançado quase todo o seu trabalho literário, mas há algo no início do pronunciamento que faz associá-lo e muito ao narrador-personagem de *O Mulo*, a saber: a troca de peles e/ou couros. Fica nítido que Darcy Ribeiro, o autor empírico de *O Mulo*, ao falar de si mesmo se apropria da imagem criada por ele para compor um livro de memória ficcional. E é rememorando a imagem de um homem em vários couros que Ribeiro admite seus deslocamentos por diferentes espaços e as peles que construíram sua vida pessoal, e conclui que ao voltar para o Brasil reúne todas elas em sua ação político-social.

Darcy Ribeiro, entretanto, não se compara aos animais como Philogônio faz, mas demonstra que trocou de peles inúmeras vezes, e que estava em busca de sua(s) identidade(s). Outro aspecto importante se refere ao tom descritivo e respeitoso acerca dos indígenas, da terra e dos menos favorecidos, que, de certa forma, estão representados no projeto literário do autor. Em outro documento, encontrado no Acervo de Wander Piroli, durante o processo de consulta aos materiais do Acervo de Escritores Mineiros, encontrou-se o livro *Darcy Ribeiro*, organizado por Haydée Ribeiro Coelho (1997). Na obra tem-se acesso a uma declaração do autor a respeito do romance em análise. Trata-se da seção denominada *Depoimento*, composta por textos derivados de gravações de entrevistas proferidas pelo autor em Brasília e no Rio de Janeiro, entre 1995 e 1997. As declarações de Darcy Ribeiro fazem parte da segunda seção do livro organizado por Coelho (1997). Na referida obra, há mais uma vez uma importante referência do autor a respeito do livro *O Mulo*:

O Mulo é uma expressão dos dezessete anos. Até os dezessete anos, vivi em Montes Claros, convivendo com criador de mula, que cruzava jumento com cavalo, com égua, garanhões com jumentas. É uma coisa complicada. Vivi muito aquele mundo e as

histórias de Montes Claros: a violência tremenda que havia, no campo, contra o povo. *O Mulo* é o retrato da classe dominante, baseado na coisa concreta que era a minha capacidade de ler as histórias que ocorriam por Montes Claros, no sertão de Minas; e de ver e de observar aquele tipo de tratamento e aquela postura do fazendeirão contra o povo (Ribeiro, 1997, p. 46).

Evidentemente, percebe-se que Darcy Ribeiro foi um homem de causos e causas, o qual estando incomodado com o seu país, principalmente com a questão social, não aceitou reproduzir o mesmo ciclo de exploração e inércia de seus familiares. Identifica-se que o autor era um sujeito reflexivo e apto a estabelecer paralelos entre o Brasil e os países onde esteve em exílio. Ribeiro, em seu depoimento, discorreu sobre suas influências literárias, citando Mário de Andrade e Guimarães Rosa: “[...] A consciência do Mário, construída por leituras de coisas de todo mundo. De repente, a consciência do Mário nos dá aquilo, por isso eu digo que, às vezes, penso de mim também que meus romances são golfadas do inconsciente. [...]” (Ribeiro, 1997, p. 51). Quanto à sua percepção sobre Guimarães Rosa, Darcy afirmou que, para ele, o autor foi uma descoberta, sobretudo no que concerne ao modo de como se fazer literatura:

[...] Nunca pensei nem me aproximar dele, porque ele não é imitável, nem é, nem pode servir de exemplo, porque é uma literatura que sai de dentro dele; uma reconstrução literária de uma memória profunda que, milagrosamente, guardou dentro dele. Sei o que é essa coisa de memória. Por exemplo, os meus livros, sobretudo *Maíra*, escrevo frases inteiras em tupi, que eu não sei falar. Eu juro a você que já falei. Então a canção me saiu. Tem várias delas assim. [...] O livro de Guimarães Rosa tem isso profundamente: a memória de Cordisburgo, das viagens que ele fez com as boiadas, já adulto, já diplomata; a memória dele como médico da polícia, andando, pelo interior, tentando tratar gonorréia (*sic.*) dos soldados. Tudo isso impregnou Guimarães Rosa de uma forma tal que aquilo saiu dele como alguma coisa acumulada dentro dele. (Ribeiro, 1997, p. 54-55).

Consequentemente, uma possível justificativa para o entendimento de Darcy Ribeiro como ficcionista, de fato, se revela a partir de trajetória, experiência e memória, constatação essa já evidenciada em suas ponderações sobre como a composição de *Maíra* ocorreu. Nesse entendimento, a questão regional, nacional e universal, atravessada pelas mazelas sociais, assim como a constante luta de classes e a má interpretação do país, por parte de alguns brasileiros, fazem despertar em Darcy Ribeiro um interesse por tentar descobrir quais foram os motivos que contribuíram para que o Brasil não desse certo. Ao alcançar essa compreensão, nota-se que o autor, metaforicamente, percebeu-se indigesto, demandando colocar para fora, em especial por intermédio da matéria literária, as questões dos diversos sujeitos que fazem parte do país. Mais um dado importante, que se pôde inferir a partir da citação anterior, foi a exposição do autor sobre as lembranças de Guimarães Rosa, até mesmo em seu trabalho, ‘tentando tratar a gonorreia dos soldados’.

Coincidência ou não, sabe-se que a personagem de *O Mulo*, quando ainda era soldado, precisou tratar dessa mesma doença (o que lhe deixou estéril, por conta das medicações aplicadas em seus testículos). Além disso, nota-se que a questão das muitas peles do escritor antropológico-romancista advém das suas travessias durante toda a vida e do seu processo de amadurecimento e busca por uma identidade consolidada, a qual parece ter sido adquirida após o retorno do escritor ao Brasil. Um pouco antes de encerrar suas contribuições, em razão de um câncer, sua assessora técnica naquele período, Gisele Jacon de Araújo Moreira (2017), da Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR), expôs que

As lembranças mais recorrentes que tenho daqueles anos de trabalho intenso são de Darcy afundado em sua poltrona Wassily preta na sala de seu apartamento, lendo ou escrevendo, sobretudo refletindo e escrevendo com os papéis no colo. **Escrever era sua atividade principal. Sentia que, além de instrumento de trabalho, a escrita já encarnava em Darcy como registro, como posteridade, como confissão de vida.** Evidentemente, passava muito tempo também dedicado aos seus ofícios e cargos, no gabinete em Brasília, participando de seminários ou eventos oficiais, culturais, universitários.

Era um homem solitário, sem esposa, sem filhos, dedicado integralmente ao trabalho, com que se ocupava e se distraía escrevendo. Quando ia para a casa de praia em Maricá, nos finais de semana, me pedia livros policiais emprestados. Leu alguns de Agatha Christie e toda minha coleção de Arsène Lupin. Quando devolveu, percebi que em vários exemplares, no verso da quarta-capa, Darcy anotara diagramas de parentesco dos personagens. Provavelmente para não esquecer quem era quem (Moreira, 2017, p. 163, grifo nosso).

Nesse seu ofício de escritor, sem dúvida, o sujeito montesclarenses eternizou-se, bem como os nomes de seus personagens. Certamente, por meio das materialidades artísticas, como já dito pelo próprio escritor, a reflexão sobre o seu país se impregnou em seu texto literário, revelando uma forma particular de escrever literatura brasileira, ou seja, sem colocar o estrangeiro (colonizador/dominador no centro). Também percebe-se outro ponto em comum entre o sujeito ficcional, Philogônio de Castro Maya, e o sujeito empírico, Darcy Ribeiro: o tempo dedicado à escrita e, no final da vida, o contexto solitário ‘sem esposa e sem filhos’; apesar de Darcy Ribeiro ter tido seus relacionamentos amorosos, no final da vida ele esteve só.

Feitas essas aproximações e considerando-as na análise, volta-se para a leitura de *O Mulo*. Especificamente, nesse romance pode-se ver uma associação entre o ‘mundo’ e o ‘Brasil’, levando-se em consideração o fato de que “[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (Le Goff, 1990, p. 475). Cita-se, por exemplo, uma passagem da obra em que Philogônio relembra dos tempos em que era muleiro e fez amizade com um

estrangeiro garimpeiro, ambos estavam em busca de se estabelecer sem que precisassem ser submetidos à imposição do mando dos outros:

Seu padre, tenho novidades. Hoje de manhã caiu aqui nos Laranjos, pra me saudar, o mascate Mamede. Saltou, subiu na varanda e sentou, calado, num tamborete ao lado da rede em que eu tomava sol. Aquele desgraçado me dá raiva. Sempre de branco, sujo, mas branco, os olhos claros tudo olhando, assuntando, curiosos. Olhando principalmente a mim, pra me ver enrustido dentro do saco da rede, como um moribundo. Vai sair por aí afora dizendo que me viu acabar. Mamede é velho conhecido meu, dos tempos de tropeiro. Eu, com a burrada e as broacas de mercadoria. Ele, a cavalo, com duas malas de armarinho na garupa. Diziam que Mamede fazia mais dinheiro do que eu, comprando pepitas no clandestino. Se não fosse assim, nem se entendia o sacrifício daquele homenzinho, estrangeiro, ereto, de branco sujo, mas branco, vivendo vida de carrapato dos garimpeiros. (Ribeiro, 2007, p. 107-108).

Esse narrador, que consegue “rever com os olhos da memória” (Ribeiro, 2007, p. 251), externa seu incômodo pela presença de um conhecido do passado, dando ênfase para o uso da roupa branca e suja de Mamede, um estrangeiro, a quem se refere como um turco goiano. Interpreta-se certa intolerância à religião islâmica, sobretudo no momento em que Philogônio relata ao padre que Mamede “Sofreu muito quando correu pelos garimpos, como novidade, notícia de que ele é da raça que matou Deus” (Ribeiro, 2007, p. 108). Nessa direção, há um embate entre duas religiões monoteístas e suas divindades — Deus, no cristianismo, e *Allah*, no islamismo —, o traje branco de Mamede, usado como costume religioso para se conectar de maneira pura com *Allah*, estava sujo. Certamente, porque a terra, de onde o ouro é encontrado nos garimpos, suja as vestes do homem religioso e também as do ambicioso.

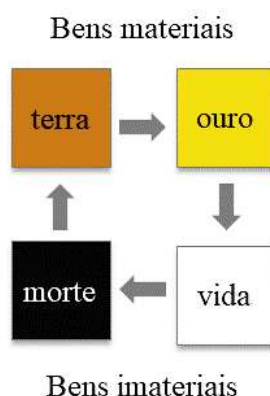
A menção a outras perspectivas religiosas também aparece, sutilmente, no discurso de Philogônio: “[...] Eu sei que há quem pense que homem e mulher deviam guardar castidade e virgindade até o casamento. Esta é ideia que só cabe na cabeça de crente [...]” (Ribeiro, 2007, p. 68). Nesta passagem do texto, na segunda parte do livro, Philogônio se difere de uma postura casta e reafirma que seu processo de sexualização ocorreu precocemente, antes mesmo de o seu próprio corpo sinalizar que estava totalmente desenvolvido para o ato sexual: “[...] Quando ainda nem minava uma aguinha que fosse, já punha o pau no serviço [...]” (Ribeiro, 2007, p. 68). Nessa mesma orientação, o senso do narrador em relação à concepção de alma penada é externado: “[...] Terrível seria cair nesse feio destino dos mortos errantes, esvoaçantes; das almas penadas perambulando eternamente pelo mundo, atentando os vivos, ocupando os espíritos” (Ribeiro, 2007, p. 81).

Retomando a argumentação sobre terras e bens materiais, destaca-se que seu Filó pode ser interpretado como um arquétipo daquele que deseja se estabelecer em terras estrangeiras (o

colonizador). Ele representa o sujeito que enxerga na partida de um lugar para outro a possibilidade de ascensão social. “[...] Minha fama ruim de outros lugares tinha que chegar aqui. Não por feitos meus de roubo ou de morte que, na riqueza, esses não contam. Mas por defeitos maiores, piores, de quem veio do fundo, antigo muleiro e tropeiro” (Ribeiro, 2007, p. 351). A ligação entre a terra e o ouro está diretamente relacionada à vida e à forma de se estabelecer para sobreviver. Ainda, há uma referência à luta para permanecer vivo, não somente por parte do narrador, mas de outros tantos personagens assassinados em razão da disputa por terras.

Vivendo de modo bipartido, conforme a Figura 5, entre os bens materiais (terra e ouro) e imateriais (vida e morte), esses personagens representam homens presentes em um ciclo em que o interesse humano ora os atrai ora os repele das preocupações celestiais, exceto quando a busca pelo ouro se torna inviável diante da percepção da morte.

Figura 5 - Elementos que compõem o enredo de *O Mulo*



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos de *O Mulo* (2023).

Insistindo em conquistar uma identidade, alimentada pelo senso materialista, Philogônio nega o afeto e o amor às pessoas e, mesmo se envolvendo com muitas mulheres, nunca se permitiu amá-las de verdade, tampouco se esforçou para isso: “Onde estará, hoje, nesse mundo de Deus, minha mulinha? Sei não. Um dia, como o senhor verá, enfarei dos dengos dela. Ou fui vencido pelo medo que me deu de perder o respeito, de me enrabichar demais e cair nessa sem-vergonhice dos frouxos” (Ribeiro, 2007, p. 79). Portanto, o amor tende a afrouxar o estilo de vida rígido, mas como se tornar o tipo de sujeito amoroso se nunca recebeu amor? Quase sempre recebendo um tratamento rigoroso, seu Filó concluiu: “[...] Santo eu não podia mesmo ser, nunca. Jamais. Para tanto me falta a bondade natural, contente de si mesma e essa capacidade dadivosa de dar e receber amor. A minha é pouca, mesquinha” (Ribeiro, 2007, p. 360).

Ao utilizar de uma concepção voltada à coisificação, tratando seres humanos como objetos, Philogônio devolve ao seu mundo apenas o que recebeu, a brutalidade. A complexidade da obra pode ser vista novamente por um viés duplo, porque na posição de filho órfão de mãe e não reconhecido pelo pai, esteve como vítima. Porém, não sabendo lidar com a violência recebida, acabou se tornando agressor quando revelou ter se apropriado de um jeito bruto de ser. Rocha¹⁰ (Homenagem [...], 1996, p. 386) declarou que *O Mulo* “focaliza a mentalidade preconceituosa e racista do senhorio brasileiro”. Nessa vertente, identifica-se no romance em pauta a presença de alguns traços históricos, mimeticamente reproduzidos em cenas que contribuem para que o leitor estabeleça uma conexão entre o enredo e o contexto de colonização do território brasileiro. Bem como, se recorde dos impactos causados a partir do encontro entre etnias, em uma terra que até o ano de 1500 era inexplorada por estrangeiros para fins comerciais.

Por meio dessa chave de leitura, torna-se possível observar, por exemplo, as composições étnica e social do Brasil, com base na estrutura de pensamento racista e classista dos períodos colonialista, pós-colonialista e pós-abolicionista, presentes no discurso do protagonista do romance.

Acerca da conquista da América, da questão do outro e especificamente de Colombo, Todorov (1993) salientou que a motivação desse “descobridor” para as viagens, era o êxito universal do cristianismo com o intuito de impor o verdadeiro Deus, acrescida da ânsia por dinheiro.

[...] Há traços de mentalidade em Colombo, entretanto, que estão mais próximos de nós. Por um lado, ele submete tudo a um ideal exterior e absoluto (a religião cristã), e todas as coisas terrestres não passam de meios em vista da realização deste ideal. Mas, por outro lado, ele parece encontrar na descoberta da natureza, atividade à qual ele se adapta melhor, um prazer que faz com que essa atividade se baste. Ela já não tem a mínima utilidade, e o meio torna-se fim. Assim como, para o homem moderno, uma coisa, uma ação ou um ser são belos apenas quando justificam-se por si mesmos, para Colombo, “descobrir” é uma ação intransitiva. [...] Basta mencionar a existência de uma nova ilha para que ele seja tomado da vontade de visitá-la. [...] Os lucros que ali “deve” haver têm apenas um interesse secundário para Colombo. O que conta, são as “terras”, e sua descoberta [...] (Todorov, 1993, p. 12-13).

Por esse ângulo, a forma do romance *O Mulo* está constituída de um passado laboral, quando “Trem” não tinha um nome, e de um presente ocioso, cuja única ocupação é revisar a própria vida, dedicando o seu tempo às memórias para compor a sua confissão. Apesar de Philogônio ter contado ao padre, na terceira parte do livro, que na prisão e fora dela foi visto

¹⁰ A declaração sobre o segundo romance do autor foi proferida e documentada em uma pequena biografia pelo senador Sebastião Rocha, após a homenagem prestada ao também senador Darcy Ribeiro, no Plenário do Senado, em 17 de abril de 1996 (Homenagem [...], 1996).

em Grão Mogol como “uma espécie de bicho matuto que jamais atingiria a condição de gente verdadeira”, e que as suas “vantagens de branco, alto, espadaúdo, no sertão, ali eram nada” (Ribeiro, 2007, p. 92), verifica-se que ele não hesita em se demonstrar superior às pessoas de outras etnias. Exemplo disso pode ser percebido por meio da relação que ele estabelece com os indígenas e os negros. Ao externar o que pensa, seu Filó deixa explícito seu senso de hierarquização, posto em prática para se sobrepor aos outros, principalmente no que diz respeito ao domínio de terras.

[...] Um dia mostrando a Cazé o pedrão enorme, azulado, que surge no meio do campo e dá nome ao Varjão, decidi dar a volta completa, para ver o outro lado. Montamos nos cavalos e lá fomos, em passo rápido. A volta era de mais de légua. Lá chegando, num momento, subitamente, vimos, surpresos, meio encoberto, um ranhão de índios, quase encostado na rocha. Nos acercamos, rápidos, e topamos lá com quantidade de mulheres e crianças.

Entramos em fala e começávamos a apear quando surgiram os homens da tribo. Decerto, vendo as famílias deles nas nossas mãos, decidiram vir correndo pro nosso lado. Tão surpresos de nos ver, como nós a eles. **Vieram mansos com visível preocupação de nos aplacar, apaziguar. Desenterraram do chão da maloca e nos deram dois cachos de banana, que surgiram amarelos, meio dourados, tinindo de maduros. Comemos ali mesmo. Em troca, dei uma faca a um deles. Trouxeram depois uma paca moqueada, que sentamos pra comer bem, bebendo a água fresca, trazida por eles numas cabaças pretas, trabalhadas. Dei, em troca, uma caixa de fósforos.**

[...].

Vimos embora e eu disse a Cazé que não mexesse muito com os índios: se via que era gente arredia mas mansa. Deixasse ficar, eles seriam os negros do Catalão, quando viesse povoar aquelas campinas com seu gado.

O compadre é que não gostou da ideia. Eu fui acabando de contar que o fazendão dele era tão bom que até índio tinha e ele esbravejou: Qual nada, seu Filó, isso é uma desgraça. Índio, onde bota o pé, a terra é dele. Temos é que acabar calados, com essa raça! Vi logo que não tinha mesmo outro jeito. Só se conseguiria legalizar a posse daquelas terras se não houvesse nem notícia de que lá moravam índios (Ribeiro, 2007, p. 240-241, grifo nosso).

Nós, fazendeiros, somos a mão de Deus, na imposição da lei e da ordem nesse mundo. Sem nós, os donos, para pastorear o rebanho divino, na temporal, e vocês, sacerdotes, no espiritual, este mundo estava perdido. Nossa obrigação maior é exercer esse mando com o pé da espora firme no estribo e mais firmeza ainda no freio.

Sem rumo certo e sem mão firme, de amo, perdíamos o melhor que tem nesse mundo que é o rebanho humano. **Sem esses pretos e mulatos e mestiços entreverados que são nossas pernas e nossos braços, pra fazer o que fazemos, ninguém aprumava.** Não se pode é cair nas demasias de dações e inações como os derradeiros donos desses meus, nossos Laranjos (Ribeiro, 2007, p. 334-335, grifo nosso).

Sem fazer uso de moeda, Philogônio e seu compadre Cazé, este nome que quer dizer aquele que vigia, propõem uma permuta aos índios. O texto citado anteriormente, sobre as terras potencialmente pertencentes ao Cazé, remonta à cena do encontro entre aquele que chega munido do senso que está descobrindo algo, antes não achado, e o outro que já estava estabelecido em determinado local. A relação de poder se materializa no exato momento em

que o potencialmente mais selvagem desenterra o cacho de bananas maduras em um tom dourado, tal qual ao ouro; e o entrega aos viajantes civilizados, menos selvagens. Em resposta à essa ação, os índios ganharam uma faca. Posteriormente, os nativos serviram carne de paca moqueada, assada de forma artesanal numa espécie de grelha, e ganharam a caixa de fósforo. Infere-se que, nessa permuta, Philogônio e Cazé proporcionaram dois elementos que representam os meios para que os fins ocorram, ou seja, a faca para uso e corte do cacho da bananeira, e preparo da carne do animal.

Já o fósforo indica a funcionalidade para acender o fogo, debaixo do moquém em que a caça passará pelo processo de cozimento. Após a cena do encontro com os índios, Philogônio conta ao padre que Cazé, junto com outros homens, envenenaram alguns índios e assassinaram todos os outros que restaram naquelas terras. No que diz respeito aos negros, no texto referido do livro, observa-se o entendimento do narrador sobre o empenho de mão de obra, dos que julgava inferiores, para o trabalho braçal, sendo os sujeitos negros considerados aptos a fazerem pelos seus superiores a força das pernas e dos braços que construiriam as grandes casas das fazendas do período colonial. Conforme Jessé Souza (2019), acerca da luta de classes, infelizmente, há quem ainda legitima que: “Afim, as classes superiores são as do espírito, do conhecimento valorizado, enquanto as classes trabalhadoras são do corpo, do trabalho braçal e muscular que a aproxima dos animais” [...] (Souza, 2019, p. 22). A leitura sob esse prisma pode ser pertinente, sobretudo em relação ao modo como o coronel dos Laranjos trata as outras pessoas que lhe servem, na maioria das vezes, como já dito, desumanizando-as.

Como se pôde verificar, aparecem na obra estudada aspectos que desnudam as mazelas sociais desde o período de construção do Brasil enquanto nação. Ao longo do romance, descobre-se que Philogônio ficou estéril durante o período em que serviu no exército, o que justifica a ausência de um herdeiro legítimo dele. Sua decisão de deixar os bens para um líder religioso permite que o leitor do romance associe essa ação à manutenção das estruturas de poder, anteriormente vinculadas à visão europeia de conquista de território e de propagação da fé católica. Na interlocução de Philogônio com o padre, essa lógica do cumprimento de um propósito divino é frequentemente mencionada. Exemplos disso, também, constam na terceira e quinta partes da obra:

[...] Só peço que não se envergonhe de referir-se a mim. Fale de mim. Minta, como queira, sobre o que eu fui, para enfeitar o seu presente, de então, com um passado meu inventado que eu quisera ter tido. Mas não se esqueça nunca de que foi Deus quem nos escolheu e elegeu para estes papéis. O seu, de sacerdote ministro d’Ele aqui na terra, meu confessor e meu herdeiro. O meu, de fazendeiro, aquinhoador de terras e

bens, para mostrar, em mim, pela prodigalidade, a Sua aprovação (Ribeiro, 2007, p. 111).

[...] esse mundo precisa de guias, como tropa precisa de madrinha. Onde estariam as fazendas, as cidades, os comércios, as igrejas, as fábricas, as estradas de ferro e tudo que deixa marca dos homens nesse mundo, se não fôssemos nós? **Sem nós os donos, os guias, cumprindo a vontade de Deus, quem poria o povão no trabalho com obrigação de acordar de madrugada e ir dormir de noite, suados, cansados? Cansaço é o grande invento divino que nos salva. Sem ele, ou bem metíamos essa negrada na produção até acabar com eles; ou bem eles acabavam conosco pra folgar.**

Deus sabe o que faz. Deus sabe em quem confia. Só dá mão a quem leva esse mundo pra frente.

Do mundo lá de fora, não sei nada. Suponho que seja igual. Mas desse mundão brasileiro, goiano, mineiro, baiano, sei de sobra. Nele sou mestre. Aqui temos gastado gente sem conta, nos séculos da cristandade. Aqui civilizamos índios ou acabamos com eles, pondo fim naquela existência inútil que levavam, à-toa-à-toa (*sic.*). Também negros sem conta, caçados na África e trazidos para cá, nós metemos no trabalho e gastamos na produção (Ribeiro, 2007, p. 183-184, grifos nossos).

Matos (2020) propôs-se a compreender, por meio da *Dialética da colonização*¹¹, o processo de formação da nação brasileira, especialmente no contexto da escrita literária de autores que não se restringiram aos modelos estrangeiros e produziram a partir de exemplos nacionais. Ele discorreu acerca dos efeitos da colonização e da necessidade de (re)descobrimento, enfatizando que a formação do Brasil ocorreu por meio da violência e do discurso religioso. Para o autor, a violência englobou a prática escravista e o extermínio intencional de indígenas, enquanto a religiosidade marcou um período de catequização desses primeiros povos, para difundir a pregação do reino de Deus. Tudo isso visando estabelecer a supremacia do dominador sobre o dominado, cumprindo o objetivo de promover o avanço do império. Sob esse olhar, o pesquisador identificou nos romances de Darcy Ribeiro aspectos que simbolizam um espaço às vozes silenciadas, e que propõe uma ideia de redescobrimento do Brasil.

Compreende-se, também, que, em *O Mulo*, a memória é retomada pelas recordações de Philogônio, o que significa uma ação contra o esquecimento. Exemplo disso é a propriedade dos Laranjos, o local citado no livro funciona como um lembrete das memórias dos “descobridores” e das outras gerações de senhores. No enredo, Philogônio cita muitas vezes o nome da capelinha Nossa Senhora da Boa Morte, também com o objetivo de não permitir que o padre se esqueça do enterro dele, que deverá acontecer debaixo da igreja mencionada. E, ainda, que o sacerdote se lembre das missas solicitadas para o descanso das almas de quem Philogônio acha que necessita. Efetivamente, a fazenda — onde mandou fazer reformas e faz

¹¹ Obra escrita por Alfredo Bosi em 1992.

questão de contar que as fez, sem suprimir ou apagar os nomes dos antigos donos/senhores — marca não só o bem conquistado, mas a história de procedência da herança material de seu Filó.

Pus tanta cabeça e tanto dinheiro no refazimento dessa casona, bem sei por quê. Ela é o meu altar, seu padre. Aqui, mostro ao resto dos homens o que é, o quanto vale, esse coronel Philogônio de Castro Maya. A casona aí está, posta de pé, grandona como nunca foi, para meu orgulho.

Eu, que me dei essa casa apalaciada, merecia ser é pai de familiona com dez, doze filhos e netos às dezenas. Não sou, não. Mas ela está aí, para mostrar, visível, meu poderio. Num cerco de cem léguas em torno, por todos esses sertões, mesmo ganhando rumos de Minas e de São Paulo, o senhor nada encontrará nem parecido. Portentosa, antiga, imponente como essa casona outra não há. Feita pelos antigos, descobridores de ouros goianos com os escravos que sobravam do serviço nas grupiarias escassas. Mantida e refeita por gerações de famílias antigas que aqui se sucederam mandando, falindo, até chegar a última dos Arantes, falida também. Agora o senhorio é meu. Amanhã, seu. Tomara que você saiba zelar e cuidar (Ribeiro, 2007, p. 350-351).

Não parando por aí, o narrador-escrevedor registra suas lembranças e expressa o desejo de que seu herdeiro também herde suas memórias. Ou seja, ele espera que o material produzido, feito em forma de confissão, composto pela escrita cotidiana de recordações, seja utilizado pelo padre para dar bom testemunho do doador. E que o testemunho escrito sirva de “barbante amarrado no dedo¹²”, como uma forma de se preservar a memória do coronel dos Laranjos. Nessa orientação de ações anti-esquecimento, em que são utilizados recursos para associar o objeto como um lembrete do que não deve ser esquecido, no livro *Darcy Ribeiro*, organizado por Coelho (1997), a dedicatória escrita, “À memória de Darcy Ribeiro”, coloca em funcionamento o objetivo de homenagear o autor no mesmo ano em que faleceu. Ademais, a estratégia visa proporcionar reflexão sobre a memória do homem Darcy, aquele que,

Sempre inquieto diante das verdades instituídas, imprimiu um tom denunciador em tudo que fez. Seguindo as lições de Drummond e não aquelas de *Lições de coisas* de Rui Barbosa, cantou o tempo presente, dialogando sempre com o passado para que esse não se perdesse, engolfado pela memória alheia. No resgate do presente, não abandonou o passado, as fontes populares. Trouxe para a Literatura a voz do índio. Incorporando a memória do outro, abriu veredas para o caminho da liberdade e de resistência. Através de sua escrita misturou “a coisa literária” com “a coisa humana” (Coelho, 1997, p. 36).

Desse modo, Ribeiro caracteriza o narrador-personagem de *O Mulo* como um tropeiro comerciante de alimentos, remédios, artigos pessoais e animais, como cavalos, burros, mulas e bois, pelos sertões do Brasil, especificamente exposto a partir da quinta parte da obra. Nessa abordagem, Coelho (1997) destacou que Darcy Ribeiro conferiu novos significados para o

¹² A referida expressão foi aludida na intenção de estabelecer diálogo com a discussão inicial em *O guarda-memória*, de Philippe Lejeune (1997).

discurso literário ao denunciar a brutalidade do ser humano instalada no interior do Brasil, tanto em áreas urbanas quanto em espaços rurais. Além disso, a pesquisadora constatou que os espaços representados no romance de Darcy se aproximam das características de lugares do norte do estado de Minas Gerais e de algumas partes do estado de Goiás. Ela destacou que o fator regionalidade não restringe o texto do autor, pois a obra está voltada ao homem em busca de sua essência, e que se vê refletindo sobre a chegada inevitável da morte, o que legitima o romance como universal. Também, acerca da trajetória de viajante encenada, a autora verificou que isso ocorre tanto em *O Mulo* quanto em *Maíra* e em *Utopia Selvagem*.

Nessa direção, Novaes e Freitas (2020) reafirmaram que, em diversos momentos da vida de Philogônio, ele recorre às viagens pelas estradas do sertão como uma forma de se reconstruir ou se fazer um outro sujeito. Nesse contexto, os autores explicaram que “As memórias do coronel-fazendeiro nos são ofertadas enquanto rememoração, o resgate de uma experiência que pretende servir para pensar o presente e projetar o futuro. [...] um resgate da narrativa, a partir da epopeia que foi a vida do personagem [...]” (Novaes; Freitas, 2020, p. 231). Os estudiosos recorreram às considerações de Walter Benjamin sobre o narrador com o intuito de enfatizar a noção acerca do sujeito que sabe contar histórias e é dotado de sabedoria. Após realizarem essa retomada, Novaes e Freitas (2020) propuseram que Darcy Ribeiro pode ser o narrador que tem o objetivo de relatar a história do Coronel Castro Maya, especialmente em razão de querer sugerir reflexões que dialogam com os seus estudos sobre a gênese do povo do Brasil.

Esta identificação, de certa forma, dialoga com os outros estudos apresentados no “Primeiro Capítulo”, especificamente em relação à concepção de se associar o trabalho antropológico às produções literárias de Darcy Ribeiro. Reitera-se que Novaes e Freitas empreenderam esforços para compreender o sujeito empírico (o autor), como alguém que é sujeito da experiência e se propõe a contar a história de um personagem que, na concepção dos estudiosos, representa “[...] um arquétipo de um personagem brasileiro que encarna um dos nossos muitos brasis e muito diz sobre nossa estrutura social e nosso processo de formação histórica” (Novaes; Freitas, 2020, p. 229).

4.3 Memórias sexuais do narrador

A trajetória de Castro Maya, como mencionado em outras partes da presente análise, revela inúmeras transformações e experiências vivenciadas durante grande parte do período em que esse sujeito ainda era nômade. Sabe-se que, desde o Lajedo, na propriedade de Lopinho, o menino “Trem” iniciou suas atividades sexuais, daí em diante, ele manteve relações com mulheres, bichos, crianças e homens. Essa diversidade de experiências sexuais parece invalidar qualquer suspeita de sua capacidade de macho, mas ocorre ao contrário. São experiências que confirmam sua virilidade. Relembra-se das considerações feitas por Andrade (2017, p. 68-69) acerca de Philogônio,

[...] Malvadezas [no passado] com as criações do terreiro e safadezas com bichos, na sua iniciação sexual, primeiro com um pato depois com uma mula e com os colegas da mesma idade com quem fazia sexo. Essas confissões brutais ganham singeleza na confissão do malfeito e na tristeza em perder o pato de asas brancas e duras, bichinho de quem gostava.

Em determinado momento, o coronel dos Laranjos chega a admitir que estar com uma mula era até melhor do que quando esteve com muitas mulheres. A busca pelo prazer solitário, por intermédio da masturbação, é outro ponto que explicita sua autossuficiência — ao insinuar que, com suas próprias mãos, proporcionava gozos a si mesmo. Quanto ao envolvimento com outros meninos, ele via como algo até natural daquele momento. Interessa destacar aqui que a superioridade do personagem começa a ter indícios, principalmente por intermédio do tom sexual. Ao relatar que fazia “troca com os meninos”, ele sinaliza que os outros dois ficam incomodados com a espessura e o tamanho de seu órgão genital; constata-se que o narrador, sempre que podia, demonstrava estar em vantagem. E quando essa vantagem fosse ameaçada, como no caso de quando entregou o seu corpo ao major, ele preferia se deslocar para não ter sua masculinidade e heterossexualidade corrompidas, por estar envolvido em práticas homossexuais:

O melhor da vida são as fodeções, seu padre. Tanto as de passagem meio mijadas; como as estiradas, gozosas. O senhor não sabe disto, penso eu. Mas aqui digo ao senhor, de homem a homem, o melhor dos arranjos de Deus foi este de dividir a criação em machos e fêmeas e pôr um ímã em cada um para buscar o outro. Disso entendo. Meu ofício verdadeiro, de minha vida inteira, foi o de muleiro; sou, de arte, acasalador de animais. Até de animais desenhados como cavalos e jumentas, asnos com éguas e suas crias, ditas híbridas e estéreis, mas das quais eu, algumas vezes, colhi crias, os bardãos.

Quando digo que o gozo da fodeção é geral nas criaturas de Deus, digo com tino, de experiência. Digo e repito, seu padre, que isso é verdade não só para os homens e

bichos maiores, mas para toda criaturinha vivente, como nunca cansei de ver. Os cágados são fodedores safadíssimos e o macho é munido de uma peça de fazer inveja. Os caramujos, veja o senhor, esse bichinho à toa, fodem dobrado, pois cada qual sendo macho e fêmea, os dois se fodem e se comem ao mesmo tempo, gozando por demais. Até o escorpião, esse trem asqueroso, mostra gozo fodetório, ainda que o macho perca o pau na fornicção.

Acho, por isso, que se há alguma coisa do gosto de Deus é a fodeção, não só para reproduzir, mas pelo gozo dela mesma. Penso que nem aos padres, o senhor me permita, se devia negar este gozo, que é da vontade de Deus (Ribeiro, 2007, p. 45).

Reitera-se que a experiência sexual, além de recorrente nas reminiscências de Philogônio, acontece como uma prática comum, que ocorre de diferentes maneiras e com distintos parceiros ao longo de sua trajetória, configurando o que Vale (2020) descreveu como manifestações de sexualidade periférica. Segundo a autora, por mais que as convenções e as regras sociais marginalizam e reprimam práticas que fogem do padrão heterossexual, monogâmico e com fins de procriação, as práticas “proibidas”, mesmo que de modo escondido, não deixam de acontecer, como se pode perceber por intermédio da história de *O Mulo*. Com base no enredo do romance em questão, identifica-se que o ambiente de pertença do narrador, marcadamente o contexto rural, contribuiu também para estimular o desenvolvimento de seu despertar para a sexualidade.

Certamente porque, no caso em análise, no espaço do criatório do Lopinho, o menino “Trem” assistia à transa de seu senhor ora com Andréa, ora com Lenora, e se sentia excitado; naquele mesmo espaço, ele aprendeu a arte de acasalar animais e, por sua vez, manteve relações primeiro com um pato e depois com uma jumenta. E ainda praticou a masturbação e se relacionou por um tempo com os meninos (Zabelê e Joca), como mencionado anteriormente, numa espécie de troca-troca. O sujeito que realiza esse último tipo de relação, em *O Mulo*, é chamado de xibungo, ou seja, homem que se relaciona com outro homem. Naquele mesmo ambiente, as duas mulheres do Lopinho, de certa forma, abusavam do menino, ele era obrigado a mamar o leite de uma para que o leite dela não empedrasse, e a outra passava as mãos em seu órgão genital e colocava o pé dele no órgão genital dela para sentir prazer.

Nesse contexto, as outras crianças também eram sexualizadas muito cedo, apesar de não ficar explícito se elas tinham consciência do que estavam fazendo. Os banhos nos rios cooperavam para o desenvolvimento de experiências sexuais, passando as mãos nos órgãos ou até mesmo, no caso das meninas, permitindo que se colocassem pedrinhas em suas genitálias. O que também foi definido por Vale (2020) como sexualidade infantil, marcadamente desenvolvida no período em que as crianças iniciam suas descobertas inocentes sobre seus corpos. Em diferentes espaços, por onde o narrador passou, ele relatou ter visto pessoas mantendo relações sexuais e que, por isso, ficava excitado ao presenciá-las. Ele se envolveu

com prostitutas, donas de pensões, mulheres mais velhas do que ele, mulheres que eram de outros homens, e até com um major, a quem apelidou de “major come cu”: “[...] Quando dei por mim estava entornado num catre, sendo comido de escanteio, com o pau duro, gozando, na mão do major” (Ribeiro, 2007, p. 142).

A fim de não se envolver em uma relação homossexual, como já dito, “Terêncio” deixou o exército: “Perdia tudo, mas não minha condição de macho inteiro, de homem” (Ribeiro, 2007, p. 143). Posteriormente, Philogônio estuprou e/ou induziu meninas novas, mulheres jovens, adultas e maduras a se entregarem a ele, bem como praticou diferentes tipos de sexo — anal, oral, vaginal. Dessa maneira, o narrador deixa explícito que sua preocupação nunca era satisfazer os desejos das mulheres, e sim o seu. Segundo Vale (2020),

[...] Temos uma narrativa contada por um coronel que explicita a todo momento em seu discurso o pensamento de que a mulher deve ter um comportamento contido, caso contrário ele não poupa na adjetivação: “puta”, “cadela”. [...].

As personagens femininas Lenora, Zeca, Inhá, Mariá, Emilinha, Maria Rosa, Ruana e Beu de alguma forma transgrediram aquilo que se esperava do comportamento de uma mulher, sexualmente falando. Todas elas, a sua maneira, levaram em consideração apenas a necessidade de se satisfazer, fazendo com que o prazer fosse alcançado ainda que para isso fossem julgadas.

Com algumas delas, foi justamente a ousadia que proporcionou o sexo com Philogônio, ou pelo menos a tentativa de coito — no caso da Maria Rosa. Entretanto, nenhuma ficou por muito tempo com ele, por motivos diversos foram se afastando e algumas até mesmo foram expulsas, não serviam para ser mulheres com uma relação legitimada.

Vemos um final diferente para Calu e siá Mia. Ambas se prostraram mais próxima da ideia de mulher como objeto [...], [pois] tinham uma função para desempenhar na vida dele [...] (Vale, 2020, p. 67-68).

A única mulher com a qual o narrador se relacionou de maneira convencional foi a sua esposa, siá Mia. Mesmo assim, reitera-se que, em uma parte do enredo, o coronel dos Laranjos colocou em dúvida a pureza (virgindade) de sua falecida esposa, insinuando que ela teria se entregado ao meio-irmão quando ambos eram crianças. Acerca da temática da construção e da apropriação dos corpos femininos, Swain (2009), em seu estudo *Os limites do corpo sexuado: diversidade e representação social*, evidenciou que

O silêncio é um instrumento político de apagamento e assim, o que a história não diz, escapa às narrativas da tradição, da memória social, fundadas em crenças, científicas ou religiosas, e desta forma, omite, no imaginário social, a presença das mulheres da vida política em seu sentido mais amplo. Fixadas em seus corpos, tanto para a reprodução quanto para o prazer sexual masculino — casamento ou prostituição — aparecem como moeda de troca, como seres a serem apropriados e utilizados socialmente, já no alvorecer das culturas, segundo algumas tradições. Fica claro deste modo, que o humano é representado a partir de um corpo já-dado, girando em torno de sexo, sexualidade e poder e aos corpos e seus humores são atribuídos valores e

criadas normas culturais diferentes, segundo sua definição em masculino ou feminino (Swain, 2009, p. 124).

Em consonância com os fatos apresentados pela autora, ressalta-se que o cenário ficcional, marcado pela narrativa da tomada de posse do território brasileiro, está igualmente refletido na tomada de posse dos corpos, especificamente do corpo feminino. Muitas mulheres foram abusadas sexualmente, estupradas e silenciadas ao longo dos anos da vida de Philogônio: a mulher negra, por exemplo, que, além de voltar-se para o cuidado de seu senhor e do lar, foi forçada a manter relações sexuais com ele, como é o caso da personagem Calu. Nessa orientação de exploração da mulher, menciona-se Almerinda, uma prostituta que seu Filó conheceu quando ainda estava no exército. Com o tempo, ela passou a não cobrar dele pelos serviços e ainda lhe dava dinheiro, transformando-o numa espécie de gigolô. Outra questão, presente no romance, que pode ser associada aos fatos descritos por Swain (2009), é a condição da mulher como moeda de troca. Na sexta parte do livro lê-se:

Assim que desapeei, veio o tal Zé Goela, falante, saudar obsequioso. Desarreioi minha besta e lá ficou oferecido. Perguntei, de sopetão, o que é que ele estava esperando ainda ali. O homem quase desmoronou, entrou em desculpas e, afinal, disse que tinha esperança de fazer negócio comigo. Mercar qualquer coisa, era com ele, disso tinha experiência do balcão do pai. A mulher para escrituras e contas estava sozinha.

Enquanto conversávamos ela veio vindo, saudou, altiva, com os olhos e o queixo, e ficou ali junto, calada, escutando; mas me olhando, lambido, com aqueles olhos em calda. Ouviu nossa fala desigual, o moço dela oferecendo os préstimos dos dois pra saírem com tropa minha. Eu, escutando ou só falando, desconversado. Só pensava: mando ele com a tropa e fico com ela aqui. Não é negócio, pensei. Afinal, tomei minha decisão e arrematei que com ele negócio eu não queria nenhum.

No baixio do desânimo, disse que podia era dar a ele, dados, dois burros com suas bruacas, carregados de mercadoria boa para ele enricar no garimpo. Zé Goela quase caiu de cima de si mesmo. Quis logo conferir, se era dado mesmo de graça que eu dava.

É, disse, mas a dona fica.

Ele virou-se, espantado, olhou pra Inhá. Ela arregalou os olhos interrogantes e meio que levantou as duas mãos abertas, na altura dos peitos, como quem pergunta: que fazer?

Não é que o homem aceitou o trato?

Lá se foi ele, naquele mesmo dia, de tarde, montado na sua besta [...] (Ribeiro, 2007, p. 199).

Na passagem citada, nota-se a questão do silêncio da mulher, oprimida pela lógica machista e patriarcal, assim como a sua condição ao ser trocada por bens materiais como se fosse uma mercadoria. A mulher, aparentemente, concordou em passar a viver sob a proteção de seu Filó, exatamente por ter abrigo, cuidados e, de acordo com os padrões da época, estar resguardada por um homem. Mariá, citada por Philogônio no contexto de sua confissão ao padre

Castroaldo, também se relacionou com o narrador. Ela era companheira do Cazé e, mesmo assim, isso não o impediu de possuir a mulher:

Eu e Mariá, que desde as Águas Claras fodíamos na frente dele [Cazé], continuamos fodendo, sem o menor resguardo. Ela, de fato, não era dele, era nossa. Fosse de dia, fosse de noite, quando dava vontade, encostávamos na rede e fodíamos. Enquanto isso a barriga dela crescia. Eu sabendo que não era meu. Ela sabendo que era do Cazé. O Cazé também sabendo que era o pai. Meu gosto maior naquele tempo, confesso, era todo dia levantar a saia dela, pra ver a barriga inchar e apalpar as partes dela estufadas. Assim, fui vendo aquela gravidez crescer cutucando a cabeça do menino com meu pau. No fim, só comia por trás, para não esmagar demais a pança preña.

[...]

Estava sempre ali, pronta para me abrir as pernas, mas meio indiferente. [...] Ela tinha a coisa meio seca e travada. Vencida a resistência, quando me via posto inteiro lá dentro, sentia como ela se aguava, melada. Mas era sempre muda, como se fosse proibida de gozar. E era: mulher direita não dá gaitada, goza calada (Ribeiro, 2007, p. 242).

Outro personagem que exemplifica o poder exercido pelos homens sobre as mulheres é o Domingos Caldeira (Dominguim), que também passou a abusar de mulheres que moravam na propriedade do Mulo: “[...] Dominguim fazia ponto na casa dele [Militão]. Lá estava como dono dando ordens, sem respeitar ninguém. Primeiro derrubava as negras pelos matos. Por último, deu de chamar em pleno dia, ali mesmo. Fodia Siriá na vista de quem quisesse ver” (Ribeiro, 2007, p. 175). Desse modo, infere-se a questão das normas e dos valores culturais diferentes para homens e mulheres, conforme explicitado por Swain (2009). No enredo, o poder dos homens tanto se concretizava por terem bens e dinheiro como pelo fato em si de serem do sexo masculino, o que já lhes credenciavam ao mando e à apropriação das mulheres, e de traçarem o destino delas. Ainda acerca dessa perspectiva de distinção entre homens e mulheres, o coronel dos Laranjos expôs o que ele caracterizou como regra de bem viver:

[...] Os homens na retidão. As mulheres na discrição.

Um homem precisa ter sua coragem, sem ousadias temerárias, nem fanfarronadas; uma coragem firme e visível, sem receio de ofensa nem agravo. Um homem precisa é ser reto e sério.

Mulher, não, com elas é diferente. Nelas cabem doçuras e dengos, desde que seja entre quatro paredes, no escuro. Fora daí, minha regra de bem viver pede às mulheres que sejam trabalhadeiras, sóbrias e discretas. Não devem é ser sisudas.

Numa dona cabem bem as alegrias. Cantorias mesmo, sem exagero, lá na cozinha, às vezes é bom de ouvir, escutando de longe a melodia. Também podem e até devem ser carinhosas, demonstrando ternura, sem perversões pecaminosas. É bonito ver uma mulher servido seu homem, cordial. Uma mãe amamentando criancinha; uma filha penteando a mãe; jamais o pai. Toques, não (Ribeiro, 2007, p. 336-337).

A partir dessas observações do narrador são evidenciadas as regras de convivência impostas pela sociedade patriarcal. Nelas, são citados o lar, o cuidado cordial com o esposo,

inclusive entre quatro paredes, no quarto do casal, e com filhos, exercendo a maternidade. E, sobretudo, a ocupação, com bom humor, do espaço da cozinha. Nesse sistema, a mulher é caracterizada como serva, considerada propriedade do homem, o que deixam impressas as marcas do patriarcalismo e da imposição machista.

Outro modo de os desejos sexuais aparecerem no texto está nas detalhadas descrições das relações que o narrador teve com a jumenta. Verifica-se, no entanto, um tom mais sucinto na cena em que Philogônio se refere ao pato branco que morreu por conta da relação com ele, bem como do troca-troca com Zabelê e o Joca, e da sua ação de ter cedido à imposição do major Maia. Voltando à atenção às mulheres, um exemplo das memórias de cópulas, que Philogônio rememora e registra, é a sua relação com a personagem Emilinha:

[...] Nunca vou esquecer Emilinha, seu padre. Podia eu não falar dela ao senhor? Jamais!

Nunca vi neste mundo, nem antes nem depois, mulher como aquela. Boa de cama não há outra, digo aqui ao senhor. Como é que digo uma coisa dessas? Sei lá. Quero dizer. Na cama, na rede, no chão, no ar, suspensa a tiracolo do meu pescoço, dela tirei os gozos mais fortes que senti. Emilinha ascendia em fogos cheirava tanto que perfumava a cama e o quarto. Era aquele odor de resina, de almíscar, doce, poderoso, medonho. Tanto que às vezes eu saía de dentro dela para me regalar na fonte dos óleos. E não era para ela não, que não sou disso. Era pra gozo meu, como nunca tinha tido antes. Nem nunca tive depois.

Por que, então, eu tratava Emilinha com tanto maltrato? Por que não guardei pra mim aquela mulinha? Sei lá. Aquela tesão acesa dela, aquela tesão minha nela, me esgotava, me desafiava. Demais. Eu sentia que não podia. Aquele agarramento era fatal. Um homem tem que se dar ao respeito. Não pode largar-se como um porco em gozações desassombradas. Homem que se respeita não é nenhum safado chupador de mulher regateira.

Com o enjão (*sic.*), dei para não servir a ela. Talvez por isso rejeitasse seus dengos com tanto ódio. Talvez sim. Talvez não. Sei não. Quem sabe?

[...]

Mas também sei que eu e Emilinha fomos bilros que até Deus haverá gostado de trançar, retramar, atrelar, acasalados (Ribeiro, 2007, p. 136-137).

O Mulo analisa a performance de uma de suas parceiras com propriedade, o que se justifica pelo quantitativo de suas relações com diferentes tipos de mulheres. Na citação anterior há referência aos cheiros e aos óleos utilizados por Emilinha. Percebe-se uma preocupação por parte da mulher em preparar um ambiente aconchegante e sensual; sabe-se que a nota de cheiro de almíscar, além do perfume que exala, é reconhecida por ser afrodisíaca, potencializando ainda mais o contexto da transa. Ao longo da narrativa, seu Filó cita que, em suas viagens, quando saía junto com Militão e os outros, conseguia encontrar parceiras para o sexo noturno. Nessas ocasiões, os homens mal enxergavam as mulheres, dadas as circunstâncias da ausência de iluminação nos acampamentos dos viajantes, como se pode compreender, a transa ocorre,

especificamente, para obtenção do prazer masculino e como forma de o sujeito afirmar a sua virilidade.

Pode-se dizer ainda que a relação com Emilinha, nas próprias palavras do coronel Castro Maya, o esgotava, o desafiava, gerando raiva nele. Fica nítido que a ameaça à perda de controle gera desconforto nele, mesmo dentro “das quatro paredes”, mesmo que sinta-se atraído, que gere prazer e o faça alcançar o orgasmo, ele quer e precisa ter o domínio da situação, simplesmente para fazer valer o seu poder de mando. A sonoridade e a associação em “Emilinha, mulinha”, para fazer par com “mulo”, denota o apego entre o narrador e a mulher. Em um determinado momento, ele diz que deu para não servir a ela, é como se, por meio do ato sexual, ela tivesse a possibilidade de dominá-lo.

Algo significativo, também, identificado a partir das reminiscências é a ejaculação precoce do narrador, caracterizada na obra como “pressa de galo”. Verifica-se que ele não dá muita importância para essa questão, mas há referência ao uso de banhos e panos quentes para estimularem a ereção, o que poderia ser uma espécie de terapia natural.

[...] Almerinda. Foi quem me ensinou a foder. Aquela mulherona, madura, bunduda, de peitos gordos, bonitos, pegou de rabicho comigo, o primeiro que tive na vida. Você tem tudo para homem Terê, o que estraga é essa pressa de galo, dizia. Até me fez ver um velho comendo ela, estirado em sacanagens que não são de contar: ela debaixo dele, ele debaixo dela, acabando embolados no chão um mamando no outro. Eu olhava pela porta entreaberta, me punhetando como um condenado (Ribeiro, 2007, p. 134).

Sob a premissa do poder e da sexualidade enquanto dispositivo, Foucault (1988) dissertou acerca da vontade de saber relacionada ao sexo, que gera nos indivíduos um prazer curioso e um curioso prazer ao falarem sobre sexo, que é parte constitutiva de todos os seres humanos. O filósofo explicitou que, na história do Ocidente, alguns traços relacionados ao sexo estão em jogo, como “a relação negativa”, “a instância da regra”, “o ciclo da interdição”, a “lógica da censura”, que constituem a lógica do poder sobre o sexo. Como forma de unidade desse dispositivo, o autor descreveu da seguinte forma:

[...] O poder sobre o sexo se exerceria do mesmo modo a todos os níveis. De alto a baixo, em suas decisões globais [...], não importando os aparelhos ou instituições em que se apóie (*sic.*), agiria de maneira uniforme e maciça; funcionaria de acordo com as engrenagens simples e infinitamente reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal à quinquilharia das punições quotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder. Essa forma é o direito, com o jogo entre lícito e o ilícito, a transgressão e o castigo. Quer se lhe empreste a forma do príncipe que formula o direito, do pai que proíbe, do censor que faz calar, do mestre que diz a lei, de qualquer modo se esquematiza o poder sob uma forma jurídica e se definem seus eleitos como obediência. Em face de um poder,

que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito, — que é “sujeitado” — é aquele que obedece. [...] (Foucault, 1988, p. 81).

Em vista disso, reitera-se que, no contexto do sertão, representado em *O Mulo*, o coronel dos Laranjos personifica o poder, percebido na lei do mando em exercício contínuo de autoridade, como se pode constatar a partir da descrição feita sobre o tempo em que viveu em Águas Claras, associada às suas práticas sexuais. “Eu ali vivia cercado de minha pretada. Nunca me faltou negro de serviço na tropa [...] Nem negra cozinheira. E, sobretudo, negrinhas pra meus bodeios. As pretas fornidas que comi não importa relembrar” (Ribeiro, 2007, p. 184). Nessa passagem, Philogônio confirma suas aventuras sexuais com mulheres pretas bem jovens (ainda molecas), inclusive descreve seu abuso de poder quando se apossou do corpo de Calu, contra a vontade dela. Calu foi a primeira mulher que o narrador “tirou a virgindade”: “[...] já pelado, abati Calu no chão e fiz, seu padre. Fiz. Meti o pau naquele sequinho dela que não me cabia. Calu gemeu baixinho, queixosa; eu entrei mais e gozei [...]” (Ribeiro, 2007, p. 185).

Consuma-se o estupro, portanto, submete-se a mulher à condição de presa abatida. Como se vê, novamente, desde o início, o narrador se preocupa apenas com o seu prazer. Em *Escrava, empregada ou meretriz? O papel da mulher negra no sertão pós-escravocrata*, estudo realizado por Maurício Alves de Souza Pereira (2020), o autor, ao fazer uma releitura de *O Mulo*, identificou que Darcy Ribeiro expôs, por meio de uma linguagem sem pudor e até pornográfica, a condição da mulher nos sertões mineiro e goiano. Nesse contexto, o pesquisador destacou que

A urdidura ficcional de Ribeiro recria não apenas aspectos históricos e coloniais, mas instiga, ainda, a pensar o humano e a perceber a luta constante pela sobrevivência num espaço em ruínas: o sertão, ameaçado pela modernidade que insurge sobre a cultura sertaneja, cujos conflitos são acentuados por questões políticas e econômicas que assolam não apenas o homem urbano, mas todos que estão de algum modo presos a esses sistemas, sobretudo [...] a mulher.

É notório, ao ler o romance de Darcy Ribeiro, a sensibilidade - ainda que de forma diferente, por meio da denúncia - pela causa feminina. Ao traçar o perfil da mulher e o seu papel na sociedade descrita, o autor nos convida, por meio de suas acusações ao sistema patriarcal, a refletir sobre a situação através do incômodo que nos causa em ver o nível de violência ao qual está submetida a figura feminina, de maneira especial as mulheres negras (Pereira, 2020, p. 27-28).

Também, o estudioso argumentou que, entre as mulheres que aparecem na narrativa, por meio da noção de *status*, se pode compreender “a sertaneja detentora de posses”, “as sertanejas pobres” e “as negras empregadas domésticas”. Nessa caracterização, siá Mia se enquadra no caso da detentora de posses, já Inhá e Mariá são identificadas pelo pesquisador como exemplo de escravas/empregadas domésticas. Há destaque, ainda, quanto à relação

vertical entre os gêneros no sertão; no caso da mulher negra, o estudioso constatou que ela não podia alcançar o papel de esposa, restando ser concubina ou meretriz: “[...] A negra estava para o senhor assim como uma coisa está para seu dono [...]” (Pereira, 2020, p. 27). Nesse contexto, o autor relembrou o caso que Inhá teve com um dos empregados de seu Filó, o Fico. Na cena referida, percebe-se que o coronel dos Laranjos só soube que a mulher, grávida de Fico, e este, fugiram assim que ele retornou de uma de suas viagens, mas vê-se que seu Filó, mesmo revoltado, não enviou nenhum de seus homens para procurar os traidores.

Feitas essas considerações, pode-se reafirmar a ausência de sentimento de amor por parte do narrador-personagem. Nessa perspectiva, constata-se que o coronel dos Laranjos também não foi amado por ninguém, parece que as relações pessoais ou amorosas desse sujeito ocorriam por meio de zoomorfismos. Isto é, as relações dão a impressão de que se efetivam como uma espécie de instinto, sem envolver sentimentos afetuosos. Outro aspecto significativo é o lugar dado às mulheres na narrativa (o espaço doméstico): a cozinha e o quarto são sempre citados. Isso está aliado à ocupação delas: costurar, arrumar a casa, preparar os quitutes. Nesse local, a ideia de uma mulher lidando com outros ofícios não é citada, assim como não se confere ao sexo feminino nenhum poder de mando, retratando um sertão bruto, patriarcal, desigual e machista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, sevir e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possesores e criar aqui uma sociedade solidária (Ribeiro, 2022, local 16).

A produção literária no e do Brasil é construída a partir dessa herança aqui referida na epígrafe acima, extraída das reflexões de Darcy Ribeiro. Destaca-se que, em razão da colonização, da escravidão, das influências, confluências e divergências, os discursos que constroem a literatura brasileira evidenciam a tensão fundante que marca uma identidade literária diversa, assim como diverso é o país. Afinal, o nacional foi construído com notas distintas, mas que fazem parte de melodias, por vezes mais harmônicas, por vezes dissonantes, por vezes mais violentas e díspares, muitas vezes litigantes, uma vez que é formado por vozes pretas, brancas, indígenas, pobres e ricas, do sul, sudeste, norte, nordeste e centro-oeste do país. Essas complexidades e diversidades desafiam os que se dedicam a estudar a literatura brasileira. Obviamente, no Brasil, uma das questões mais urgentes do ponto de vista político e até mesmo social e artístico é o combate às desigualdades, visto que ainda se fazem notórias as formas de abafar o som das vozes indígenas, pretas e de todas as pessoas miscigenadas.

É como se o barulho de uma parcela elitizada da população, que é minoria, silenciasse essas vozes. Felizmente as energias de discursos potentes aguçam a audição e consequentemente a visão de muitos, contribuindo para que prestem a devida atenção às reivindicações de direitos e à cobrança de cumprimento dos deveres do Estado. No presente, o Krenak fala, o Evaristo fala, eu falo, tu falas, ele fala, ela fala, nós falamos, vós falais, eles falam e elas falam. Dessa maneira, os sons repercutem e ecoam para todos os lados. Ressalta-se que a elaboração de uma dissertação, como requisito parcial para obter o título de mestre, pode até ocorrer em momentos particulares, mas o pensamento estruturado e posto aqui em forma de texto, por meio de múltiplos discursos, permite que se possa identificar, efetivamente, ações coletivas nesse percurso. O que abre espaço para dizer que os ecos de outros estudos, de fato,

se fazem observáveis neste trabalho, contribuindo para que o som seja fortalecido e se propague em outras pesquisas.

Destaca-se que, mesmo com os inúmeros processos de reflexão e transformação social, os incômodos manifestados por Darcy Ribeiro mostram-se atuais. Um exemplo disso é a insistência do autor em questionar o porquê o país não teria dado certo. E, ainda, como lembrou esse antropólogo-romancista, em discurso proferido quando da obtenção do título de doutor *Honoris Causa*, as razões que fizeram do Brasil se tornar o último país no mundo a acabar com a escravidão. Ao fazer suas análises a respeito dos impactos causados a partir do contato de europeus com os povos originários, Ribeiro destacou que, por intermédio da imposição da língua, da cultura, e principalmente da religião, ocorreram processos como a desindianização e a segregação. Como se sabe, a luta constante dos povos originários para permanecerem em terras que lhes pertencem por direito é interpelada por um senso capitalista, por parte de quem opta por explorar as matas e fazer com que o tom verde das árvores cortadas, que são transformadas em madeira para o comércio, seja substituído pela cor marrom das grandes extensões de terras.

Esse processo de segregação e desindianização está, por exemplo, em *O Mulo*, em cena forte, quando o narrador e o personagem Cazé invadiram algumas terras e envenenaram os nativos. Naquele contexto, seu Filó e seu parceiro expressaram um sentimento de superioridade em considerar os originários como se fossem “ninguém”, e muito menos donos do local. Nessa mesma direção, o direito à terra é questão fundamental no Brasil, pois ainda se veem territórios inexplorados, com o domínio de poucos, tornando grandes extensões de terras, por vezes, pouco produtivas. A partir desse contexto, a grande massa de trabalhadores sofre e acaba amontoando-se em aglomerados, vilas e favelas. Nesse sentido, Ribeiro propunha uma reforma agrária a fim de proporcionar equidade a todas as pessoas. Em *O Mulo*, no entanto, o que ele desvenda é o modo como essa acumulação capitalista da terra foi se dando como um processo de continuação da escravidão, conforme se vê no modo como Philogônio fala de como conquistou suas terras: invadindo terrenos aparentemente sem donos, assassinando índios e casando-se por interesse, por exemplo.

Outra questão muito presente na obra de Darcy Ribeiro é a formação étnica do povo brasileiro. Philogônio de Castro Maya insistentemente comenta sua relação com os negros e com os índios e como esses grupos foram subalternizados no processo de construção do patrimônio do coronel dos Laranjos. Na cena literária de *O Mulo*, o sertão aparece como palco das disputas por terras que legitimam a tomada de posse dos poderosos e mais fortes ao imprimirem seus nomes com sangue nos documentos que legalizam suas propriedades. Nesse

processo violento, o oprimido e mais pobre ou mais fraco acaba aceitando ficar junto com o opressor em busca de abrigo, aparente proteção e supostas condições de sobrevivência. Para além dessas questões fundiárias, da segregação social e econômica e da desindianização da população originária, a trajetória de Castro Maya é também marcada pelo abandono e pela bastardia. Em seu trajeto, de um menino sem nome a um coronel, o narrador nem chegou a conhecer a sua mãe, tampouco foi registrado por seu progenitor, embora tenha vivido com ele por algum tempo, e o tenha matado de forma cruel.

Esse menino ficou tal como uma “folha desprendida de um galho” e, de início, fadado a um destino incerto. Depois, valendo-se de nomes falsos, adquire certa consciência de que a força demonstrada em atos que revelam a brutalidade, equivale a uma mudança de perspectiva. Assim, de abandonado e rejeitado, Castro Maya passa a usar o medo e a força para obrigar os menos favorecidos a servirem-no como um senhor. Essas características do narrador fazem lembrar o processo de colonização, e a figura de Philogônio de Castro Maya retrata, como já dito, um personagem-tipo que representa a face do coronelismo no centro-oeste do país.

Nesse enquadramento, mesmo que na obra não sejam identificados escravos, o que se verifica são os negros que, após o fim da escravidão no Brasil, permaneceram à margem da sociedade, sendo tratados como escravos. É assim, como subalternos, que o Sr. Mulo mantinha junto dele negros assassinos que nunca tentaram contra a sua vida. Há, em certa medida, um senso de respeito àquele que garante a segurança, a casa, a comida e até as mulheres, desde que elas possam ser compartilhadas com ele. Desse modo, as mulheres, principalmente a mulher negra, são representadas na obra como objeto de consumo, restritas ao lar e aos cuidados com o companheiro e, por vezes, servindo, em vários sentidos, inclusive sexualmente, ao patrão. Há que se registrar, entretanto, que, como se procurou demonstrar, o narrador narra seu nascimento, abandono, suas conquistas e crimes, mas também narra sua decadência.

Essa decadência está marcada tanto pela perda da virilidade quanto pela infertilidade de Castro Maya, o que impossibilita que tenha filhos para consolidar seu poder por meio da descendência. Mesmo não conseguindo gerar descendentes, Philogônio se envolve em diversas relações sexuais, demonstrando seu poder e seu vício. O modo como escolhe o seu herdeiro é, mais uma vez, forma de reafirmar o poder dos mandatários, visto que pretende repassar os bens que tem a um representante de outra instituição que também representa o poder, a Igreja Católica. Sendo assim, pode-se pensar que a menção à Igreja e à fé católica, na obra, ocorre como modo de reforçar a lembrança das caravanas jesuítas que, nos anos de tomada de posse e de exploração do Brasil, propagaram a religião cristã e catequizaram os índios. No enredo, há

menção às igrejas, aos santos, aos padres, e aos comboios de sacerdotes que adentravam o sertão em busca de legalizar os casamentos e batizar os não batizados.

Retomando a ideia das estruturas de poder, constata-se o importante significado da escolha de um padre como interlocutor imediato no livro, uma vez que a figura do sacerdote representa o ato de seu Filó passar o bastão para alguém que terá condições de continuar mandando nos servos. E que, ainda, não deixará que os bens acumulados sejam furtados por outros poderosos. Um elemento importante, também, é a construção da narrativa na forma de confissão. Essa confissão, embora evocada como um sacramento da Igreja Católica, não se processa efetivamente, porque, afinal, o coronel dos Laranjos não tinha interesse em efetivá-la aos moldes do sacramento prescrito pela Igreja Católica, mas, ao contrário, ele constrói uma burla, com o intuito de apenas manifestar o desejo de não ser condenado pelos crimes-pecados cometidos.

Desse modo, fica explícita mais uma proposta de Darcy Ribeiro: evidenciar a noção de descristianização no processo colonizatório, dado que o narrador-personagem não tem nenhum interesse em alcançar a salvação e, por consequência, nenhum interesse em experimentar os efeitos da fé, necessária para a consolidação do sacramento. Identificou-se a vontade de Philogônio em permanecer vivo e desfrutando de todos os prazeres carnavais, voltando-se a uma espécie de sacralização de si mesmo. O que faz sentido para ele é poder permanecer mandando, com saúde, e com sua virilidade restabelecida.

Salienta-se, ainda, a percepção de um diálogo dessa obra com outros textos da literatura brasileira. Há vários momentos em que se pode perceber alguma alusão a autores da literatura produzida no Brasil. Mas o que parece mais significativo é a criação do narrador em primeira pessoa, um homem do sertão, presente em outras obras da literatura nacional.

Nesse sentido, o exemplo mais significativo é o de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos — no caso, os dois narradores (Paulo Honório e Philogônio) discutem o modo como assumem a tarefa da escrita em suas mãos. Mas, o que despontou enquanto possível novidade para a realização deste trabalho foi o modo/meio, ou seja, a maneira e os recursos pelos quais a ação de escrever acontece na obra *O Mulo*: estabelecendo-se como autobiografia ficcional, embora algumas críticas presentes no enredo sejam próximas de convicções perceptíveis na obra do antropólogo que a escreveu. Como se pôde demonstrar na análise feita, o narrador é um eu escorregadio, que se metamorfoseia, compara-se aos animais, iniciando como um rato e finalizando como um jacaré. Nessa troca de peles, o narrador adquire consciência do poder que pode ter, consegue se tornar poderoso. Se livra do nome “Trem”, aceita ser chamado de Terezo, passa a Terêncio, Philogônio e alcança uma titulação, legitimada por um título de eleitor, de

coronel Philogônio de Castro Maya. Nessa troca de couros, vê-se os deslocamentos do narrador e o aprofundamento do sistema social formado por opressores e oprimidos.

Trocada a última pele, seu Filó se consolida como um jacaré coronelão, dono de seu território, que elimina os mais fracos e se cuida para não ser liquidado pelos mais fortes do que ele. Pode-se dizer que o narrador é um sujeito precavido, é justamente por essa razão que ele se propõe à tarefa de rememorar e registrar. Aspecto esse que se observou como estratégia para ganhar tempo e aproveitar a oportunidade de rever a si mesmo, permanecer vivo, e registrar a sua existência para tentar se eternizar. O que se pode ver no romance, com toda a certeza, é um narrador feito de múltiplos eus, múltiplas peles, e que mimetiza as convicções do próprio autor que se compara às cobras, pelo fato de elas trocarem de peles. Os deslocamentos realizados tanto pelo sujeito ficcional quanto pelo sujeito empírico, justificados por uma busca por suas identidades, os impulsionam a transformarem-se e trocarem de “couros e de peles”, demarcando uma trajetória que, por si só, legitima e tende a eternizar, por meio da escrita, esses homens. E, ainda mais, demonstra a existência múltipla do eu, o que tensiona a locução em primeira pessoa, por questionar a ideia de voz única ao mostrar nitidamente o desdobramento do eu: o eu empírico e o eu ficcional.

No texto de Darcy Ribeiro, identificou-se que Philogônio se vale de um tempo — à espera da morte precoce que não chega — e de um espaço — a fazenda dos Laranjos — para fazer a revisão de sua trajetória de vida e ganhar tempo até que a “Indesejada das gentes” apareça. Nessa orientação, o material que o narrador registra, sua pseudo confissão em relação ao sacramento confessional da Igreja Católica, e o seu pseudo testamento servem de estratégia para que Philogônio de Castro Maya se justifique das culpas pelos crimes-pecados que cometeu: assassinato, abuso de mulheres, crianças e bichos. Desse modo, a tarefa de escrever a memória se efetiva, ainda, como desejo de eternizar-se nos papéis que se tornam, para um padre, testemunhos que legitimam a sua existência, caso ele (o padre) o leia. Esse processo desnuda o significado do poder de mando, e explicita a preocupação com os bens materiais e com uma existência eterna em vida terrena.

O Mulo é, sem dúvida, um personagem que desvela a brutalidade de uma sociedade patriarcal, machista, presente em um período de pós-colonialidade, modernidade, guerra e ditadura militar. Inclusive, pode-se supor que a questão religiosa, posta no discurso do narrador, surge como ironia e manifestação da ideia de tirar a figura de Cristo do centro e substituí-la pela figura do homem (senhor e amo), conforme constatado nos estudos encontrados sobre a obra. Dessa maneira, em muitas passagens do romance, Philogônio parece querer ser uma espécie de

deus e de profeta, “gastador de gente”, que se sente munido de um propósito divino para fazer “o mundo andar”.

Esta pesquisa contribuiu, ainda, para desvendar o entrelaçamento das obras literárias e antropológicas de Darcy Ribeiro. Pôde-se perceber que elas se mesclam e se complementam. Como procurou-se demonstrar nestas considerações finais, algumas teses de Ribeiro parecem estar presentes em sua ficção. Supõe-se que, no caso de *O Mulo*, há evidência de cenas que retomam ao processo de tomada de posse do território brasileiro e às formas de colonização que perduram até os dias de hoje, como a grilagem de terras, o extermínio dos indígenas e a condição subalterna de grande parte da população negra. O espaço rural revela não só a brutalidade, o poder e o gosto por mandar, mas também coloca os outros (menos favorecidos) em cena para mostrar suas condições de subalternidade, esta que se efetiva em razão da necessidade de proteção, lugar para morar e alimentar. O que confere ainda mais poder às minorias elitizadas, ou seja, os coronéis (grandes latifundiários).

Neste enquadramento, o romance também toca “no chão do sertão”, com todos os sujeitos que habitam aquele local marcadamente rural, questão essa que abre espaço à comparação entre os narradores Paulo Honório, em *São Bernardo*, Riobaldo em *Grande Sertão: veredas*, e Philogônio, em *O Mulo*. Nessa perspectiva, há uma memória coletiva e um tom universal no que concerne ao homem e às suas questões do interior, o que certamente se apresenta como tema de pesquisa futura.

Para além do que até aqui foi possível concluir, a pesquisa realizada revelou que há poucos estudos sobre *O Mulo*, e temas como a relação do pensamento do antropólogo com essa obra, a aproximação do enredo do livro com a história de formação de Goiás, e a questão da cisão do sujeito, própria da modernidade, presente no romance estudado, merecem ser considerados em estudos futuros. São também muito sugestivas as narrações dos sonhos do coronel dos Laranjos. Esses sonhos se constituem como um material relevante a ser trabalhado sob uma perspectiva psicanalítica, pois Philogônio expõe toda a sua pulsão em seus relatos acerca do que sonhou. Neles, geralmente, há uma conotação sexual, como se o inconsciente do narrador tentasse externar seus desejos reprimidos.

Ademais, a descoberta, ao final da narrativa, de que o narrador matou o seu próprio pai e que, de certa forma, o menino “Trem” se envolveu, na infância, mesmo sendo abusado, com uma das mulheres de Lopinho, que poderia ser sua mãe, é também matéria que merece investigação mais aprofundada. Face às inúmeras formas de ler o livro, outra abordagem significativa seria voltar o foco da análise à questão da confissão em âmbito jurídico. Ao chegar

ao término desta pesquisa, o que se abre são possibilidades para novas pesquisas e novos trabalhos para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões, Livros VII, X e XI**. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina. Covilhã: LusoSofia, 2008.
Disponível em:
https://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_vii_x_xi.pdf.
Acesso em: 03 jul. 2023.
- ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- ANDRADE, Siméia de Brito Oliva. **A identidade e o sujeito pós-moderno em O Mulo, de Darcy Ribeiro**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017. Disponível em:
https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/01/A-identidade-e-o-sujeito-p%C3%B3s_moderno-em-O-mulo-de-Darcy-Ribeiro.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.
- ARAUJO, Cristiano Santos. Confissões de Riobaldo e Philogônio: literatura e pensamento crítico de João Guimarães Rosa e Darcy Ribeiro. In: GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra *et al.* (org.). **Entrelaços**: rede de pesquisas e parcerias internacionais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 135-145. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/08/EBOOK_Entrelacos.pdf. Acesso em: 26 jul. 2023.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. Teoria da narrativa: posições do narrador. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, v. 31, n. 57, p. 9-43, set. 1998.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- BARBI, Bruno. **Homenagem**. Ilustração. Florianópolis, SC, 2023.
- BARBI, Bruno. **Rememorar e registrar**: o novo ofício do narrador em *O Mulo*. Ilustração. Florianópolis, SC, 2023.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. Revisão da tradução por Andréa Stahel Monteiro da Silva. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BÍBLIA Sagrada: contendo o Velho e o Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Várzea Paulista: Casa Publicadora Paulista, 2015.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Vila Isabel, n. 19, p. 20-28,

jan./abr. 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC#>. Acesso em: 10 mar. 2023.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO *et al.* **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 51-80.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O mágico de Montes Claros. **Carta: falas, reflexões, memórias**, Brasília, n. 16, p. 367, 1996.

CARVALHO, José Cândido de. **O Coronel e o Lobisomem**: deixados do oficial superior da guarda nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da praça de São Salvador de Campos dos Goytacazes. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano, [20--]. Disponível em:
https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1420-1532_po.html.
 Acesso em: 10 maio 2023.

CHAUVIN, Jean Pierre. Herança de Philogônio: a poética do mando em *O Mulo*, de Darcy Ribeiro. **Literatura e Autoritarismo**, [S. l.], n. 10, p. 1-7, 2007. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/73950>. Acesso em: 16 nov. 2023.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COELHO, Haydée Ribeiro. A cultura na perspectiva da Darcy Ribeiro e Ángel Rama. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 165-183, 2005. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50018>. Acesso em: 20 jun. 2023.

COELHO, Haydée Ribeiro (org.). **Darcy Ribeiro**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários da UFMG, 1997.

COELHO, Haydée Ribeiro. Darcy Ribeiro: enfrentamento e movimento da escritura, travessia de saberes e a vida por vir. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 64-81, jul./out. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/31710>. Acesso em: 19 maio 2023.

COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, Sílvia Helena; COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FERREIRA, Geraldo da Aparecida. Darcy Ribeiro: a literatura como reflexão sobre o exílio. **Revista Poiesis**, Montes Claros, v. 24, n. 1, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/article/view/6235>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FERREIRA, Geraldo da Aparecida. Deus perdoe o mal que habita em mim: uma leitura de *O Mulo*, de Darcy Ribeiro. **Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 17-30, dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.ponteditora.org/index.php/naus/article/view/808/821>. Acesso em: 31 dez. 2023.

FERREIRA, Geraldo da Aparecida. Não estamos em casa: abordagens a *O Mulo*, de Darcy Ribeiro. **Revista Araticum**, Montes Claros, v. 23, n. 1, p. 22-34, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/4215>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Organizado por Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GENTIL, Plínio Antônio Britto. **A educação pelo castigo, na perspectiva da religião católica e do direito penal**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2223?show=full>. Acesso em: 05 jan. 2024.

GOMES, José de Almeida. **Estudo dos Salmos**. Projeto Timóteo, [20--]. Disponível em: <https://projetotimoteo.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Salmos-Jose-de-Almeida-Gomes.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

HOMENAGEM prestada ao Senador Darcy Ribeiro, no Plenário do Senado, em 17.04.96. **Carta: falas, reflexões, memórias**, Brasília, n. 16, p. 376-386, 1996.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. v. 2, 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

KEPPE, Norberto da Rocha. **A consciência**. 2. ed. São Paulo: Proton Editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. **Estudos Históricos**: indivíduo, biografia, história. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 111-119, jul. 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2042>. Acesso em: 10 maio de 2023.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Organizado por Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEONE, Alexandre. Mamom: noções sobre riqueza entre os primeiros cristãos e os primeiros rabinos. **Cadernos de Sion**. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 5-23, 22 dez. 2021. Disponível em: <https://ccdej.org.br/cadernosdesion/index.php/CSION/article/view/26>. Acesso em: 04 jan. 2024.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

MATOS, Alessandro Aparecido Fagundes. O Brasil segundo os romances de Darcy Ribeiro: efeitos da colonização e a necessidade de redescobrimento. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE LINGUAGENS, 3.; SEMANA DE LETRAS, 21. 2019, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: UFMS, 2020. n. 2, p. 104-112. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/SIEL/article/view/9661>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MOREIRA, Gisele Jacon de Araújo Moreira. Um relato para lembrar Darcy Ribeiro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 154-165, jul./out. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/31718/22448>. Acesso em: 27 out. 2023.

O MAL que habita em mim. Compositores: Marcelo Nova; Robério Santana. In: Quem é você? [Álbum]. Banda Camisa de Vênus. Gravadora PolyGram, 1996. CD. Faixa 1.

NOVAES, Roberta Brandão; FREITAS, Emmanuel Oguri. Memórias do coronel: uma análise do romance “O Mulo”. In: MELO, Ezilda *et al.* (coord.). **Direito e literatura brasileira**. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020. Livro eletrônico. p. 228-240. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/14/o/9786587684345.pdf?1614105012>. Acesso em: 27 jul. 2023.

OLIVEIRA, Daniela Katêrine de *et al.* A temática da morte em “Consoada”, de Manuel Bandeira. In: EDITORA CIENTÍFICA DIGITAL. **Open Science Research V**. São Paulo: Editora Científica Digital, 2022. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220709416.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

OLIVEIRA, Elise Aparecida de. A literatura como interpretação do Brasil e da América Latina. **Aprender** - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, n. 28, p. 170-179, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/11831>. Acesso em: 14 nov. 2023.

OLIVEIRA, Elise Aparecida de. **Darcy Ribeiro ficcionista: leitura dos três romances pós-Maíra**. 2019. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-03032020-161925/pt-br.php>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos confins**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

PEREIRA, Maurício Alves de Sousa. Escrava, empregada ou meretriz? O papel da mulher negra no sertão pós-escravocrata. In: ROCHA, Denise (org.). **Representações da mulher nas literaturas de língua portuguesa**. Campo Grande: Editora Inovar, 2020. p. 22-28.

Disponível em:

<https://editorainovar.com.br/omp/index.php/inovar/catalog/download/37/39/111?inline=1#:~:text=O%20estudo%20REPRESENTA%C3%87%C3%95ES%20DA%20MULHER,os%20no%20%C3%A2mbito%20da%20lusofonia>. Acesso em: 25 out. 2023.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Narrativas memorialísticas: memória e literatura. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 432-448, ago./dez. 2011.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1648>. Acesso em: 03 maio 2023.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa em América Latina**. México: Siglo Veintiuno editores, 1982.

RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano**. Confirmação Humana de uma obra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 97. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização**. 7. ed. São Paulo: Global, 2022. *E-book*.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina: a pátria grande**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

RIBEIRO, Darcy. Doutor Honoris Causa em Copenhagen. **Carta: falas, reflexões, memórias**, Brasília, v. 2, p. 15-24, 1992.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, Darcy. Depoimento. In: COELHO, Haydée Ribeiro (org.). **Darcy Ribeiro**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários da UFMG, 1997.

RIBEIRO, Darcy. **Eros e Tanatos: a poesia de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

RIBEIRO, Darcy. Introdução a Maíra. In: RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. São Paulo: Global, 2014. *E-book*.

RIBEIRO, Darcy. **Migo**. 2. ed. São Paulo: Global, 2014. *E-book*.

RIBEIRO, Darcy. **O Mulo: romance**. 3. ed. Belo Horizonte: Leitura, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2022. *E-book*.

RIBEIRO, Darcy. **Testemunho**. São Paulo: Siciliano, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **Utopia selvagem**. 6. ed. São Paulo: Global, 2014. *E-book*.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTOS, Lincoln de Araújo. Ciência, literatura e educação: a utopia morena no pensamento social de Darcy Ribeiro. **Revista Brasileira de Educação**, Vila Isabel, v. 28, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/r44Y9S6g6MGnX6LQ8xjNsgv/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SENNA, Orlando. **O homem da montanha**. Leal Hermes (org.). São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

SILVA, Bianka de Andrade. **“Mitolinguagem” como forma do saber em Darcy Ribeiro**. 2022. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50597>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, Vera Lopes da. **O escritor como objeto de si: uma vertente na literatura contemporânea**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Vera Lúcia Nobre da. **Associação entre prazer gastronômico e prazer sexual em Migo, de Darcy Ribeiro: comida, transgressão e erotismo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2021. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2022/05/ASSOCIA%C3%87%C3%83O-ENTRE-PRAZER-GASTRON%C3%94MICO-E-PRAZER-SEXUAL-EM-MIGO-DE-DARCY-RIBEIRO-COMIDA-TRANSGRESS%C3%83O-E-EROTISMO-Vera.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVEIRA, Diego Omar. O povo brasileiro nos romances de Darcy Ribeiro. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, p. 223-237, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/3068/2050>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SPONFELDNER, Rhuan Maraçati. **Sigilo dos ministros de confissão religiosa: discussões sobre a prova no processo penal**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) - Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ivic.br/handle/123456789/948>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SWAIN, Tania Navarro. Os limites do corpo sexuado: diversidade e representação social. In: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Sexualidade**. Curitiba: SEED - PR, 2009. p. 121-129.

TEIXEIRA, Silvana. **Muares** - animais de carga resistentes, inteligentes, de fácil manejo e vida longa. Minas Gerais, [2013?]. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-criacaodecavalos/artigos/muares-animais-de-carga-resistentes-inteligentes-de-facil-manejo-e-vida-longa>. Acesso em: 20 out. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VALE, Viviane Rodrigues Ribeiro do. **A sexualidade periférica em O Mulo, de Darcy Ribeiro**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2020. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/05/A-SEXUALIDADE-PERIF%C3%89RICA-EM-O-MULO-DE-DARCY-RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

VIANNA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973-1974. 2 v.